



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO**

MANUELA BARRETO DE ARAÚJO

**SABERES, CONHECIMENTO E PRÁTICAS MEDICINAIS
TRADICIONAIS NA COSMOVISÃO INDÍGENA DOS POVOS
ORIGINÁRIOS KARIRI-XOCÓ, FULNI-Ô E FULKAXÓ:
UMA ANÁLISE COGNITIVA**

Salvador
2021

MANUELA BARRETO DE ARAÚJO

**SABERES, CONHECIMENTO E PRÁTICAS MEDICINAIS
TRADICIONAIS NA COSMOVISÃO INDÍGENA DOS POVOS
ORIGINÁRIOS KARIRI-XOCÓ, FULNI-Ô E FULKAXÓ:
UMA ANÁLISE COGNITIVA**



Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Difusão do Conhecimento.

Áreas de Concentração: Modelagem da Geração e Difusão do Conhecimento

Linha 3- Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (in) formação.

Orientador: Prof. Dr. José Cláudio Rocha
Coorientação: Dra. Liliana Santos

Salvador
2021

Araújo, Manuela Barreto de.

Saberes, conhecimento e práticas medicinais tradicionais na cosmovisão indígena dos povos originários Kariri-Xocó, Fulni-Ô e Fulkaxó : uma análise cognitiva / Manuela Barreto de Araújo. - 2021.

200 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. José Cláudio Rocha.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Liliana Santos.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2020.

1. Indígenas - Medicina. 2. Saber. 3. Promoção da saúde. 4. Difusão do conhecimento. 5. Índios Kariri-Xocó. 6. Índios Fulnió. 7. Índios Fulkaxó. 8. Cognição - Análise. I. Rocha, José Cláudio. II. Santos, Liliana. III. Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento. IV. Título.

MANUELA BARRETO DE ARAÚJO

SABERES, CONHECIMENTO E PRÁTICAS MEDICINAIS TRADICIONAIS NA
COSMOVISÃO INDÍGENA DOS POVOS ORIGINÁRIOS KARIRI-XOCÓ, FULNI-Ô E
FULKAXÓ: UMA ANÁLISE COGNITIVA

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutora em
Difusão do Conhecimento, na Universidade Federal da Bahia, à seguinte banca
examinadora:

Aprovada em: 15/12/2020

Prof. Dr. José Claudio Rocha – Orientador
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Liliana Santos - Co-Orientadora
Doutora em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva- UFBA
Professora do Instituto de Saúde Coletiva –UFBA

Profa. Dra. Leliana Santos Sousa
Doutora em Ciências da Educação pela Université Vincennes Saint-Denis Paris 8 – França
Professora da Universidade do Estado da Bahia- UNEB

Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia -UFBA
Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof. Dr. Alcindo Antônio Ferla
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS

Seja um anjo! Enxerga dentro de si e através de um irmão. Esse anjo me disse: Torne-se um anjo também, pois nesse alguém reside à força do bem, o bem sem olhar a quem. Para querer dar para quem não tem um sorriso ou um amém, para além do além, sem preconceito de ninguém. Não sabia que era possível, eu um anjo também? Como assim, se sou tão imperfeito? ... encontre a escola da alma e passe a frequentar, aprender a transmutar, ficar leve, irradiar. O anjo não é um ser, mas um estado de consciência...

Um Anjo na Terra - Bruno J. Guimenes/ Recebido Espiritualmente

Sou Grata

Ao pai celestial, a mãe terra, ao universo, aos meus mentores espirituais meu anjo protetor e guardião, as energias do amor incondicional de Jesus Cristo e Mãe Maria, aos protetores seres de luz os orixás em especial a Yemanjá, Oxóssi, Iansã, Ossain e Omolú por fortalecer minha fé na busca dos meus ideais. Á Fraternidade Branca pelas descobertas e expansão de consciência, em especial aos mestres ascencionados Mestra Nada, Mestre Hilárion e Mestre Saint Germain.

Ao Arcanjo Miguel, Uriel, Gabriel e Rafael pela presença e proteção amorosa incondicional.

De forma incondicional e com muito amor aos meus pais materiais e neste momento (in memoriam), Miguel Honorato de Araújo e Syleid Barreto de Araújo, pela dedicação, sabedoria, amor e por permitir ao universo conjecturar para a minha encarnação. Amo vocês para sempre! Meus maiores alicerces para vencer os desafios que encontrei.

Às minhas filhas, Melissa Barreto de Araújo Gomes e Marcella Luana Barreto de Araújo Gomes e ao meu filho Cauã Barreto Paranaguá, pelo amor e felicidades vividas, por me darem a oportunidade de exercer meu papel de mãe e pelo amor a cada gesto. Os desafios foram muitos, mas necessários, para explicitar o quão é importante viver em harmonia com os nossos propósitos! Grata a Deus pela luz e força de vocês! Amo para sempre!

Ao meu filho mais velho, irmão e amigo Gilmar Reis por cuidar da minha unidade familiar com amor e dedicação, sendo parceiro nos meus desafios e na minha missão de vida. Conte comigo sempre.

Á minha instituição que atuo profissionalmente a Universidade do Estado da Bahia, por me possibilitar estudar e desempenhar meus afazeres profissionais e humanos.

Ao meu orientador, José Claudio Rocha, pela compreensão a cada momento que vivi. Pela sua dedicação, excelência acadêmica-científica, competência e sabedoria. Você é um exemplo de SER humano! Que os deuses permitam você exercer sua caminhada cocriadora-criativa que soma com a proposta de um mundo melhor!

À minha coorientadora Liliana Santos pelo amor e respeito. Uma flor que exala dedicação, sabedoria e seriedade, recheadas de tranquilidade e competência.

À amiga e professora pesquisadora dos saberes tradicionais, Leli que anos atrás, 2006, me fez o seguinte convite: “Manu quer ir a uma Reserva Indígena com a minha turma?” “Simmmmm!” Aí já viu! Um elo cósmico reacendido com a chama do amor. Gratidão Leli, que sua trajetória continue sendo de muita luz e realizações.

À minha família material por me permitir desenvolver por meio dela as dificuldades, desafios e vitórias. Por me permitir ter maior tomada de consciência perante as diversidades, escolhas pessoais, profissionais e labutas. Por me fazer fortalecer na fé um caminho de amor, paz, abundâncias e prosperidade. Em especial nesses quatro anos de estudo, Camila e Catarina, sobrinhas que me deram força, tão jovens, mas que me ensinaram com amor fortalecer a minha caminhada na resiliência. À minha afilhada Isabela pelos sorrisos, abraços e fugidas para me pedir uma benção.

Às minhas amigas sou grata pelas palavras e gestos de motivação, em especial Leila Mara, Carla Renata, Leliana Sousa, Ticiania Mesquita, Monalisa, Cláudia Sousa, Selma Soares pelo amor, pela convivência cotidiana e por me ajudar em vários momentos de dificuldades.

Ao trabalho competente e amoroso das amigas: Gisele Rocha, que atuou como *designer*, a Ju Lourenço e Valuza Saraiva pela mediação do ponto focal e Letícia pela produção de áudio e vídeo do ponto focal.

Aos meus amigos, Carlos Paranaguá e Cléber Santos pelos momentos de escuta e fazimentos em busca de equilíbrio e paz.

Aos colegas e amigos (as) do CRDH-UNEB em especial a nossa querida Denise Freitas, Ju Lourenço, Everton Terra Nova, Jomária Queiroz, Felipe Bomfim pelas palavras e apoio durante esta caminhada.

A Caravana Esperança pelo responsável convívio que me possibilitou caminhos da autocura e aprofundamento nas áreas que norteiam a minha missão de vida.

À Sete Penas por vivenciar a sabedoria indígena de forma transcendental e pura.

Aos meus irmãos e parentes da etnia Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó, pela presença incansável e extrema sabedoria em lidar com o sagrado e com o mundo acadêmico, sem desconsiderar a proposta maior que é contribuir para um mundo melhor. Em especial, a Wakay e sua unidade familiar (Ketsan, Wykan, Yetsamy, Rayra, Yassury e Wakayran), ao irmão de alma Kwayá, a irmã de alma a pequena

grande guerreira Kawany, a Tchô Birrinha, a Xycê, a Tywá, a Lymbo, a Tafkesky-á, a Vanvan, a Tkawanã e sou grata a minha criança interna, por me mostrar outros olhares, outras decisões, desvelando as possibilidades e sendo firme me alimentando de coragem e amor nesta trajetória.

ATHXA EIÁ

YASSANHONEKA OWA ATHXAKE ECHYNEDWASE YAKHÊ

(NÓS SE UNIMOS A ESSA PALAVRA CONTADA DE NÓS)

Uunimã thxwá yatx'txo noka,

otxaitoa sato eehatxonete.

Ya-nãatoa Yakefleklasato

saahatxo nekyaka.

Wa kowdjo tha-thet'kyanoka eek'dete ya-setsōodoa

satxoneka athwá lai.

I'fet'fekase setso Sato -ke Fulni-ô nede kariri-xocó,

nemã ifet'fekanokai iekdete, wapelake ikaakyase, etxikya nokai

setso etx'txo noseitaiké,inãkya noka athwá setedesá

eefea-he,nemã yasatxwise uunimã,yak'dehoasato-de ya- futxiase.

Eedjadwa ed'doase ya setsoodoa Kofea Athxwá Sato, eesô sato ya

sathatx'nete noka.

I'fet'fekase setso Sato -ke Fulni-ô nede kariri-xocó,

nemã ifet'fekanokai iekdete, wapelake ikaakyase,

etxikya nokai setso etx'txo noseitaiké,inãkya

noka athwá setedesá eefea-he,nemã yasatxwise uunimã,yak'dehoasato-de

ya- futxiase.

Eedjadwa ed'doase ya setsoodoa Kofea Athxwá Sato,

eesô sato ya sathatx'nete noka. setsô sato ehtxo, sek'deka,

sek'deka klá, Yassanhonka owa-athxake owca ayam,

echynedwaefê.

atxa ekhedese takhyne, iykdkha, eykafyllê

Athaxa tiinedwa: setsô sato ehtxo, sek'deka, sek'deka klá, Kariri-xocó, Fulni-ô,

Fulkaxó sek'deka lulya

ARAÚJO, Manuela Barreto de. **Saberes, conhecimento e práticas medicinais tradicionais na cosmovisão indígena dos povos originários Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó: uma análise cognitiva.** 212 f. 2020. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, Laboratório Nacional de Computação Científica – Lncc/Mct, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, FIEB/SENAI/CIMATEC, Salvador, 2020.

RESUMO

A produção de saúde, na contemporaneidade, está constituída por saberes e tecnologias de diferentes naturezas. Com a emergência e a hegemonia dos saberes biomédicos, diferentes racionalidades, saberes e práticas de produção de saúde, inclusive muito anteriores à biomedicina, foram sendo naturalizada a concepção de que a saúde se relaciona ao corpo biológico e é voltada a essa dimensão que as iniciativas de cuidado são predominantemente voltadas. Entretanto, coexistem diferentes formas de compreender a saúde, seja nas dimensões de sua racionalidade, seja na articulação de saberes tradicionais e ancestrais. A coexistência é constringida, frequentemente, por estratégias de difusão que hierarquizam os saberes e as práticas e, não raro, combatem e exterminam aqueles que não respondem à vigência atual, como os saberes da medicina tradicional indígena. Esta pesquisa tem como objetivo principal compreender as práticas, saberes e conhecimentos indígenas através de sua medicina tradicional. Esses saberes e as práticas que eles embasam se articulam com a natureza, constituindo um ambiente multirreferencial de aprendizagem e possibilitando a produção e difusão de conhecimentos oportunos para a sociedade. O campo empírico foi desenvolvido por meio da observação e vivência das práticas dos povos Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó, sendo realizada predominantemente na Reserva Thá-fene em Lauro de Freitas-Bahia. O problema de pesquisa foi como a difusão do conhecimento da medicina tradicional indígena pode contribuir para promoção da saúde e qualidade de vida das pessoas? Para dar conta de alcançar este intento e analisar as informações produzidas no campo empírico, foi escolhida como trilha metodológica a perspectiva multirreferencial. Foram utilizadas como técnicas de coleta de dados a análise documental, a pesquisa bibliográfica e a investigação participante. Os dados foram produzidos por meio de grupo focal, observação e diário de campo, registrados em gravador, máquina fotográfica e filmadora. Os dados foram tratados por intermédio de triangulação de fontes. Para embasar o estudo, foram produzidos diálogos com teorias originadas de autores indígenas, teóricos da complexidade, multirreferencialidade, polilógica, do campo morfogênico e de formulações sobre a energia plantas, que permitem a compreensão da natureza e sua relação com o ser humano como entidade biológica, social, afetiva, psicológica/emocional, espiritual, que são constituintes da diversidade de corpos. Entre os principais resultados produzidos, destaca-se a elaboração de uma representação gráfica em forma de mandala/constelação fito galáctica, que representa o conjunto de saberes, práticas e conhecimentos que orientam os processos saúde-doença-cuidado na perspectiva indígena, a constituição, em interação com os indígenas, de um espaço/conjunto de referências e ações,

chamado “OWCA AYAM”, concebido como um espaço multireferencial de aprendizagem (AMA), e destinado ao cuidado e ações educativas em saúde, na perspectiva indígena, o que vem possibilitando o desenvolvimento de ações intersetoriais envolvendo o cuidado em saúde, a educação não formal e o exercício da cidadania. O desenvolvimento deste estudo propiciou a abertura de diálogos e ações que transcendem à produção científica, o que certamente não se esgotará com o final formal deste estudo.

Palavras-chave: Medicina tradicional indígena. Saberes. Difusão do conhecimento. Kariri-xocó. Fulni-ô. Fulkaxó. Análise cognitiva.

ARAÚJO, Manuela Barreto de. **Traditional medicinal knowledge, knowledge and practices in the indigenous worldview of the indigenous peoples Kariri-Xocó, Fulni-ô and Fulkaxó: a cognitive analysis.** 212 f. 2020. Thesis (Multi-institutional and Multidisciplinary Doctorate in Diffusion of Knowledge) - Faculty of Education, Federal University of Bahia - UFBA, Federal Institute of Science and Technology of Bahia - IFBA, National Laboratory for Scientific Computing - Lncc / Mct, University of the State of Bahia - UNEB, State University of Feira de Santana - UEFS, FIEB / SENAI / CIMATEC, Salvador, 2020.

ABSTRACT

Contemporary health production is constituted by knowledge and technologies of different natures. With the emergence and hegemony of biomedical knowledge, different rationalities, knowledge and health production practices, even much earlier than biomedicine, the conception that health is related to the biological body has been naturalized and it is turned to this dimension that initiatives of care are predominantly focused. However, different ways of understanding health coexist, either in the dimensions of its rationality, or in the articulation of traditional and ancestral knowledge. Coexistence is often constrained by diffusion strategies that hierarchize knowledge and practices and, not infrequently, fight and exterminate those who do not respond to the current validity, such as the knowledge of traditional indigenous medicine. This research has as main objective to understand the practices, knowledge and indigenous knowledge through its traditional medicine. These knowledges and the practices they are based on are articulated with nature, constituting a multi-referential learning environment and enabling the production and diffusion of knowledge appropriate for society. The empirical field was developed through observation and experience of the practices of the Kariri-Xocó, Fulni-ô and Fulkaxó peoples, being carried out predominantly in the Thá-fene Reserve in Lauro de Freitas-Bahia. The research problem was how can the dissemination of knowledge of traditional indigenous medicine contribute to promoting people's health and quality of life? In order to achieve this goal and analyze the information produced in the empirical field, the multi-referential perspective was chosen as the methodological trail. Document analysis, bibliographic research and participatory research were used as data collection techniques. The data were produced by means of a focus group, observation and field diary, recorded in a recorder, camera and video camera. The data were treated by means of triangulation of sources. To support the study, dialogues were produced with theories originated from indigenous authors, theorists of complexity, multi-referentiality, polylogic, from the morphogenetic field and from formulations about plant energy, which allow the understanding of nature and its relationship with human beings as a biological entity, social, affective, psychological / emotional, spiritual, which are constituents of the diversity of bodies. Among the main results produced, we highlight the elaboration of a graphic representation in the form of mandala / phyto-galactic constellation, which represents the set of knowledge, practices and knowledge that guide the health-disease-care processes in the indigenous perspective, the constitution, in interaction with the indigenous people, from a space / set of references and actions, called "OWCA AYAM", conceived as a multi-referential learning space (AMA), and destined to the care and educational actions in health, in the indigenous perspective, which comes

enabling the development of intersectoral actions involving health care, non-formal education and the exercise of citizenship. The development of this study led to the opening of dialogues and actions that transcend scientific production, which certainly will not end with the formal end of this study.

Keywords: Traditional indigenous medicine. Knowledge. Knowledge diffusion. Karirixocó. Fulni-ô. Fulkaxó. Cognitive analysis.

ARAÚJO, Manuela Barreto de. **Conocimientos, conocimientos y prácticas medicinales tradicionales en la cosmovisión indígena de los pueblos indígenas Kariri-Xocó, Fulni-ô y Fulkaxó: un análisis cognitivo.** 212 f. 2020. Tesis (Doctorado Multinstitucional y Multidisciplinario en Difusión del Conocimiento) - Facultad de Educación, Universidad Federal de Bahía - UFBA, Instituto Federal de Educación Científica y Tecnológica de Bahía - IFBA, Laboratorio Nacional de Computación Científica - Lncc / Mct, Universidad del Estado de Bahía - UNEB, Universidad Estadual de Feira de Santana - UEFS, FIEB / SENAI / CIMATEC, Salvador, 2020.

RESUMEN

La producción sanitaria contemporánea está constituida por conocimientos y tecnologías de distinta índole. Con el surgimiento y hegemonía del conocimiento biomédico, diferentes racionalidades, prácticas de producción de conocimiento y salud, incluso mucho antes que la biomedicina, se ha naturalizado la concepción de que la salud está relacionada con el cuerpo biológico y se vuelve a esta dimensión que las iniciativas de atención están predominantemente enfocados. Sin embargo, conviven diferentes formas de entender la salud, ya sea en las dimensiones de su racionalidad, bien en la articulación de saberes tradicionales y ancestrales. La convivencia suele verse constreñida por estrategias de difusión que jerarquizan conocimientos y prácticas y, no pocas veces, luchan y exterminan a quienes no responden a la vigencia actual, como los conocimientos de la medicina tradicional indígena. Esta investigación tiene como principal objetivo comprender las prácticas, conocimientos y saberes indígenas a través de su medicina tradicional. Estos conocimientos y las prácticas en las que se basan se articulan con la naturaleza, constituyendo un entorno de aprendizaje multireferencial y posibilitando la producción y difusión de conocimientos oportunos para la sociedad. El campo empírico se desarrolló a través de la observación y experiencia de las prácticas de los pueblos Kariri-Xocó, Fulni-ô y Fulkaxó, desarrollándose predominantemente en la Reserva Thá-fene en Lauro de Freitas-Bahia. El problema de la investigación fue ¿cómo puede contribuir la difusión del conocimiento de la medicina tradicional indígena a promover la salud y la calidad de vida de las personas? Para alcanzar este objetivo y analizar la información producida en el campo empírico, se eligió la perspectiva multireferencial como camino metodológico. Se utilizaron como técnicas de recolección de datos el análisis de documentos, la investigación bibliográfica y la investigación participativa. Los datos fueron producidos por medio de un grupo focal, observación y diario de campo, registrados en una grabadora, cámara y videocámara. Los datos fueron tratados mediante triangulación de fuentes. Para sustentar el estudio se produjeron diálogos con teorías provenientes de autores indígenas, teóricos de la complejidad, multireferenciales, polilógicos, del campo morfogénico y de formulaciones sobre la energía vegetal, que permiten la comprensión de la naturaleza y su relación con el ser humano como entidad biológica, sociales, afectivos, psicológicos / emocionales, espirituales, que son constituyentes de la diversidad de cuerpos. Entre los principales resultados producidos, destacamos la elaboración de una representación gráfica en forma de mandala / constelación fito-galáctica, que representa el conjunto de saberes, prácticas y saberes que orientan los procesos salud-enfermedad-atención en la perspectiva indígena, la constitución, en interacción con los pueblos indígenas,

desde un espacio / conjunto de referencias y acciones, denominado “OWCA AYAM”, concebido como un espacio de aprendizaje multireferencial (AMA), y destinado a las acciones asistenciales y educativas en salud, en la perspectiva indígena, que viene posibilitando el desarrollo de acciones intersectoriales de salud, educación no formal y ejercicio de la ciudadanía. El desarrollo de este estudio propició la apertura de diálogos y acciones que trascienden la producción científica, que ciertamente no terminarán con el final formal de este estudio.

Palabras-clave: Medicina tradicional indígena. Conocimiento. Difusión del conocimiento. Kariri-xocó. Fulni-ô. Fulkaxó. Análisis cognitivo.

LISTA DE SIGLAS

AMA	Ambiente Multireferencial de Aprendizagem
ANCO	Análise Cognitiva
CRDH	Centro de Referência em Humanidades
DCH-I	Departamento Ciências Humanas Campus I
DMMDC	Doutorado Multidisciplinar Multi-Institucional Difusão de Conhecimento
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GEEDR	Grupo de Pesquisa em Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISC	Instituto de Saúde Coletiva
LPSECT	Linha de pesquisa em Saúde, Espiritualidade e Comunidades Tradicionais
MS	Ministério da Saúde
OBEDHUC	Observatório da Educação em Direitos Humanos
OMS	Organização Mundial de Saúde
PROEX	Pró Reitoria de Extensão
RBA	Abordagem baseada em Direitos
SECT	Saúde, Espiritualidade e Comunidades Tradicionais
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Categorias da Mandala/Constelação Fito Galáctica.....	29
Figura 2: Espaços Sagrados onde acontecem os Rituais na Reserva Thá-fhene.....	71
Figura 3: Visita de campo com Wakay, na sede da Reserva Thá-fhene.....	77
Figura 4: Roda de Cura Indígena, realizada na UNEB em 26/04/2018, com Kwayá .	78
Figura 5: Ritual do Toré realizado na Reserva Thá-fhene pelos Kariri Xocó/Fulni-ô/Fulkaxó.....	82
Figura 6: As linguagens escritas nas paredes da sede da Reserva Thá-fhene.....	83
Figura 7: Dia de Pesquisa Campo em 2017 na Reserva Thá-fhene. Diálogo com o nativo da etnia Kariri-Xocó com nome Lyombo.....	85
Figura 8: Imagem da Maraca ritualmente oferecida para autora pelas etnias estudadas, para a mesma realizar as vivências e estudos dos Caminhos da Maraca	93
Figura 9: Categorias da Mandala/Constelação Fito Galáctica.....	99
Figura 10: Sementes de Mulungu uma das utilizadas na feitura das maracas.....	108
Figura 11: Fogueira realizada no dia da pintura corporal pelo Jenipapo.....	116
Figura 12: Fabricação da tintura/pigmento do Jenipapo na Reserva Thá-fhene.....	120
Figura 13: O sistema de sete camadas do corpo áurico (diagnóstico por imagem), retirado do livro Mãos de Luz - um guia para cura através do campo de energia humano.....	123
Figura 14: Localização dos chakras (diagnóstico por imagem), retirado do livro Mãos de Luz- um guia para cura através do campo de energia humano.....	125
Figura 15: Os sete tchacras, vistos de frente e de costas (diagnóstico por imagem), retirado do livro Mãos de Luz- um guia para cura através do campo de energia humana.....	126
Figura 16: Os tchakras maiores e a área do corpo que eles atuam, retirado do livro Mãos de Luz- um guia para cura através do campo de energia humana. Adaptado o designer da tabela pela autora, onde cada cor está relacionada a cor energética do tchacra.....	127
Figura 17: Espiral da criação do conhecimento.....	133
Figura 18: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 1- O “EU SOU”.....	134
Figura 19: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 2- As Micros Intersecções....	139

Figura 20: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 3 - As macros intersecções/Desenvolvimento Campo Morfogénico.....	140
Figura 21: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 4- A Terra / FÊ-A - no dialeto Yathê.....	141
Figura 22: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 5- A Água/OYA -no dialeto Yathê.....	144
Figura 23: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 6 - O Ar/Wenê -no dialeto Yathê.....	151
Figura 24: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 7 - O Fogo/TOWE - no dialeto Yathê.....	152
Figura 25: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 8- A Vida- Diversas Possibilidades/ Metamorfoses/transmutações	156
Figura 26: Mandala/Constelação Fito Galáctica integralizada.....	158
Figura 27: Tabela de Ervas Medicinais construído autora e co-autoria de Wakay e Kwayá	165
Figura 28: Tabela da Junção de Ervas Medicinais utilizados pelas etnias Kariri Xocó-Fulni-ô-Fulkaxó.....	166
Figura 29: Mandala/ Constelação Fito Galáctica Versão Caminhos da Maraca (Owa matydy tsaka dê)	173
Figura 30: Encontro para diálogo das Medicinas na Owca Ayam com Wakay e Tchôbirrinha (2019).....	197
Figura 31: Realização do Símbolo Sagrado por Wakay (03.06.2019), vivência para as reflexões das trilhas deste trabalho. Pintura realizada por Manuela /Madjowane	198
Figura 32: Intercambiando saberes. Visita com os indígenas no Museu Pelourinho-SSa/BA.....	198
Figura 33: Momentos na Mata, movimentos das medicinas indígenas na Aldeia Fulkaxó: Rayra e Yetsâmy	199
Figura 34: Roda de diálogos com toré.....	200

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: A ÁRVORE MORA NA SEMENTE	21
1 INTRODUÇÃO	23
1.1 MOVIMENTOS IMPULSIONADORES	23
1.2 A ARTESANIA TECNOLÓGICA DA TESE	28
1.3 A TESE DOCUMENTO E SEU PERCURSO	34
2 ÁGUA: ALIMENTO TEÓRICO	37
2.1 COMPLEXIDADE	37
2.2 CAMPOS MORFOGENÉTICOS	42
2.3 POLILÓGICA	54
2.4 RACIONALIDADES EM SAÚDE	56
3 TERRA MÃE: PONTO DE PARTIDA E A ESCOLHA DOS OLHARES	63
3.1 MEDICINA INDÍGENA BRASILEIRA: BREVE HISTÓRICO E VERTENTES DE PENSAMENTO	60
3.2 PERCORRENDO TRILHAS E ROTAS DA MEDICINA INDÍGENA KARIRIXOCÓ/ FULNI-Ô/FULKAXÓ: ASPECTOS METODOLÓGICOS	71
3.3 ANÁLISE COGNITIVA	88
4 AR: CAMINHOS METODOLÓGICOS	93
4.1 TRILHAS E CAMINHOS - OLHAR	102
4.2 TRILHAS E CAMINHOS – PENSAR	104
4.4 TRILHAS E CAMINHOS - AVALIAR	110
4.5 CAMINHOS DA MARACA	111
5 FOGO	116
5.1 AS CHAMAS DAS ERVAS E PLANTAS	116
5.2 FITOTERAPIA	117
5.3 FITOENERGÉTICA	117
6 VIDA	130
6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA MANDALA/CONSTELAÇÃO FITO GALÁCTICA	130
6.2 CONCLUSÃO: UM MOMENTO QUE NÃO FINDA, MAS DE ABERTURA PARA A MESTRIA DO VIVER	167
REFERÊNCIAS	181
ANEXO A - TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	193

ANEXO B - PERGUNTAS QUE ERAM REALIZADAS NAS VIVÊNCIAS.....	195
ANEXO C - PERGUNTAS NAS RODAS DE AUTOCURA.....	196
ANEXO D - IMAGENS DE CAMPO	197

APRESENTAÇÃO: A ÁRVORE MORA NA SEMENTE

Entender ou definir exatamente o que estamos fazendo aqui e o que queremos desta experiência chamada vida, nos ajuda a rejeitar escolhas que não estão alinhadas com nosso propósito, evitando que percamos tempo valioso fazendo coisas que não nos acrescentam nada.

(Patrícia Muller).

O presente estudo surgiu da minha atuação como professora extensionista da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), diante de diversas atuações na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), por meio das ações como gestora, coordenadora e executora de projetos e programas em promoção da saúde e qualidade de vida para comunidade interna e comunidade externa da universidade.

Outro ponto marcante é pela realidade unebiana de multicampis e as ocorridas peregrinações multicampais, em especial, imbricadas com a temática: a medicina tradicional indígena e suas contribuições para a saúde na contemporaneidade. Os campis de maior aproximação, que geraram encontros e ressoaram com esta temática, foram de grande relevância para este estudo foram os de Teixeira de Freitas, Paulo Afonso e Salvador.

Nesses espaços, vivenciamos momentos e trocas intensas com as comunidades tradicionais indígenas, nos possibilitando questionar sobre as diversas impossibilidades que esses povos enfrentam no cotidiano para viver em conexão com sua cultura.

Ao aproximar do Mestrado em Políticas Públicas da UNEB, por meio do Grupo de Pesquisa em Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional, a relação com essa temática foi ficando cada vez mais presente em minha trajetória como docente e pesquisadora.

A convivência com os povos indígenas, pelos seus afazeres, suas práticas, seus modos de viver, seus pensamentos, seus devaneios, suas vidas, sua ancestralidade, seus direitos, seus deveres, suas dificuldades, seus ensinamentos e suas sutis ações por meio de sua tradicional medicina, nos trouxeram/aprofundaram o desejo de pesquisar.

Esse percurso fortaleceu o olhar que anteviu as possibilidades da difusão desses saberes, reconhecendo a importância para o equilíbrio morfogenético dos indivíduos contribuindo para uma realidade em autoconhecimento e autoconsciência

somando para o desenvolvimento da humanidade e corroborando para um olhar inclusivo referente às possibilidades de auto cura pela medicina tradicional indígena.

Na contemporaneidade, o conhecimento e sua difusão são aspectos mais importantes da sociedade, pela sua imbricação em favorecer o desenvolvimento humano nos seus diversos aspectos, nos possibilitando novos olhares e caminhos em busca de uma melhor qualidade de vida e promoção da saúde.

A natureza da informação, do dado e do conhecimento é construída pelas características sociais, políticas, espirituais, biológicas, cósmicas, fisiológicas e culturais do ambiente no qual são produzidos, usados e socializados.

Este documento é o registro da produção doutoral, que constituiu num conjunto de aprendizados interdisciplinares e de descobertas de intensidade, no sentido da produção de novos pensamentos, que acompanharam o percurso. O item introdutório está organizado em dois momentos. O primeiro item apresenta a artefactualidade que o percurso de investigação e produção de autoria gerou: uma tecnologia de análise dos processos de produção e difusão de conhecimentos, a Mandala/Constelação Fito Galáctica, espaço multirreferencial, portanto, interdisciplinar que foi engendrado no percurso do amadurecimento do pensamento que acompanhou a produção doutoral. Inseri-la inicialmente é escolha para colocá-la em análise, de certa forma em processo de validação, durante a própria documentação do conhecimento produzido. Em seguida, é apresentada a estrutura propriamente dita do documento, com o primeiro anúncio da construção epistêmica que os embasa.

1 INTRODUÇÃO

1.1 MOVIMENTOS IMPULSIONADORES

A reflexão central da pesquisa busca compreender as práticas, saberes e conhecimentos indígenas em saúde, visto que estes são espaços de conhecimentos, espaços multirreferencias de aprendizagem (BURNHAM, 1999, 2000; BURNHAM *et al.*, 1997; BURNHAM *et al.*, 2012), nos quais os sujeitos conhecem, produzem, constroem, divulgam, materializam, compartilham, difundem, interpretam, hegemonomizam, são hegemonomizados, são ocultados, são transformados, apropriados e incorporados nas práticas cotidianas dos sujeitos e das sociedades.

Por isso, instiga-nos, como questão central do estudo, saber que forma/caminho a medicina tradicional indígena contribui para promoção da saúde e qualidade de vida dos indivíduos, através de suas práticas, das ervas que utilizam e da mobilização da energia vital, ao tempo em que proporcionam autonomia e carregam uma lógica própria de organização social e da relação saúde-doença-cuidado.

Assim, considerando a complexidade como fenômeno que se expressa em tensões entre ideias e forças, conhecimentos e práticas, diferentes disciplinas, diante da cultura tradicional indígena e suas práticas de produção de saúde, nos colocamos num universo de complexidade na produção da saúde, adotando a perspectiva da promoção da saúde (BRASIL, 2002). Embasam-se com compreensões diversas em seis dimensões: uma morfologia humana, uma dinâmica vital, uma doutrina médica (o que é estar doente ou ter saúde), um sistema diagnóstico, uma cosmologia e um sistema terapêutico.

Desse modo, o conceito de racionalidades ou de sistemas médicos complexos, não inclui no estudo empírico as práticas tradicionais indígenas, contudo talvez permita uma aproximação teórica oportuna ao tema da reprodução dos paradigmas e abertura à ideia de diversidade e tensão produtiva na circulação dos conhecimentos e práticas tradicionais indígenas.

Sendo assim, a problematização de saberes e práticas da medicina científica, ou medicina moderna, ou ainda biomedicina, são uma contribuição importante do campo de saberes e práticas da saúde coletiva, que embasa o conceito de integralidade. A abordagem em saúde, mas não somente pensando em partes, traz

algumas proposições à saúde coletiva que se baseia em referências e abordagens em um campo de possibilidades nos saberes, práticas e conhecimentos diversos.

Em vista disso, evidenciando na perspectiva, a construção e análise de novas formas de atuar em promoção da saúde, assim, é apresentada neste estudo, tomando como base uma mandala, como proposta de método para aplicabilidade dos elementos constituintes da saúde indígena.

Segundo Carvalho (2009, p. 62), entendemos a Saúde Coletiva, como um campo de saberes e de práticas que toma como objeto as necessidades sociais de saúde, com o intuito de construir possibilidades interpretativas e explicativas dos fenômenos relativos à saúde-doença, visando a ampliar significados e formas de intervenção. Por isso, se faz necessário questionar essas relações pelo caminho que as pessoas, seus corpos, suas concepções de saúde ficam manipulados pelas condições sociais, políticas, econômicas das sociedades.

De acordo com Carvalho (2009, p. 52),

Inserida no conjunto das condições de reprodução do capitalismo monopolista, a prática sanitária instituída concentrou nos processos biológicos e físicos, descartando o conceito social na análise dos problemas médicos. A visão de ciência positiva, particularmente na área da saúde, constitui-se em um modo de intervir e refletir. [...] para isto se fez necessário reduzir o corpo a objeto [...] a história das concepções médicas é a das concepções dominantes sobre o corpo, sobre a saúde.

Dessa forma, a manipulação e controle do corpo sempre será a ordem do dia que se faz operar, segundo Carvalho (2009, p. 48), pelos mais variados profissionais, especialmente da área da saúde e da educação, e as mais variadas instituições (Exército, Igreja, escola, hospital), estão atentos a ele.

Por isso, difundir novos paradigmas para os corpos faz-se necessário para refletir acerca das inúmeras ofertas contemporâneas que induzem ao uso de inúmeros produtos e práticas para obter comportamentos milagrosos, vendidos como saudáveis, sob o poder de um trabalho de *marketing* e mediatizados pelas novas tecnologias. Essa indústria atua agregando maior número de cooptados ao conhecimento e práticas ideais em promoção da saúde, principalmente em não reconhecer as possibilidades da existência e eficácia das terapias complementares e métodos por meios naturais/da natureza inteligente e criativa.

Esse olhar mercadológico faz um desalinhamento nas opções pessoais de busca saudável para adoção de um estilo de vida, que realmente promova um adequado viver. Mas não é apenas na produção da saúde que operam lógicas de

articulação entre os interesses do aparato capitalista e as práticas vigentes. Essa conexão também se dá na produção de cultura e na formação profissional, conforme nos descreve a literatura. A conexão que se estabelece aqui é da educação como processo de produção cultural, de diálogo com os saberes socialmente aceitos.

De acordo com Frigotto (1985, p. 178), “A privatização do conhecimento constitui-se, nesse contexto, ao mesmo tempo numa das estratégias para acumular riqueza e poder e numa ameaça à liberdade e à vida humana”. Alguns autores constituem um pensamento crítico a essas conexões problematizando diretamente a epistemologia da ciência moderna.

Conforme Morin (1999, p. 33), as relações entre ciência e técnica na sociedade contemporânea são atravessadas por um conjunto de interesses, demonstrando a indissociabilidade entre ciência, técnica e política. Esta dialética é percebida também na saúde, onde interesses da população, do mercado e do Estado estão constantemente em jogo.

Um exemplo desta relação é a forma como a indústria farmacêutica, do tratamento e da doença, se fortalece com o empobrecimento econômico/material, crítico, biológico, criativo, mental/espiritual/emocional e humano de uma grande parcela da sociedade, indo na contramão do conjunto de direitos e necessidade da maioria da população.

Na ótica de Boog e Boog (2002), a gestão do conhecimento é conceituada como o processo através do qual é possível o apoio à geração, o armazenamento e o compartilhamento de informações valiosas, bem como experiência dentro e entre comunidades de pessoas e organizações com necessidades e interesses semelhantes. Neste sentido, o saber científico e o saber considerado tácito interatuam intensamente, principalmente em comunidades tradicionais com seus saberes ancestrais, culturais e milenares, não sendo neste estudo mera comunicação, mas a busca da sistematização dessas trocas com o propósito de difundir o conhecimento.

A construção desse conhecimento e sua difusão deverão assumir, desta forma, tanto um papel transformador, com vistas à emancipação, e não de um papel de alienação e controle pela estrutura social, econômica e política vigente. A Cultura Indígena, analisada como o conjunto de valores, comportamentos, manifestações culturais, crenças, rituais e normas, assume um importante papel na construção

desse conhecimento, nas perspectivas de novas relações humanas individuais e coletivas.

Por essa perspectiva se tem a oportunidade de pensar novas formas de estilos de vida para promoção da saúde, objetivando a construção de um novo caminho de desenvolvimento, tendo a saúde como processo e não como fim. Dessa associação de ideias, nasce o objetivo principal da tese.

O percurso de construção deste trabalho, realizado com os indígenas dos povos Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó na reserva Thá-fene, em Lauro de Freitas-Ba de origem nas Aldeias de Alagoas, Pernambuco e Sergipe, foi construído no imbricamento com o movimento da autora em desCOMcentraÇÃO¹ e pela lógica da abundância e prosperidade universal, em almejar pensar em saúde pelo caminho da libertação, e os saberes, e práticas ancestrais indígenas como movimento de análise e síntese dessa proposta.

Acreditando na não polaridade da saúde, uma vez que os seres humanos e seus corpos têm outras maneiras sistêmicas e quânticas de viver através de outros pilares não hegemônicos, as trocas dialógicas com os indígenas, em especial com Wakay², sustentaram desde a construção do objeto de estudo até as análises e

¹ Faço uso desse termo para explicitar as trilhas vividas na averiguação da compreensão dos múltiplos caminhos supostamente existentes no processo do equilíbrio na busca da saúde integral e sistêmica. Um processo relacionado aos níveis de consciência, do “Eu”, do seu interno espiralizado pelos saberes propostos por essa cosmovisão a qual se relaciona aos parâmetros vibratórios do universo em uma medida de patamares de descontração entre as diversas densidades das matérias, seus ciclos e recíolos, e, ao mesmo tempo a desCOMcentraÇÃO, como perspectiva difusora da análise cognitiva no campo do agir. Um campo da racionalidade indígena embebecidas pelo ser e suas características intrínsecas no processo orgânico de si para se ter um equilíbrio na saúde. Um orgânico pautado de acordo a si, pela sua nobreza ou escassez de pensamentos, sentimentos e emoções alinhados na ação relacional com a natureza, sendo propulsores dos princípios iniciais da evolução em saúde, um cuidado que alimenta o corpo e suas dimensionalidades. Ação como traz nas leis herméticas e o princípio da vibração, mas que propõe diálogo dessa consciência individual como parte do processo da saúde, reconhecendo a codificação, o acesso, os conhecimentos, o cuidado, os saberes, as práticas de forma processual, desconcentrando do ser humano, como traz a visão biomédica hegemônica.

² Indígena remanescente da junção das etnias Carnijó, Kariri Xocó e Fulni-ô, possui nome civil como Cícero Pontes da Cruz, nome indígena Wakay. Atua como músico, artista, compositor, terapeuta e liderança da Reserva Thafe-né e das etnias citadas neste trabalho. Um líder que traz a medicina tradicional indígena e as relações ancestrais como base para sua atuação, bem como seus aprendizados com suas famílias materiais e imateriais caracterizados fortemente em seu caráter e na maneira de ser, pensar, fazer e agir. Um indígena que vive nas diversas articulações por meio da honra e preservação da base primitiva e ancestral, onde a todo o momento busca agir fortalecendo sua identidade e cultura. A relação e convivência com Wakay se faz ao longo desses 16 anos. Um alinhamento cósmico e ancestral onde esse encontro é marcado com muitas alegrias, desafios e diálogos e a interlocução harmoniosa por meio das relações e desenvolvimentos pela Medicina Tradicional Indígena e Saúde. Os primeiros encontros foram nos eventos da UNEB e logo após se firmou a ida à Reserva Thá-fene. O primeiro momento de diálogo veio um sentimento de construção de uma escola em saúde indígena, de lá para cá muitos eventos, atividades, diálogos, visitas, vivências, trocas de saberes e práticas e enfim com este estudo a construção das trilhas que

prospecções estabelecidas na elaboração da tese. Em uma visita de campo na Reserva Thá-fene, foi realizada uma roda de diálogos com os estudantes do componente curricular Análise Cognitiva I (ANCO), do DMMDC, na qual o conceito de saúde foi explicitado, na perspectiva de Wakay (2017), como “Pensar saúde é harmonizar com Khôwdô (espírito do vento, percebemos também com os movimentos da coruja), é introduzir educação pela identidade e ancestralidade”.

De acordo com Wakay (2017), pensar a saúde pelo universo da medicina indígena relacionada às ervas e plantas, implica a vivência da Roda de Cura com utilização das ervas medicinais, mediante o uso dos chás e do manuseio de sua energia sutil, realizado na Owca Ayam, com a participação dos indígenas Kwayá Fulni-ô, Xycê, Tywá e Tafkesky-á, “é compreender que a saúde deve coexistir com a mãe terra com os seguintes princípios: ser, conhecer, agir e fazer, ensinar e aprender, partilhar e socializar.”

Neste sentido, a Saúde³ e a Promoção da Saúde⁴ apresentam como complemento para a busca da melhoria da qualidade de vida. Vista de acordo com comunidade indígena na qual os dados da pesquisa foram produzidos, que esse processo se dá pela construção e disseminação coletiva do conhecimento, por meio das práticas diversas para o desenvolvimento de seus afazeres e adoção de novas formas de convívio, como também pelas alternâncias nas mudanças no estilo de vida, com vistas a uma atuação multiplicadora e transformadora do conhecimento para promoção da saúde.

Assim, nota-se a importância da observância das realidades dentro de um conjunto, de forma holística, com as partes presentes, ampliando a maneira de vermos as relações de forma serena e harmônica com à terra, com a natureza, com

concretizam a possibilidade da instauração e funcionamento de um Ambiente Multirreferencial de Aprendizagem. Com o passar desse tempo às relações entre as nossas famílias materiais e ancestrais foram se firmando e mantendo as conexões com base no amor incondicional, energias de luz e autocuras pessoais, familiares e profissionais. A cada vento que sopra, a cada raio de sol ao amanhecer e a cada brisa ao anoitecer se faz os ciclos ancestrais em saúde que fortalece a nossa irmandade e confiança, na certeza das bençãos da fonte criadora para construção de futuros trabalhos com o equilíbrio das energias sagradas, do pai e mãe vida.

3 Define-se Saúde como sendo “[...] resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso a posse da terra e acesso aos serviços de saúde”. Mynayo (1992), em consonância com Nogueira e Palma (2002), que a saúde não é algo estático, pelo contrário, é necessário construí-la ao longo da vida, evidenciando o fato de que a saúde é educável e, por sua vez, deve ser tratada não apenas com base em referenciais de naturezas biológicas e higienista, mas, sobretudo, num contexto didático-pedagógico’.

4 Promoção da Saúde, conforme Buss (2012), como sendo um processo que visa capacitar as pessoas para aumentar o controle sobre a qualidade de vida e saúde, apoiando-se no desenvolvimento pessoal e social por meio da divulgação de informação, educação para a saúde e intensificação das habilidades vitais.

a vida, com o cosmo e com as pessoas. Por isso, a observação do campo do fazer através de ações, vivências, políticas e ambientes apropriados que deem oportunidade extensa de poder refletir e vivenciar sobre sua saúde e qualidade de vida, está incluso nesta proposta de olhar as realidades.

Consequentemente, acredita-se que as efetivas condições de vida vislumbram exaltar nossos potenciais humanos inatos: o emotivo, o intuitivo, o físico, o imaginativo e o criativo, e não se esquecendo de exaltar o racional, o lógico e o formal contribuindo para a consolidação equilibrada dos ambientes que atuamos de modo mais humanizado, próspero e feliz.

1.2 A ARTESANIA TECNOLÓGICA DA TESE

Com o propósito de buscar as produções e contribuições por meio da saúde indígena para melhoria da qualidade de vida das pessoas, imbricamos com a concepção e os caminhos da multirreferencialidade e complexidade como proposta epistemológica e conceitual desta investigação, transversalizadas com as discussões em direitos humanos, saúde e educação transformadora/criativa/inclusiva/crítica pelo viés freireano. Esse percurso teórico e a base empírica da pesquisa permitiram propor, na tese, a construção de uma matriz em educação, promoção da saúde e saúde indígena intitulada Mandala/Constelação Fito Galáctica.

De acordo como Dicionário Médico (2014), a nomenclatura *fito*, *phyton*, indica a relação com planta ou vegetal. A etimologia da palavra do latim *fictus*, participio passado de *figo*, pregar, fixar, adjetivo fincado, atento e no seu sentido figurado alvo, mira, intento e do grego *therapia* = tratamento. Assim, a Mandala/Constelação Fito Galáctica é compreendida como um espaço multirreferencial de produção e difusão do conhecimento, que tem uma relação dialógica e dialética com a educação, promoção da saúde, medicina indígena e fitoenergética.

Seguindo a análise da nomenclatura desta matriz, continuando com a mesma referência, o termo “holística” é um substantivo feminino com concepção nas ciências humanas e sociais, que defende a importância da compreensão integral dos fenômenos e não da análise isolada dos seus constituintes. Dessa forma buscam-se as interdependências e relações por meio dessa matriz visando contribuir para

melhoria das condições de vida das pessoas, suas escolhas, seu autoconhecimento, sua satisfação em viver e sua contribuição para humanidade.

Por meio dessas categorias, a princípio, isoladas no propósito de buscar maior compreensão das partes, será construída a Mandala/Constelação Fito Galáctica.



Figura 1: Categorias da Mandala/Constelação Fito Galáctica
Fonte: Mapa Mental construído pela autora. Salienta-se que os espaços sem cor têm a intenção de demonstrar os elos existentes e a interligação entre as categorias.

Essas categorias são construídas pelas inquietações ao imergir na área da Educação Física, área de atuação profissional da autora, e visando transmutar essas bases iniciais, bem como as experiências em saúde e sua promoção, por ter tido uma base inicial em que o corpo sendo visto, na grande parcela dos centros de exercício e atividade física, pelo viés mercadológico de rendimento e objeto.

Portanto, adentrando as vivências realizadas nesses centros percebe-se, a todo custo, que se faz necessário, camuflar as subjetividades e objetividades pessoais, corroborando para o esquecimento de seu corpo, de sua memória e suas complexidades para utilizar de meios em que o autoconhecimento e a consciência corporal, não sejam despertados, assim não possibilitando a oportunidade de ter um corpo liberto.

Logo, as diferentes formas de desenvolver a saúde e promovê-la em muitos desses espaços, se faz pelo viés equivocado, tanto das práticas exaustivas, como das manipuladas, através da estética midiática, favorecendo os padrões de corpos

“sarados”, a qualquer custo, desconsiderando para atuação, as diretrizes que norteiam essas práticas. De acordo com Guattari (1986, p. 278), o corpo, o rosto, a maneira de se comportar em cada detalhe dos movimentos de inserção social, é sempre algo que tem a ver com o modo de inserção na subjetividade dominante.

Assim, nossas vivências extensionistas, em pesquisa e em ensino fortaleceram as inquietações possibilitando partir para campo do agir e refletir sobre diversas possibilidades referentes à saúde e sua promoção, sendo associada à fala das pessoas, quando se referem a um corpo de forma dividida por realidades antagônicas distintas. Levando-nos desta forma, a certificar a divisão e o não pertencimento do seu ser, estar e agir em consonância universal com a natureza e ambiente. Entretanto, investigar na contemporaneidade é caminhar em areia movediça, é permanecer como diz Eduardo Oliveira (2015), é estar no fio na navalha o tempo todo!

Buscar novos caminhos em promoção da saúde em relação com o universo vislumbra analisar e vivenciar os diversos aspectos, saberes e práticas como diz Gallefi (2017), pluriverso, é construir mediante um contexto plural, multirreferencial, da transdução, da colaboração tendo sem dúvida que conhecer as matrizes de pensamentos já existentes, tendo uma responsabilidade em propor uma quebra de paradigma com a matriz proposta.

Diante do exposto, o conceito de *campo morfogenético*⁵ nos traz o amadurecimento referente às possibilidades multirreferenciais e nos possibilita atuar, por meio do mundo quântico e relações com o corpo, conjecturando com um novo modelo para se pensar a saúde.

Segundo a Sheldrake (2013, p. 16),

Sugiro uma nova possibilidade. As regularidades da natureza não são impostas a ela desde um reino transcendente, mas evoluem dentro do universo. Aquilo que acontece depende daquilo que aconteceu antes. A memória é inerente à natureza. É transmitida por um processo chamado de ressonância mórfica, que atua em campos chamados de campos mórficos.

Assim, respaldamo-nos para pensar esta nova mandala, nas experiências vividas nas diversas estâncias em saúde e educação, nas instituições de atuação e, também, pelas andanças do nosso corpo vivido nas diversas comunidades tradicionais e não tradicionais, pelas literaturas da tradição, da libertação e da inovação. Logo, destrinchar desta forma as camadas desse estudo, é além de

pensar, analisar, refletir, é também consubstancialmente tomar uma decisão no campo do agir, sendo desta maneira um caminho trilhado pela complexidade.

Entendemos a Comunidade Tradicional Indígena dos Kariri-Xocó/Fulniô/Fulkaxó como comunidade cognitiva, pois produzem conhecimentos, dialogado com Brown e Duguid (1991, p.47), o conhecimento fundamental dentre elas é o saber fazer, com base em suas experiências anteriores. Desse modo, oferecemos um lastro para pensar as observações nesta investigação.

De acordo com Burnham, (2012, p. 65),

Compreender como comunidades cognitivas específicas, constroem, organizam e difundem conhecimento é uma das esferas mais significativas no campo da Análise Cognitiva (ANCO). Isto porque, para se poder trabalhar com a (trans)dução do conhecimento privado a comunidades específicas... é fundamental adentrar (n)os modos diferenciados de como se realiza, concretamente, a espiral de produção do conhecimento. Assim, é possível, encontrar formas socialmente mais apropriadas para publicização do conhecimento que se pretende.

À medida que foi sendo desenvolvido, foram ficando claras as evidências da necessidade de um rompimento com o marco histórico simbólico do campo da saúde hegemônica e cartesiana, deixando de pensar na doença e produzindo ações em saúde holística, em consonância com a natureza material e imaterial, por meio da (re) educação e promoção da saúde, em uma conspiração de saúde como processo, processo do viver, das escolhas, da vida vivida e sentida, pois o pensar em novas possibilidades de saúde coloca o desafio de diálogo com outras epistemologias, para além daquela vigente no plano das instituições e da produção atual. Pondera-se desta forma, articulando os saberes por meio das diversas comunidades de pensamento.

De acordo com Burnham (2012, p. 60), comunidades epistêmicas são compreendidas como aquelas que trabalham profissionalmente com a produção do conhecimento segundo normas específicas, rigorosas, com base em referências explícitas, validados e legitimados por pares, atendendo a critérios definidos e consensuados.

Entretanto, para Carvalheiro (1999, p. 10), a comunidade epistêmica diferencia-se da comunidade científica porque não é composta exclusivamente de cientistas, mas também de outros profissionais: "políticos, empresários, banqueiros, administradores entre outros, que trabalham, como um bem fundamental: o conhecimento como instrumento de implementação de políticas", que se organizam

em torno de um projeto político fundado em valores compartilhados, como também "compartilham, ainda, maneiras de conhecer, padrões de raciocínio e compromissos com a produção e aplicação do conhecimento."

Sendo assim, é indispensável compreender que a construção dessa Matriz Fita Holística, tem uma grandeza formativa baseada nas dimensões: coletiva, colaborativa, multirreferencial, humana e humanizadora, com princípios educativos baseados no binômio educação-saúde, emancipação, autonomia, direitos humanos e na criatividade. Dimensões que compactuam com os percursos da complexidade e campo multi-interdisciplinar.

Diferenciamos desta forma, a valorização dos saberes tácitos no campo da análise cognitiva compreendida, segundo Burnham, (2012, p. 65), como um triplo campo teórico-epistemológico-metodológico que estuda o conhecimento a partir de seus processos de construção, tra(ns)dução e difusão, visando o entendimento de linguagens, estruturas e processos específicos de diferentes sistemas de produção, organização, acervo e difusão, com o objetivo de tornar essas especificidades em bases para a construção de lastros de compreensão inter/transdisciplinar e multirreferencial, com o compromisso da produção e socialização de conhecimentos numa perspectiva aberta ao diálogo e interação entre as diferentes disciplinas/ciências, de forma a tornar o conhecimento privado de comunidades científicas, epistêmicas, ou outros tipos de comunidades cognitivas, em conhecimento público.

Assim sendo, a tese defendida no presente estudo apresenta as contribuições da medicina/saúde indígena, por meio da fitoenergética, para melhoria a das condições de saúde das pessoas. Portanto, pretendeu-se sistematizar um conjunto de práticas e conhecimentos da medicina indígena, com o intuito de reunir contribuições e registrar de forma sistemática os conhecimentos tácitos e explícitos acumulados e transmitidos de geração em geração, com o apoio teórico e metodológico da Análise Cognitiva (BURNHAM, 2012).

As questões norteadoras foram construídas para atender o problema dessa investigação: Como atua para autocura o campo morfogenético? Como se configura a Medicina Tradicional Indígena dos povos tradicionais Kariri-Xocó/Fulni-ô/Fulkaxó que atuam na Reserva Thá-fhené em Lauro de Freitas-Bahia? Em que medida os processos de construção, transdução e difusão do conhecimento ocorrem para compreensão e organização dos saberes e conhecimentos em saúde tradicional

indígena? Quais as relações da Fitoenergetica e da Medicina Tradicional Indígena das etnias Kariri Xocó, Fulni-ô Fulkaxó para reestruturação da saúde, em uma perspectiva integrativa?

Nonaka e Takeuchi (1997, p. 65) identificaram dois tipos de conhecimento: o Tácito e o Explícito. No entanto, esses conhecimentos não são entidades separadas, mas sim complementares. Em parte, na nossa cultura, de maneira desprivilegiada e reducionista, o conhecimento tácito é alocado em uma posição de banalização e de menor valor. Um olhar amplo acerca do conhecimento reconhece a validade de ambos os conhecimentos, levando-se em consideração que os mesmos são criados, utilizados e compartilhados em torno das interações das pessoas com o ambiente e que estão inseridas.

Dessa maneira precisamos ter um olhar amplo, multirreferencial para evidenciar a saúde tradicional indígena, necessitando de intervenções em saúde dentro de um processo didático e pedagógico, sendo esta não somente a ausência da doença. Nessa relação versamos saúde nas perspectivas de Minayo (2002, p. 22), ao afirmar que,

A saúde enquanto questão humana e existencial é uma problemática compartilhada indistintamente por todos os segmentos sociais. Porém, as condições de trabalho qualificam de forma diferenciada a maneira pela qual as classes e seus segmentos pensam, sentem e agem a respeito dela. Isso implica que, para todos os grupos, ainda que de forma específica e peculiar, a saúde e a doença envolvem uma complexa interação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais da condição humana e de atribuição de significados. Pois a saúde e a doença exprimem agora e sempre uma relação que perpassa o corpo individual e social, confrontando com as turbulências do ser humano enquanto ser total. Nesse sentido a pesquisa qualitativa entra como objeto principal de discussão, e entendida como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da Intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

A saúde é para além dos movimentos eficientes e harmônicos dos batimentos cardíacos, do funcionamento dos órgãos e dos sistemas. Segundo a CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 1986, p. 4, a saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso a posse da terra e acesso aos serviços de saúde

Neste pensamento, compactuamos com a ruptura de uma dialética vigente no campo da saúde assistencialista em que fortalece a existência dos opostos: saúde-doença, corpo-mente, espírito-alma, tácito-explícito, Yin-yang entre outros.

1.3 A TESE DOCUMENTO E SEU PERCURSO

Para efeito de organização, os capítulos desse estudo são nomeados de acordo às identidades indígenas referentes ao seu território e pertencimento ancestral. A escolha desses nomes se dá por acreditar na vinculação da saúde em sincronicidade com os elementos constituintes do nosso Planeta Terra, bem como do universo harmônico.

Evidenciamos esses capítulos da seguinte forma: capítulo I intitulado Terra Mãe, se desenvolve nos caminhos e trilhas em pesquisa bibliográfica, empírica sobre a historicidade da medicina tradicional indígena e nos fatos desta medicina de acordo com os povos Kariri-Xocó/Fulniô/Fulkaxó; no capítulo II intitulado Água, aborda a construção do conhecimento pelo viés coletivo, colaborativo, multireferencial, polilógico, complexo com base na observação em análise cognitiva, campos morfogenéticos e difusão do conhecimento.

Na sequência o capítulo III intitulado Ar é apresentado às trajetórias do desenho metodológico escolhido; no capítulo IV intitulado Fogo, tem a fecunda discussão referente as ervas e plantas em fitoenergética para promoção da saúde; no capítulo V intitulado como Vida, se desenvolve em torno da Mandala/Constelação Fito Galáctica, seus processos, suas construções baseados no método da maraca e suas sementes com o intuito de ser construída sob olhar da promoção da saúde, autonomia, emancipação visando ampliar os significados e formas de intervenção articulados no ser, estar, agir, deslocando no campo das cosmovisões indígenas rompendo com a heteronomia das pessoas com seu corpo e sua saúde.

Dessa forma, a relação entre saúde e a Mandala/Constelação Fito Galáctica convergem numa conjuntura de disposições que buscam a aprendizagem e o conhecimento como o saber científico, principalmente na consolidação do novo paradigma, que é baseado na construção de contemporâneos conhecimentos através da inovação e criatividade.

Em coerência com a construção Freiriana, essa Mandala tem como elemento central o ser humano, seu EU, sua transcendência e imanência estruturado nos saberes, práticas e conhecimentos da Medicina Tradicional Indígena, estruturados em um processo de ensin-ar, capt-ar e cri-ar e recri-ar tendenciado pelo caráter contínuo e permanente.

Nessa perspectiva Freiriana, através da educação problematizadora, os homens desenvolvem sua capacidade de perceber criticamente os caminhos que existem, no mundo, através dos quais e nos quais eles se encontram a si mesmos; eles passam a ver o mundo não como uma realidade estática, mas como uma realidade em processo, em transformação (FREIRE, 1987, p. 71).

Desse modo, ensinar, aprender e produzir conhecimento não é meramente estar nos espaços educativos formais, mas atuar na perspectiva interativa, no formal e não formal, estando presente analisando o *modus operandi*, em um processo (ensinar saber fazer), que deve ser criativo ao qual estão inseridos os seres humanos, considerando seus saberes, seus desejos, visando à transformação não meramente das estruturas vigentes, mas de si mesmo.

Desta forma, busca-se desenvolver uma coerente matriz em saúde visando a sua promoção e prevenção de doenças, somando com as discussões das Conferências de Promoção da Saúde, como se deu na Conferência do Canadá onde foi instituída a Carta de Ottawa. Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (1986), elaborada na presente Conferência a Carta, apresenta o conceito de Promoção da Saúde como sendo um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação e controle deste processo. Sugere ainda, a implementação de estratégias que deem o suporte social às comunidades, que estimulem o processo de autoajuda e realizem atividades voltadas para a educação em saúde.

Nessa perspectiva as práticas educativas adquirem relevância nas ações voltadas a Promoção da Saúde, Comunidades e Culturas, pautadas no fornecimento de subsídios para o desenvolvimento de potencialidades individuais e coletivas, para que as pessoas se construam como cidadãos críticos e conscientes em busca da melhoria da sua qualidade de vida e saúde.

Portanto, relacionado às questões éticas, a identificação dos riscos e benefícios aos participantes, a presente pesquisa se baseia no respeito com a população alvo, com número de sendo necessário, neste sentido, o uso de instrumentos de solicitação de consentimento ao acesso (tal como Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE), de modo a respeitar as peculiaridades da comunidade, bem como autorização para, caso necessário, utilização das informações adquiridas na pesquisa de campo em publicações científicas. A

composição apresentada com a ideia e estrutura desta produção, será compreendida nos capítulos que seguem.

2 ÁGUA: ALIMENTO TEÓRICO

Navegar é preciso [...]. Transformar é possível!

Nesta seção iremos trabalhar com a base conceitual e epistemológica deste estudo, pelas análises bibliográficas, documentais e empíricas trazendo as questões referentes aos caminhos teóricos e dos temas geradores como a multirreferencialidade, polilógica, campos morfogenéticos, os direitos humanos, a complexidade, a saúde (prevenção, tratamento e promoção), o estudo das racionalidades em saúde e a medicina tradicional indígena dos Kariri-Xocó/Fulni-ô/Fulkaxó para melhoria da qualidade de vida das pessoas no individual e coletivo.

2.1 COMPLEXIDADE

Essa categoria tem um grande desafio diante da formação profissional da autora baseada nas diretrizes cartesianas, práticas e técnicas em educação física, mais estritamente na área de atividade física e saúde. Assim, desde aquele período, mais estritamente anos 90, algo inquietava referente atuação nessa área, não “aceitando” que as pessoas buscassem os centros de atividade física meramente para levantar pesos, emagrecimento, ganho de massa muscular e estética, norteados de acordo com os padrões midiáticos.

Então, algo inquietava e a pergunta ainda não respondida a fez aventurar-se para outros caminhos em busca de respostas. Os campos importantes para construir essas respostas foram através de atividades extensionistas e de pesquisas em promoção da saúde com comunidades de diversas localidades do interior e da capital baiana.

Nesse sentido, cultivar essa categoria complexa permite-se a transdução da fala de Chopra (2007), a sincronicidade é como funciona a mente criativa do universo, pois os seres humanos pensam de forma linear, a exemplo: isso acontece, depois isto e depois aquilo, mas no universo tudo acontece simultaneamente. E quando experimentamos essa sincronicidade, ou coincidência, participamos da mente criativa do universo.

Assim, pensar a complexidade pela proposta desse estudo alinha-se a pensar o indivíduo seu SER interior e seus mundos, seus corpos. Mínimo ao macro, uni ao pluri, individual ao coletivo, universo ao pluriverso.

Segundo Morin (1977, p.86),

A complexidade do tempo *real* reside neste sincretismo rico. Todos estes tempos diversos estão presentes, agindo e interferindo no ser vivo e, bem entendido, no homem: todo o ser vivo, todo o ser humano traz consigo o tempo do acontecimento/acidente/catástrofe (o nascimento e a morte), o tempo da desintegração (a senilidade que, *via* morte, conduz á decomposição), o tempo do desenvolvimento organizacional (a ontogênese do indivíduo), o tempo da reiteração (a repetição quotidiana e sazonal dos ciclos, ritmos e actividades), o tempo da estabilização (homeostasia). De modo refinado, o tempo catastrófico e o tempo da desintegração inscrevem-se no ciclo reiterativo, ordenado/organizador (os nascimentos e as mortes são constitutivos do ciclo de recomeço, de reprodução).

Logo, a ética do tempo, no contexto da complexidade como proposta para refletir neste estudo, não é somente a tomada de consciência relacionada aos aspectos positivos da saúde, mas é você saber e viver os desafios da sua vida, buscando ser resiliente e com escolhas baseadas na sua missão de vida, actuando com a conexão e sintonicidade aos campos morfogenéticos. Pois, esses campos vibram em uma sintonia nos campos elétricos (pensamentos) e magnéticos (coração/sentimento) para transposição desses desafios e assim agregar movimento positivo em promoção da saúde (GIMENES; CÂNDIDO, 2016).

Portanto, pensar na cura pelas ervas pela matriz indígena, utilizando sua fitoenergia é analisar pelo viés da interconectividade, fugindo dos padrões engessados da física clássica, todavia nos permitir realizar uma escuta filosófica, pois refleti no campo da física quântica, analisando a abordagem complexa do nosso planeta, compreendendo as possibilidades de relações e conexões pela sintonia entre os seres, imersos nos valores de cada um articulado com os valores do outro fazendo o sentido da vida, diante do consciente e inconsciente. Segundo Barbosa (1998, p. 85),

Valor ultimo porque se trata de sentir, perceber aquilo por que e para que o sujeito arrisca alguma coisa que lhe diz intimamente respeito, que geralmente é sua própria vida, ou a vida dos seres humanos nos quais investiu sua afetividade. Ouvir bem filosoficamente implica desligarmos da sociedade espetáculo, onde há poucos valores. Se estes existem em todos os grupos, não são os mesmos em todos eles. O intelectual pode se surpreender com valores de determinada classe (ou grupo social... Isto exige ascese pessoal muito difícil. Às vezes não se pode ir até esse ponto. É por isso que a escuta filosófica é muito importante: tanto dos outros como de si mesmo.

Sendo assim, a complexidade em saúde por meio do olhar de Luz (2007), nos coloca a refletir o visgo da doença e os processos de culpabilização dos indivíduos em ter ou não a boa saúde. Suas análises perpassam nas arrumações de um “guarda-chuva” simbólico, com mandamento universal que “todos devem ter saúde”, “precisam ter saúde”, e no ditado popular “manter a saúde em forma”, essas ideias constituem no grande paradigma, no mandamento universal.

Segundo Luz (2007, p. 93), “ter saúde” ou “conservar a saúde” não se restringe a evitar as doenças, a “preserva-se”, a não “correr riscos”, a permanecer na normalidade médica, pois, esta é só uma das versões do paradigma-mandamento, ou se preferirmos, da utopia da saúde. Esta versão é a hegemônica, predominante na biomedicina. Mas dizer predominantemente significa dizer que esta não é a única versão de saúde atualmente existente no conjunto de discursos e práticas.

Assim, qual seria a melhor versão, o melhor tempo para se pensar os melhores discursos e práticas em saúde diante da complexidade? Deve-se galgar nas diversas matrizes e proposições na busca de uma análise o mais plausível, que necessariamente observe os aspectos gerais em que os seres humanos são inseridos. Lembrando que adentrar nessas “fatias”, deverá ter a plenitude em digerir as diferenças e construir as novas maneiras de lidar com o outro, individual ou coletivo, de forma substancialmente arraigada com as porções inerentes das diversas matrizes existenciais. Traz-se esse universo complexo como qualidade daquilo que possui múltiplos aspectos ou elementos cujas relações de interdependência são incompreensíveis (DICIO, s.d.).

Por conseguinte, vários são os tempos, olhares e os caminhos, logo essa multiplicidade serve para afinar criticamente o que quer ser construído, por ser a base fértil para refletir e propor os novos paradigmas, relativizando as bases da saúde, medicina natural e fitoenergética.

Segundo Daniel Munduruku e Potiguara (2017), o avô de Munduruku costumava dizer que o tempo que nós vivemos é o melhor tempo. Se o tempo atual não fosse bom, não se chamaria presente. Nós não somos nem do passado e muito menos do futuro, somos sempre presentes. Então, alinha-se a este pensamento a questão definitiva da “reforma do pensamento”, preconizada por Edgar Morin, que vê nela a chave para a reforma da ação.

Nesse sentido, é compreender a felicidade humana plena pelo viés da saúde indígena, é possibilitar e internalizar o nosso envolvimento na vida e pela vida, em conectividade funcional de todos os seres e estes estarem imersos em uma complexa e polilógica conexão. O que, na práxis, fundamenta essa interconectividade são os ensinamentos que nos são passados pelos diversos mestres da humanidade pelas diversas ciências, a exemplo das três principais leis naturais propostas por Isaac Newton: Lei da Inércia, Princípio Fundamental da Dinâmica e Lei da Ação e Reação.

Neste estudo adota-se o conceito de lei, segundo Chopra (2019, p. 11),

Lei é o processo pelo qual o observador torna-se observado; aquele que vê se transforma no cenário; o sonhador evidencia o sonho. Toda criação, tudo o que contemplamos vem do desconhecido. Nosso corpo físico e o universo físico- tudo o que podemos perceber pelos sentidos – são transformações do não manifesto, do desconhecido, do invisível, em manifesto, conhecido, visível.

Burnham (1993) citando Ardoino aponta com mais clareza a noção de complexidade ao dizer que,

[...] complexidade é o que contém, engloba [...], o que reúne diversos elementos distintos, até mesmo heterogêneos, envolvendo uma polissemia notável. Tratar com a complexidade para esse autor [refere-se a Ardoino] implica lançar mão de um estatuto de análise bem diferenciado daquele da análise cartesiana, em que esta significa instrumento de decomposição, desmonte, desconstrução de um todo em suas partes elementares, com vistas a uma síntese, uma explicação ulterior (BURNHAM,1993, p. 9).

Dessa forma, uma vez analisado o conceito de complexidade é importante considerar a presença das relações e possibilidades diretas e indiretas. Uma aceitação das heterogeneidades, podendo consubstancialmente analisar os caminhos percorridos pelas *interfaces* dos diversos saberes e propor algo que desdobre em conhecimento.

De acordo com a relevância das escutas dos autores da etnia indígena e possibilidades da reconstrução e construção do conhecimento com os autores não indígenas, estabelecemos este elo com o pensamento de Munduruku (2017, On-line),

O Brasil tem que parar de olhar para outro canto, tem que olhar para si mesmo, o Brasil não gosta de si mesmo. Os povos indígenas estão sobrevivendo, tentando nos manter vivos, muito sofrimento, choro, lamento, dificuldade. Me orgulho de pertencer e ser indígena porque tem a ver com resistência, que não tem a ver com a economia, tem a ver com nosso

espírito, com nossa alma ancestral. Não somos antepassados, somos contemporâneos.

Portanto, em outra perspectiva de aplicação em saúde e pelo viés da complexidade, é notar as maneiras de pensar e agir em saúde pessoal e coletiva, propondo, além do objeto das práticas de saúde, se expandir para além da doença, do doente e do mundo atual medicalizado pela indústria farmacêutica.

Como também, buscar modos de transposição pela saúde integral e integrada a sua essência de autocura com responsabilidade relacionando ao tempo e espaço, no sentido de desenvolvimento de uma cultura de conhecer a si e ao outro, regidos pelas leis universais, em que as nossas escolhas também atingem a vida dos outros. É saber que as ações em saúde devem imbricar no nascedouro dos direitos humanos com propósito de preservar a dignidade dos seres humanos do planeta.

Esse movimento na perspectiva da saúde holística com novo olhar para compreender os seres humanos e o contexto de educação em saúde, deve atuar segundo as leis universais, bem como os pilares da educação. De acordo com o Relatório da UNESCO (2010), que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver junto. Notadamente em Morin (1996) a perspectiva apontada tem um brilhante acréscimo: aprender a aprender e reaprender a pensar. Nesse sentido, a análise da viabilidade da Mandala/Constelação Fito Galáctica traz a transversalidade da complexidade como pilar constitutivo pela compreensão.

Com base em Deleuze e Guattari (2014, p. 30), um registro nunca é fixo, sempre é móvel, pois,

O mapa não reproduz o inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível, de receber modificações constantemente.

Então, a ideia de construção da Mandala implica na fuga da égide vigente em saúde, que é determinada pela racionalidade e indústria do adoecimento. Nesta proposta visam-se outras noções que buscam a perspectiva de fortalecimento da identidade pessoal e coletiva em harmonia com as possibilidades de projeções pessoais em diversos campos.

Na busca do encontro e reencontro consigo e com os desafios que são basilares para o equilíbrio em saúde, referenciamos de acordo com Deleuze e Guattari (2014, p. 66) que,

Não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação (por “agentes coletivos” não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades). Ora, o nome próprio não um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. O nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade.

Desse modo, as imbricações e perspectivas da complexidade em promoção da saúde perpassam nas compreensões dos nossos sistemas biológicos. Será meramente isso? Creio que não! Em consonância com os aspectos que compõe os cor-pós dos seres humanos e muitos outros do nosso planeta, não meramente pelo viés biológico, cartesiano e sistemático de única via, mas sim em uma abundância facetada de possibilidades, refletimos com Gimenes (2017, p. 51), que,

Nossos corpos físicos são veículos de manifestação dessa energia divina, que é a verdadeira essência. Mas uma prova de que a causa da maioria das doenças não está no físico e sim na alma. [...] O corpo físico morre, mas a consciência presente naquela alma jamais, isso porque ela está armazenada no nível energético, portanto é imperecível. A alma do indivíduo habita e anima o corpo físico o tempo todo do período de uma existência, é ela quem dá vida em movimento, é a força motriz por trás de tudo que, quando em desequilíbrio, pode provocar grandes dificuldades, tanto em nível físico, como emocional, mental e espiritual.

Assim, desviar-se do modelo tradicional em saúde e pensar o ser humano consciente dos seus corpos e das possibilidades de viver com boa saúde, é desvelar o caminho impregnado pela doença, culpa e medo. Esse caminho reduz as capacidades físicas, emocionais, espirituais e sociais dos seres humanos, sendo que na ótica de Deleuze e Guattari (2014, p.66), “O homem aparece sufocado por tudo o que ele tinha a dizer. Anunciarão somente que ele voltou a ser bem-educado, polido, resignado, “honesto e escrupuloso”; numa palavra curado”.

A partir desse ponto de vista, todo ser humano tem o direito de viver a complexidade da sua vida! Suas escolhas, seus desafios, suas crenças por um olhar apurado pela liberdade entre as “verdades” das possibilidades. Porém, uma vida com boa saúde pode até significar mais energia, mais vitalidade, mais abundâncias. Sobretudo, individualização e coletividade imbricados muito além das percepções, uma vida em si mesma.

2.2 CAMPOS MORFOGENÉTICOS

Acreditar na perspectiva de saúde holística é agir na observação do micro ao macro, dando a devida importância a todos os pontos, tanto convergentes quanto divergentes, sabendo que existe uma ligação e frequência que os interliga. Para o sustento da problemática levantada neste estudo, Sheldrake (2013) evidencia esta nomenclatura intitulando de organicismo ou holismo, recusam que os fenômenos da natureza possam ser reduzidos exclusivamente às leis físico-químicas, pois estas isoladas, ou conjuntamente, não podem explicar a totalidade dos fenômenos vitais.

Por outro lado, reconhece a existência de sistemas hierarquicamente organizados com propriedades que não podem ser entendidas por meio do estudo de partes isoladas, mas em sua totalidade e interdependência. Se fosse meramente pelo viés físico, seria somente uma nova nomenclatura superposta a uma sofisticada visão mecanicista. Daí o termo holismo, com ramificação da palavra whole = todo, de acordo com o idioma inglês.

Na perspectiva da medicina tradicional indígena segundo Wakay (2016),

Tudo que acontece é de acordo como pai celestial, ao universo e em perfeita harmonia como a criança interna (unidade divina interior) de cada um de nós e com a ancestralidade, tudo tem que vim junto. A vida é uma linha, todos nós somos mestres. Você é um mestre, você é meu mestre, todos nós somos mestres e somos um.

Desde então, as reflexões e quebra dos paradigmas, referentes à saúde, vão se fortalecendo e nos impulsionando a estudar o multiverso e/ou pluriverso, notando a importância do universo interior do outro, suas ligações e hábitos que intercambiam a abundância e vida da natureza na totalidade. Então, as possibilidades de colaborar com a saúde, principalmente a melhoria da saúde coletiva é a partir do reconhecimento da criança interna individual, através das boas práticas, sentimentos e emoções de cada ser humano.

Desse modo, somente uma leitura interdisciplinar e multireferencial da realidade biológica-corporal e energética-corporal é apropriado para agenciar uma maior compreensão da realidade de saúde-doença-cuidado-autocura. Pois, a complexidade de determinantes, condicionantes e fatores emaranhados em uma corriqueira maneira de viver, que gradualmente vai ganhando o caráter habitual, ganha a normalidade como forma de validar o campo do medicamento alopata fortalecendo a doença e amortizando os corpos.

Assim, convivemos em um universo em que os homens já compreendem que tudo que existe é energia em diferentes estados. A matéria, por exemplo, é a própria

energia condensada e a energia é a matéria em estado disperso. Tudo que é energia interage com a matéria, da mesma forma, a matéria interage com a energia, porque tudo é uma só essência fundamental, primordial, que vem da mesma fonte, segundo Guimenes (2017, p. 50).

Por isso, conjecturar com esses universos nos ousa a entender que o processo da autocura pela visão da medicina tradicional indígena, é saber que os processos de mudanças e autocura acontecem de dentro para fora. O meu “Eu” se transforma em NÓS! Um NÓS articulados e não meramente junção de partes!

Portanto, essas partes têm vida, vibra, transcende através de emanções quânticas positivas ou não, mas que dependem das escolhas, da forma de agir, de pensar tendo o livre arbítrio, o meio de ascensão da sua melhor saúde que deve estar em harmonia com as leis universais. Ao escolher essa trajetória, não se parte de um "problema", mas de vivências que fizeram ter uma interrogação sobre dúvidas do porque as pessoas se situam no fenômeno (saúde), vendo somente um viés (pela doença), e se esquece de si e do mundo que a rodeia.

Na ótica de Peirce (2011),

Certamente, a ciência nos baseou na realidade de que nosso mundo físico e exterior é vibracional (ou seja, composto por um amplo espectro de energias, algumas das quais percebemos, mas que são, em sua maioria, imperceptíveis). Sabemos que a energia se move em ondas, que estas podem ter uma ampla gama de amplitudes (intensidades) e frequências (velocidades), o que lhes confere características e comportamentos únicos. Sabemos também que as ondas de energia viajam por intermédio de um meio, ou campo, como o ar, a água ou até mesmo a percepção (PEIRCE, 2011, p. 57).

Assim sendo, consolidando a percepção da saúde pelo viés da integridade e integrada na vida, holisticamente, com todos os contextos articulados com os universos (pessoal, espiritual, planetário, mental, biológico, psicológico) - as partes têm uma efetiva contribuição para pensar os corpos sutis. Entende-se que esta análise rompe com o paradigma linear vigente de saúde e doença, onde o corpo e/ou ser humano tem paralelos de atuação e duração espacial norteados nas categorias saúde, doença, medicamento, cura e /ou morte, fechando ciclos das possibilidades do viver.

Para além de religião, questão essa que não é abordada nesta construção científica, adota-se o campo da espiritualidade como um dos universos que construímos e agimos no campo da saúde pela visão da medicina tradicional indígena, com desenvolvimento prático pela fitoenergética, sendo um percurso

baseado no livre arbítrio, nas possibilidades de ser/estar nos espaços multirreferenciais, em busca do estado harmônico polilógico.

Nessa perspectiva, a abordagem holística da Mandala/Constelação Fito Galáctica proposta, é demonstrada de acordo com o respeito às especificidades, particularidades de cada unidade/categoria, sabendo que essas partes são complexas e fazem parte do macro, do todo, explicitando a complexidade. Um olhar “reduzido” a princípio, com o intuito de analisar microestruturas, para considerar, propor e agir em uma visão macro.

Por isso, propõe-se uma representação da Mandala/Constelação Fito Galáctica, com o intuito de adotar novos padrões, pois de acordo com Morin (1977, p. 119), o objecto já não é uma forma-essência e/ou uma matéria-substância. Já não há uma forma-molde que esculpa a identidade do objecto a partir do exterior. A ideia de forma é conservada, mas transformada: a forma é a totalidade da unidade complexa organizada que se manifesta fenomenicamente enquanto todo no tempo e no espaço. A forma deixa de ser uma ideia de essência, para tornar-se uma ideia de existência e de organização.

Por quanto, o modelo aristotélico (forma/substância) e o modelo cartesiano (objectos simplificáveis e decomponíveis), ambos subjacentes à nossa concepção dos objectos, não constituem princípios de inteligibilidade do sistema. Este não pode ser apreendido nem como unidade pura ou identidade absoluta, nem como composto decomponível. Precisamos dum conceito sistêmico que exprima simultaneamente unidade, multiplicidade, totalidade, diversidade, organização e complexidade.

Assim, ao propor uma reflexão em torno da busca do EU, para a autocura, nota-se que é na compreensão que à medida, que se oportuniza conhecer as partes, nesse caso, é um todo complexo, são providos em uma escala que também é regida pelos campos morfogenéticos, isto é, por meio das possibilidades de concretização de ciclos relacionais e comportamentais, em busca da saúde carecendo de ser vista pelo caminho, não muito comum, o da compreensão e conhecimento sem julgamentos de si e do outro, através de uma visão sistêmica e holística, podendo ser compassivo diante de ações, e compreender os seus enganos e do próximo, para acontecer o despertar o “Eu” interior em ambas as partes.

Logo, evidenciando a importância desse campo,

Queremos mostrar que este é um universo participativo, cuja existência depende dos seres humanos. Neste exato momento, um grupo crescente de cosmólogos- desenvolve hipóteses sobre um universo completamente novo, um universo vivo, consciente e em evolução. Tal universo não se encaixa em padrões preexistentes. Não se trata do cosmos da física quântica, nem da criação descrita no Gênesis como sendo um trabalho de um Deus todo poderoso. Um universo consciente reage a como pensamos e sentimos. Sua forma, cor, som e textura derivam de nós. Portanto, consideramos que o melhor nome para ele é o universo humano, o que é o universo real, o único que temos (CHOPRA, 2017, p. 10).

Por isso, o despertar da humanidade pela utilização das ervas, plantas em sintonia com a existência dos outros sistemas, reafirma que os sujeitos na sua sementeira da vida plantam suas sementes, que é à base da sua saúde. Ao refletir com Orlovas (2003, p. 63),

O corpo físico é uma espécie de uniforme que ocupamos para treinar a convivência harmoniosa entre as mais diversas hierarquias... para o divino não existem seres melhores ou piores, todos são importantes, e em alguns casos até complementares.

Certamente, como mostra, ao debruçar com os conhecimentos, para a saúde por meio dos saberes e vivências em Medicina Tradicional Indígena e da Fitoenergética, percebe-se a importância de considerar o sistema, o todo. Ao mesmo tempo, a suma importância de não reduzir o ser humano, a uma parte podendo ser doença ou sintoma. O sujeito realiza papéis de vivo e morto, inteligente e débil, forte e fraco, disponível e indisponível. Tudo isso a depender de como sua parte atua de acordo com determinada situação.

Sem dúvidas, as escolhas pensadas em partes isoladamente, acreditando que não interferem na construção e atuação do seu sistema (o todo), são às vezes impensadas e praticadas, geram impressões com ressonância, tanto no corpo físico, como no corpo energético.

Assim, a nomenclatura Mandala/ Constelação Fito Galáctica, é conceituada pela autora como ciclos relacionais e vibracionais de natureza quântica consciencial, espiritual e corporal para promoção da saúde. Adota-se a ordem e desordem das partes, e o todo está sempre em aprendizado, a todo tempo concluindo e iniciando ciclos para uma experiência totalizadora na intenção de ser balizadora para um novo recomeço.

Segundo Morin (1977, p. 22), o todo só funciona como todo, se as partes funcionarem como partes. O todo deve estar relacionado com a organização. O todo, finalmente e, sobretudo, comporta cisões, sombras e conflitos. Então, ao propor esta

mandala, por uma perspectiva complexa, multireferencial, polilógica e inovadora, é para somar em outra vertente com a possibilidade de saúde mais profícua.

Uma vez que, rompe com a lógica vigente, onde por esta representação a cura se dá em um processo de autoconhecimento e autocura, tendo a pessoa o livre arbítrio diante das escolhas, pois o intuito não é negar a importância da indústria farmacêutica e os desempenhos extraordinários da medicina tradicional alopata e suas intervenções inovadoras para resgatar vidas acometidas pelas patologias.

Contudo, a abordagem clássica dos sistemas permitia o entendimento dos fenômenos, ou também sistemas, com uma visão isolada do contexto ambiental, de forma estática e fechada. De acordo com Bertalanffy (1977, p. 57), o criador da Teoria do Sistema Geral, sistema é o “[...] conjunto de unidades em inter-relações mútuas”. Ao refletir sobre os sistemas busca-se considerar as relações dos adoecimentos por meio da psicossomática, considerando assim os sentimentos, pensamentos, emoções e o EU maior- a alma-.

De acordo com os seguintes aspectos, já mencionados, o dicionário Aurélio Psyché traz a seguinte definição: “A mente, o entendimento, o intelecto, o que contém os sentimentos mais profundos de alguém”. E somático físico ou corporal; tem em conta o aspecto físico do corpo humano.

Desse modo, a saúde ideal, para a manutenção e melhoria da qualidade de vida das pessoas, é aquela que considera todas as suas possibilidades de atuação, partindo dos componentes como: seu comportamento, sua mente, seu corpo físico, seus corpos sutis, seus pensamentos, sentimentos, práticas, emoções, suas crenças, valores entre outros. Portanto, quem sabe, poder analisar esta conjuntura ou sistema de maneira plena e efetiva.

Para Morin (1977, p. 99) o sistema é “[...] uma inter-relação de elementos que constituem uma entidade ou unidade global”. Todavia, busca-se um olhar antigo-atual para evidenciar as doenças na sua origem e /ou causa, para isto compreende-se Ciclope (*apud* ORLOVAS, p. 159),

As doenças que afetam o corpo do homem, antes já afetaram sua alma. Todas as vezes que vocês virem uma pessoa doente, saibam que esta pessoa diante de vocês está doente na sua alma.... As doenças podem ser tratadas e curadas no mundo espiritual antes da sua manifestação no plano físico, corpo. E para isso vocês devem observar os seus traços de caráter: observem aquilo que está impresso em vocês... não é algo imposto pela vontade divina, como vocês acreditam, mas sim algo que foi criado por vocês, para ser resgatado. Se suas dificuldades estão em enxergar, pensem naquilo que vocês se recusam a ver em suas vidas. Se suas dificuldades

estão em caminhar, pensem nos caminhos que não estão se permitindo trilhar. Observem a natureza de cada uma das doenças. Observem como um médico do espírito. E observem também aquilo que vocês se recusam a fazer... E, só para contrariar, só para mostrar a liberdade do espírito, usem curar-se. Usem modificar as suas atitudes.

Então, partindo do pressuposto que temos o livre arbítrio para realizar as nossas escolhas, e que estas sendo positivas ou negativas serão a base para a nobreza, ou não em todos os setores da nossa atuação, salientamos que o padrão de formação de nossas vidas (familiar, social e educacional), na maioria das vezes, pouco busca a consciência do presente, da noção e reconhecimento da “criança interior” de cada um. Pois, o corpo é visto pelo aspecto tangível e material, refletir referente aos corpos sutis é acessar novos processos, baseados na expansão da consciência, nos desafios a cada dia, tendo um novo olhar de si e do mundo cotidianamente. Segundo Guimenes (2016, p.62),

Desde o início do pensamento humano, todos nós buscamos explicar os fenômenos da natureza e hoje tanto a física clássica quanto a física quântica concordam que tudo o que existe está em diferentes estados de energia e que somos feitos das mesmas partículas com as quais o universo foi criado. Nesse aspecto fomos feitos a imagem e semelhança do Criador, pois somos feitos da mesma energia cósmica que permeia tudo que existe.

Visto que, considerando essa dialética energética e espiritualista, valorizando os saberes ancestrais indígenas, nota-se que estes rompem com as amplas relações da nossa sociedade em definir saúde pelo viés da dor, do medo e adoecimento. Como não vivenciamos consubstancialmente esse olhar multifacetado e plural nossa formação educacional familiar e escolar, passamos a repetir padrões sociais, políticos e em nome do crescimento e desenvolvimento humano e planetário, legitimamos o medicamento e as suas inovações como um novo mártir para se ter uma maior longevidade e cura das doenças.

Dessa forma aprisiona os seres em sua diversidade de existência fazendo um distanciamento das adequadas possibilidades de viver sua essência com consciência das escolhas de como viver. É sensato que o fluxo das ideias de nova forma de prevenir doenças e de curar-se, com nova maneira de enxergar os seres humanos, muda a identidade no campo da saúde.

Dessa maneira se soma a crise de identidades na sociedade contemporânea, cada vez mais estressada e com menos opções de “pausas” para refletir sobre seu estado de ser humano, de ser pessoa pensante! Atuante! Vivente! Cada vez mais, o campo da saúde, e em particular, saúde mental necessita de novas pesquisas pelo

aparecimento de novas patologias. Incorporado a esta questão, outro fosso para conjecturarmos é na tamanha falta de percepção de si e autoconhecimento como propulsor de seus caminhos a trilhar que possibilita pessoas optarem com os fundamentalismos religiosos, políticos e da indústria medicamentosa.

Por isso, esta decisão, na maioria das vezes, mira preencher um espaço de que as pessoas necessitam para serem incluídas, buscando formas de transcendência (histórica pessoal e/ou metafísica) -, necessitando de valores emocionais, de vínculos afetivos, com identidades coletivas, de modo à validação dos vínculos de pertencimento, esquecendo-se do seu EU superior, do seu verdadeiro vínculo primordial de pertencimento. Segundo Sader (1988, p. 53),

Traz a expressão “novo sujeito” onde institui um sujeito designado a partir da prática política e social, vinculada a ideia de autonomia e de atuação De acordo com um projeto. Além disso, pensando em um sujeito coletivo, com atos de indivíduos que em dada ocasião histórica passam a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a redefinir-se a cada efeito resultante das decisões e ações realizadas.

Nesse caso, a propagação da doença e cura pela medicalização exacerbada, fortalece os vínculos sociais de uma humanidade sem consciência para exercer criticamente a sua autonomia e livre arbítrio. Dessa forma, esvazia a sua real missão de vida, seus propósitos e quereres.

Diante dessa visão, Guattari (1996, p. 32) “Demonstra este sujeito para discuti-lo de acordo á micropolítica de transformação molecular passa por um questionamento radical dessas noções de indivíduo, como referente geral dos processos de subjetivação”.

Portanto, evidencia-se a dialética fundamental da saúde não tradicional e o mundo tecnológico, urbano e industrial, com a necessidade da busca de novos padrões que motivem a cura de forma libertária e libertadora, de si e do outro! De um reencontro do sujeito e/ou pessoa com sua totalidade, unicidade, com processos teóricos e práticos, de forma vivencial e conecta valorizando seu mundo complexo das partes e dessa totalidade reunida.

Guattari (1986, p. 25) observa os sujeitos de maneira diferenciada, pois, para ele o sujeito, “é uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” Ressoando com esta questão, segundo Orlovas (2003, p.15), apesar de saber que a cura acontece de dentro para fora, torna-se realidade pela conscientização das nossas dificuldades e

de uma posterior mudança significativa das atitudes que temos frente à vida, acredito que juntos sempre estaremos melhor.

Diante desta colocação, como é preciso se compreender para poder atuar nos “mundos” que escolhemos. Sendo de suma importância conhecer, reconhecer, relembrar cada gesto, pensamento, sentimento e emoção percebendo que as nossas escolhas, são nossas, mais interferem completamente nos corpos do outro e no ecossistema. Indo além, o que nos permite refletir acerca da lei de causa e efeito, compreendendo o que os outros nos dão, na maioria das vezes, foi dado a eles (as) de forma consciencial, ou não, em momento anterior. Tudo está interligado. Faz parte de um todo.

Conjecturando com as vivências e saberes indígenas, segundo Wakay (2015), “[...] o estado pessoal é uma fidelidade com seu ancestral, abrindo caminhos assumindo erros e acertos. Uma distribuição de valores pessoais. É um universo de trocas”. Desse modo, o estado do viver é em articulação com o universo. E acredita-se no mundo real de possibilidades, em um universo quântico que tem suas leis de funcionamento.

Haja vista, nossas vidas e nosso viver estão se desenvolvendo em um campo eletromagnético e mecânico quântico, e o equilíbrio é permanecer na positiva, e feliz cocriação da nossa realidade. Um equilíbrio baseado em desafios a todo instante, que para ter abundância nos aspectos da nossa existência é a sintonia com o funcionamento do universo. Segundo Couto (2017, p. 82), existe uma frequência harmônica para essa atitude.

Assim, o nome dado ao título deste capítulo não é somente pela representação quantitativa da mesma no Planeta Terra, mas pela importância da mesma nos rituais das etnias indígenas estudados, por acreditar que nossos corpos são regidos pelos elementos da natureza.

De acordo com os estudos de Masaru Emoto, na “Mensagem da Água”, em suas pesquisas, nos traz as discussões em torno do campo vibracional constatando que a água é condutora de sentimentos. Suas partículas e as formações quando trabalhadas, através de palavras, gestos e ações de cunhos positivos e negativos. Assim, concluiu-se na evidência efetiva, que as energias vibracionais humanas, pensamentos, palavras, ideias e músicas, afetam a estrutura molecular da água, pois se percebeu ao submeter à água a esses processos e depois congelar para verificar os cristais que formavam.

Portanto, a cura é pensada em um sistema que é baseado no campo eletromagnético para a boa saúde, que segundo Pierce (2011, p. 17), “[...] de toda água da Terra, 95%, é salgada, e água salgada conduz energia eletromagnética com grande velocidade”. Dessa forma, a autocura se dá pela nossa relação consigo, com o outro e com a natureza criativa. Logo, temos outro contexto a se pensar,

Independentemente de como analisemos esses processos, tudo isso é muito para se esperar de um átomo, cujo comportamento natural é se unir instantaneamente ao átomo vizinho e permanecer em sua forma mais estável. E essa forma de se comportar continua em voga; os incontáveis sextilhões de átomos das estrelas nebulosas e galáxias agem como sempre agiram, bem como os átomos do sistema solar, do sol e do nosso planeta – além dos átomos nos seres vivos. Esses átomos conseguem se comportar com naturalidade enquanto, ao mesmo tempo, buscam algo criativo por fora, ou seja, a vida (CHOPRA, 2017, p. 184).

Nesse sentido, a transformação paradigmática envolve mais atores na busca de um novo olhar para a saúde e sua promoção. Capra, em seu livro “As Conexões Ocultas”, de 2002, desenvolveu uma compreensão sistêmica e unificada que integra as dimensões biológica, cognitiva e social da vida e demonstra que a vida, em todos os seus níveis, é interligada por redes complexas. Nota-se que na contemporaneidade, às áreas da neurociência, física quântica, psicologia e biologia evidenciam como diversas terapias vibracionais influenciam positivamente a saúde do ser humano. É um novo paradigma em saúde.

Assim sendo, os objetivos deste novo momento projetam um olhar para construção e difusão do conhecimento, considerando os aspectos como a heterogeneidade cultural, os saberes, as diversidades de experiências e a diversidade de conjecturas polilógicas, complexas e multirreferenciais do nosso campo da vida social e científico para pensar em saúde holística. Na ótica de Capra (2002, p. 17), “Uma das principais intuições da teoria dos sistemas foi à percepção de que o padrão em rede é comum a todas as formas de vida. Onde quer que haja vida, há redes”.

No âmbito dos campos morfogenéticos e complexidade, Barbosa *et al.* (1998, p. 27) dizem que,

Embora os educandos saibam que a prática pedagógica exige a coexistência de múltiplas referências teóricas para a compreensão do fenômeno educacional, que é impossível fechar os olhos para as transformações na consciência, na sensibilidade, nos afetos, trazidos pelos desdobramentos tecnicocientíficos, parece que sonham com uma espécie de unidade, tendo em vista a formação integral dos educandos.

Consequentemente, os efeitos vivenciados nas práticas por meio da medicina tradicional indígena, convergem com a formação, relação, efeitos gravitacionais e eletromagnéticos que os seres realizam em nosso planeta, sendo atualmente explicitados pela ótica dos campos mórficos. Os físicos quânticos descobriram que os átomos físicos são vórtices de energia que estão constantemente em vibração. Então toda estrutura do universo, incluindo você e eu, irradia uma assinatura única de energia (LIPTON, 2018).

Nessa perspectiva, a percepção do ambiente que controla as células e as nossas crenças selecionam nossos comportamentos e atitudes. Assim, analisamos os campos mórficos segundo o experimento da mecânica quântica, o da dupla fenda, proposto por Clinton e Lester Germer (1927), apesar da distância cronológica, o mesmo é atual e basilar nas construções dos conhecimentos da atualidade.

Nesse experimento, o átomo (a substância que forma as moléculas), que possui polo negativo e polo positivo, possui em volta dele um campo eletromagnético. Assim, “atirando” um elétron para uma placa com duas fendas (dupla fenda), o elétron passa pelas duas fendas. Então, percebe que este fato, se dá através de uma onda, que passa simultaneamente, recebendo informação uma da outra concomitantemente (COUTO, 2018).

Entende-se desta forma uma das maneiras de analisar porque “somos um” e as nossas relações com os arranjos da vida são em interligações com o todo. Logo, a visão Newtoniana vigente nos fragmenta e nos coloca a pensar que não temos ligação entre nós, somos meramente partículas.

Dessa maneira, podemos pensar que, se tudo está conectado em forma de onda, ressonamos no outro o nosso caminhar. Logo, o que desejamos, sentimos, ou agimos, e o que informamos ao universo (energia e informação), produz conhecimento concreto e abstrato e pode ser explicitado pelas diferentes vias e formas.

Por conseguinte, ao pensar a saúde holística e as relações pela medicina tradicional indígena, propõe-se uma representação (Mandala/Constelação Fito Galáctica) para repensar a saúde pelos caminhos da saúde quântica, isso por acreditar na área da autocura pelas diversas áreas dos conhecimentos. Não descredenciamos a importância da física newtoniana, mas compreendemos que o olhar, somente por três dimensões espaciais, fica estrito diante da multifacetada realidade que vivemos.

Portanto, acreditamos na existência de outras dimensões além das três já colocadas nos estudos clássicos, e mesmo assim esses são os degraus já percorridos para compreender a existência de outras dimensões. Assim,

Campos morfogenéticos, os campos organizadores de moléculas, cristais, células, tecidos e na verdade, todos os sistemas biológicos. Também discuto os campos organizadores do comportamento animal e de grupos sociais. Enquanto os campos morfogenéticos influenciam a forma, os campos comportamentais influenciam o comportamento. Os campos organizadores de grupos sociais, como bandos de aves, cardumes de peixes e colônias de cupins, são chamados de campos sociais. Todos eles são campos mórficos. Todo campo mórfico tem uma memória inerente dada pela ressonância mórfica. Campos morfogenéticos, os campos organizadores da morfogênese, são um tipo da categoria mais ampla de campos mórficos, como uma espécie dentro de um gênero (SHELDRAKE, 2013, p. 23).

Dessa maneira, os campos morfogenéticos, como proposta de aplicação em promoção da saúde, são realizados de diversas formas. O campo da Constelação Familiar Sistêmica⁶, criada por Bert Herllinger, em seus estudos de campo em que acreditava na constatação de que cada pessoa vive de acordo com determinado padrão. Seus estudos foram, em grande parte, nas tribos da África, em especial os povos das tribos Zulus, onde comprovaram a existência e eficácia desse campo energético para a autocura, não só de si, mas do outro e da ancestralidade familiar efetivamente. Parafraseando com Herllinger, trago Hegel (2005), que diz:

Portanto a virtude é vencida pelo curso do mundo, pois o seu fim de fato é a essência inefetiva abstrata, e porque, com vistas à efetividade, seu agir repousa em diferenças que só residem nas palavras. A virtude pretendia consistir em levar o bem à efetividade por meio do sacrifício da individualidade; ora, o lado da efetividade não é outro que o lado da individualidade. O bem deveria ser aquilo que é em si, e o que se põe em oposição ao que é; no entanto, o Em si, segundo sua realidade e verdade, é o ser mesmo. Primeiro, o Em si é a abstração da essência frente à efetividade; mas a abstração é justamente aquilo que não é verdadeiramente, porém que é só para a consciência. Quer dizer: é o que se chama efetivo, pois efetivo é aquilo que essencialmente é para outro, ou seja: é o ser (HEGEL, 2005, p. 202).

Visto que, na contemporaneidade o interesse pelo bem-estar e qualidade de vida das populações tem aumentado assim pesquisas e propostas de intervenções nascem com veemência na articulação de viver melhor e não meramente em se ter mais anos de vida. Segundo Nin, mencionado por Piercer (2001, p. 111), a vida é um processo de tornar-se, uma mistura de estados pelos quais temos de passar. As

⁶ Constelação Familiar Sistêmica é o nome dado a técnica criada por Bert Herllinger, que atua por meio dos campos morfogenéticos direcionados a partir de três leis sistêmicas criadas por ele: a lei do pertencimento, a lei da ordem e a lei do equilíbrio.

pessoas falham quando querem eleger um estado e nele permanecer. Isso é uma espécie de morte.

2.3 POLILÓGICA

No sentido de evidenciar uma proposta de análise e intervenção pelo Método da Maraca para saúde holística de seres humanos no contexto polilógico, é compreender as diversas possibilidades, heterogêneas configurações e processos múltiplos, pois o curso do devir se dá na individuação e, ao mesmo tempo, na pluralidade articuladas nas relações homem-natureza-universo. Corroborando com esta discussão, Galeffi (2016, p. 190),

De imediato quero afirmar que o ser humano tem a propriedade de alcançar o estado T(Terceiro) de consciência da consciência e da inconsciência, do conhecimento do conhecimento e do descobrimento. Entre as espécies animais do planeta só a humana tem a necessidade de compreensão para seguir projetando-se em possibilidades de ação e criação comum, compreendendo-se como mediador dos diferentes planos e níveis de realidade e de percepção da vida/natureza processada cognitivamente em conjuntos associados, sistemas de sistemas.

Nesse perspectiva, os desafios da observação são os caminhos do simples em torno da saúde (o complexo), e os olhares foram à busca do reconhecimento dos fenômenos dentro da multidimensionalidade que é a medicina tradicional indígena dos povos Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó. Para Kohin, (2016, p. 111) “A observação é fundada sobre a escolha e sua substância é metodológica. Ela é um processo no tempo do qual fazem parte os fatos parados e as interpretações parciais, provisórias”.

Sendo assim, nos desafios do desenvolvimento deste estudo, e das conjunturas impregnadas da saúde mercadológica do paradigma vigente, eles nos conduzem a buscar os caminhos do respeito às diferenças sejam elas: do conhecimento, das escolhas, dos caminhos ao cuidado da saúde em uma análise que ultrapasse o aprisionamento dos saberes tácitos e dos saberes culturais.

Por isso, se faz necessário uma investigação na valorização da pluralidade das atuações em promoção da saúde, respaldados em uma construção colaborativa entre indígenas e não indígenas de caráter dialético, ético, estético e da equidade que contribuam para a ampliação do olhar sobre a vida a partir da natureza.

Neste sentido, podemos nos valer de novos domínios da ciência, alguns ainda na vanguarda, outros mais assimilados, para podermos aperfeiçoar os métodos e processos cognitivos, de maneira a tornar o conhecimento algo mais multireferencial, transdisciplinar, portanto, mais consistente, universal, holístico, justo e humano (GALEFFI, 2011, p. 125).

Portanto, relembremos a importância da liberdade de pensar e agir com o que se gosta ao qual possibilita uma construção polissêmica para pensar o campo da saúde, para além do campo da doença. Na contemporaneidade as pessoas, a mídia e a indústria farmacêutica discutem, organizam e agem dizendo ser saúde (tratamento ou prevenção), porém se baseia e age no campo da domesticação e aprisionamento dos corpos pela doença.

Enfim, a complexidade e multireferencialidade de determinantes, condicionantes e fatores envolvidos, indicam que o campo da saúde do paradigma vigente, da saúde holística e da saúde indígena, paradigmas emergentes, possui desafios que são da perspectiva de construção e difusão dos conhecimentos até às práticas de atendimento. De acordo com Luz (2008), essas diferenças decorrem e podem ser notadas, ao caracterizar o

[...] saber da clínica moderna, orientado pela morte (anatomia patológica), volta-se para a causa da doença (agente patológico) e para sua origem espaço-temporal (localização orgânica e história sintomática), enquanto o saber da clínica homeopática volta-se para o indivíduo desequilibrado (doente) no sentido de reparar-lhe a energia vital (curá-lo) (LUZ, 1988, p. 125).

Desse modo, a compreensão de como se dão as complexas relações entre homem e o seu espaço, o seu território (interior e exterior), o de sua vida, o de sua ação social, o dos mundos do trabalho são evidenciados pelas suas características familiares, educacionais, religiosas, históricas, econômicas, culturais, epidemiológicas, sociais, dos seus sistemas de crenças, bem como, das suas vulnerabilidades e potencialidades.

Entretanto, a vertente polilógica rompe com o viés da aculturação, da submissão, do aprisionamento, do julgamento prevalecendo à égide da comunicação não violenta, do diálogo em rede de colaboração para o fortalecimento da coletividade. Essa vertente agrega substancialmente os discursos do campo da saúde holística, bem como, a aplicabilidade de suas ações para promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida dos diversos seres do universo. Assim,

A prática visada, assim, é o movimento dialógico/polilógico da construção social do conhecimento próprio e apropriado. Deste modo, não significa deixar de aprender tudo o que as humanidades históricas já conquistaram e sim saber aprender a construir o conhecimento colaborativo, não sendo necessário que cada um saiba como cada um tem a sua própria especialidade a partir de sua diferença radical (GALEFFI, 2017, p. 122).

Sendo assim, nesta ocasião reconhece os saberes, práticas e conhecimentos das etnias indígenas estudadas no campo da saúde pela Medicina Tradicional Indígena, reconhecendo a importância de as observações terem sido analisadas e difundidas pelo olhar da polilógica, da complexidade e da pluralidade, de forma ética. Respalda esse pensamento pela compreensão do exercício que se fez necessário no que se refere à integridade cotidiana no campo estudado. Lindos campos com os seres de diversas dimensões e atuações pela ressonância mórfica, desenvolvendo as autocuras pelas plurais formas tradicionais indígenas e pela firoenergética.

Nesse ponto de vista, essa integridade, em civilizações antigas remetem a estrutura e potencialidades dos labirintos em coesão com os possíveis desenhos e forças circulares do universo. Faces ocultas do eu e de nós. Uma das possibilidades de viver a incerteza, sabendo que é entrar em nosso labirinto, é permitir viver nosso EU. A autocura.

Logo, a teoria polilógica (do grego *poli* + *logos*) que se opõe ao pensamento monológico guiado pelos princípios da ordem, separabilidade e razão absoluta-universal, propõe uma virada epistemológica que abandona a segurança de um discurso unívoco e considera que o conhecimento só é possível, a partir da percepção da diversidade e da complexidade. Podemos destacar como acepções da teoria polilógica: teoria de numerosas lógicas, teoria de múltiplas linguagens, teoria de muitos nomes, teoria de numerosas razões, teoria da multiplicidade, teoria da multidão (GALEFFI, 2016).

2.4 RACIONALIDADES EM SAÚDE

Mesmo com sua importância para a humanidade, os diversos determinantes da saúde hegemônica nos colocam em cenários econômicos, espirituais, políticos e sociais desafiadores. Os caminhos trilhados pela racionalidade indígena têm o intuito de promover uma saúde, de forma local impactando na saúde global e nas diversas etnias e populações, um cuidado com a integralidade planetária.

Nesse sentido, a forma e organização indígena nos fazem articular os diversos papéis que sustentam o saber viver, através de uma equilibrada saúde, mas que é estruturalmente baseada em um individual e coletivo de ações, diálogos e interações com a comunidade étnica, bem como a sociedade em geral. Essa atenção à saúde individual e coletiva é pautada em uma totalidade de saberes e práticas que convergem para o cuidado que transcende as comunidades indígenas, é um pensar e agir de forma coletiva, humanizadora e integral, se colocando a fluidez das “curas”, para a humanidade.

De acordo com Luz (2008, p. 197),

Integralidade seria um atributo, usado no contexto da atenção e saúde especializada (mas não só), qualificador de uma ação interpretativa e terapêutica, preventiva ou “curativa” o mais amplo e global possível, e, ao mesmo tempo, precisa, que integra muitas dimensões dos adoecimentos e da vida dos doentes, tanto do ponto de vista dos pacientes como do saber especializado que orienta o curador.

Assim, pensar ações em educação e saúde indígena perpassa em conhecimentos gerais e locais, abordagem que concilia as potencialidades individuais e coletivas. Como Madel Luz nos traz no texto de “Racionalidades Médicas e Integralidade”, onde o curador tem a expertise que lhe permite interpretar as queixas dos doentes, reorganizar o vivenciado, dando sentido a ele e executar ações em saúde-doença, preventiva e/ou terapêuticas.

Nota-se o avanço em 1986, trazido pelas ações da Conferência Nacional de Saúde, em que introduz a importância da inclusão de práticas alternativas de cuidado à saúde para todos, vislumbrando a sua inserção no Sistema Único de Saúde (SUS). Um avanço nas relações de cuidado e integralidade para promoção da saúde e qualidade de vida das populações.

Desta forma, trazer uma nova perspectiva de autocura e cuidado por uma construção que valorize e reconheça os seres humanos por um corpo coletivo, com condições de alinhamentos articulados com a saúde holística de forma integral e integrada aos movimentos que nos afirmam a coexistência de outras racionalidades, para além da racionalidade médica hegemônica vigente. É notar a coexistência de aspectos, universos e cuidados que contém saberes, conhecimentos e práticas em autocuras que convergem no restabelecimento dos corpos dos adoecidos, mas que estão distantes da biomedicina contemporânea e dominante, bem como do reconhecimento de alguns pares do campo científico hegemônico.

Por isso, o pensar agir no campo dessas racionalidades, de acordo com Luz (2008, p. 198), em racionalidades médicas com um estilo de pensamento complexamente elaborado, todo o processo interpretativo e terapêutico é restringido e dirigido por suas características, valores, métodos e limites estilísticos, sendo que todo saber e ação em saúde/doença serão, mais ou menos, completos, extensos e verazes em coerência com as respectivas concepções e características das racionalidades.

Portanto, nas racionalidades da natureza e da medicina tradicional indígena, sua saúde, bem-estar e promoção da saúde perpassam pelo reconhecimento e pertencimento de seus corpos em harmonia e sintonicidade com o todo. Uma origem que se constrói em uma constância humana pelo seu equilíbrio interior e exterior, ligado à sua origem ancestral. Assim, as ordens de sentido da vida se fazem pela admissão e permanência em viver as práticas das racionalidades da cultura e medicina indígena como um bem para si, e para o todo.

Dessa maneira, busca-se pautar em racionalidades médicas outras que ampliem as consciências humanas na visão coletiva e colaborativa de “curas” coletivas, compreendo a saúde e adoecimento como caminhos de libertação e aprendizado. De acordo com Luz (1988, p. 92),

A saúde passará a ser vista não como afirmação da vida, mas como ausência de uma patologia. A “cura” será substituída pela cessação de sintomas, sobretudo dos sintomas principais, ou “chaves” de uma doença. É assim, da eliminação da doença no corpo dos indivíduos que nasce a saúde na medicina moderna.

Esse enfoque lembra o contrato social trazido por Rousseau, que nos remete a dialogar com as possibilidades de preservação do homem, da natureza e seus modos de vida. Tudo isto na garantia de um bem-estar e segurança social. Assim, as articulações das etnias estudadas se baseiam na soberania política do desejo coletivo tendo como modo de articulação social, nas aldeias e fora dela, mediante um exercício solidário, colaborativo e fraterno lembrando dessa forma esses contratos sociais. Um pensar saúde integral e integrada com a vida e com o viver, do individual e coletivo.

Desse modo, observa-se e compreende a persistência em preservar seus costumes, crenças, hábitos e modos de autocurar-se em harmonia com a natureza, uma racionalidade outra em saúde, que resiste ao longo do tempo com um lugar de grande benefício para a humanidade. Diante de todas as lacunas e possibilidades,

como também das diversas racionalidades em saúde, percebe-se a importância da racionalidade em saúde tradicional indígena.

Segundo Luz (2008, p. 202), sabemos que todas as medicinas e culturas apresentam limites no seu trato do processo saúde-doença, na sua eficácia/efetividade/veracidade, tanto na promoção da saúde como na diagnose e prevenção de adoecimentos e terapêutica.

3 TERRA MÃE: PONTO DE PARTIDA E A ESCOLHA DOS OLHARES

Esta passagem nomeada Terra Mãe estabelece uma codificação necessária diante da abordagem acerca dos povos indígenas Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó, pela relação de importância que a matriz conceitual tem na constituição deste trabalho doutoral, bem como pela relação de relevância da terra mãe ser o lugar a qual a humanidade e suas criações se estabelecem para o desenrolar das suas vidas, uma percepção de lugar conectivo e de importância primordial pela cosmovisão em saúde indígena.

Assim, esse breve referencial histórico se torna importante pelas ligações estratégicas estabelecidas entre eles ao longo dos tempos, suas ligações coloniais, a partir de momento histórico quando o Brasil era chamado de América Portuguesa Colonial, transcorrendo em breves passagens para a compreensão da colonização e existência, dificuldades estruturais na condição humana e na lida com os cuidados em saúde, resistências, tensões, junções e permanência destes em seus territórios originários. Em um segundo movimento serão apresentados mostrando os percursos metodológicos que permitiram o desenrolar desta investigação.

3.1 MEDICINA INDÍGENA BRASILEIRA: BREVE HISTÓRICO E VERTENTES DE PENSAMENTO

O capítulo apresenta breves fatos históricos que acompanham o desenvolvimento e crescimento do Brasil relacionado aos povos originários. Na maioria das publicações sempre veem demarcado com mudanças bruscas nas estruturas: sociais, políticas, econômicas agrárias e humanas, consequentemente atingindo o campo da saúde. O modelo hegemônico de saúde leva-nos a pensar em saúde, a partir da doença, de acordo com os processos de dominação ocorridos.

Assim, os processos de colonização brasileira, não tiveram a prudência e respeito ao se depararem com os povos originários, encontrados nas diversas territorialidades, de modo que pudesse assegurar-lhes sua história, sua organização social e política, seus modos de vida, sua cultura, sua religiosidade, sua ancestralidade, seus processos educativos, suas práticas e saberes gerais e em saúde.

Enfim, inúmeras pesquisas não deixam dúvida sobre o fato de que as ações e as escolhas indígenas deram limites e possibilidades aos processos de conquista e colonização das diferentes regiões do Brasil (LUCIANO, 2006, p. 25), em particular os povos indígenas, que são o foco das investigações desse estudo, pois percebemos que nos processos de colonização, esses povos sofreram devido o avanço nacional e de diversas formas tiveram suas terras de origem ocupadas.

Desse modo, nas diversas passagens da história do Brasil as referências a esses povos identificam um tratamento de maneira não grata, sempre usados brutalmente como força de trabalho, muitos mortos e aculturados, sendo desta forma a interferência para o descontrole nos processos de saúde.

Segundo Almeida (2017), as narrativas de conquista e colonização enalteciam a ação heroica e desbravadora dos portugueses, enquanto os índios pareciam ser facilmente vencidos, catequizados e transformados por eles. Nos anos 1960 e 1970, uma historiografia de base marxista, propulsora da chamada história dos vencidos, criticava essas abordagens com denúncias sobre as atrocidades cometidas contra os índios.

Uma construção importante, pois deu a oportunidade de desconstrução da forma que é transmitida este caráter dito heroico dos nossos colonizadores, sendo mais sensato explicitá-lo como ato de grande crueldade e falta de respeito á uma etnia. Se pensarmos nessa passagem como indígena que somos, explicitamos um tamanho desrespeito a si mesmo, pois estamos nestes universos ligados em um só sistema chamado mãe terra.

Então, mesmo reconhecendo as características marcantes referentes à saúde e biotipo dos povos indígenas,

Com razão se pode indicar a raça vermelha como sendo muito sadia, e conhecidamente possuidora de grande longevidade, mas isto, só enquanto habita exclusivamente sua terra e não está em contato com a civilização europeia (MARTIUS, 1939, p. 183).

Nesse sentido, houve grande desrespeito às diferenças e não permitindo essa etnia continuar a viver em harmonia e preservação da natureza, respeitando seus ciclos evolutivos da abundância, qualificando-os á um viver inferior, por não ter os arranjos de vida norteados pela civilização europeia. Muitos são os relatos que somente descredenciam esses povos, nesta mesma obra realizada pelo pesquisador, médico e biólogo alemão Carl Friedrich Philipp Von Martius (1939, p.

186), pois se fundamenta no estado da arte médica entre aquela raça selvagem, porque, se o considerarmos mais de perto, veremos claramente que o índio está inteiramente impossibilitado de achar, por si, o verdadeiro e suficiente auxílio, para as doenças físicas às quais está sujeito.

Assim, mais uma vez um olhar estritamente cartesiano e positivista do pesquisador, que vislumbra saúde meramente pelo viés biológico e da saúde física, desconsiderando os conhecimentos desses povos, sua cosmovisão. Que pela linguagem empregada, não havia uma aproximação que pudesse, de fato, mapear as ações em saúde, seu uso, ação e eficácia. Um “mapeamento” baseado, na relação de caça e caçador, forte e fraco, novas tecnologias e tecnologias artesanais, que visava colonizar e balizar a medicina tradicional alemã, como meio ideal de cura e não um olhar visto a novas possibilidades e engajamentos.

Portanto, dá-nos margem a pensar se este movimento de pesquisa estava realmente imbricado no contexto e territorialidade indígena, buscando conhecer o Brasil. Pelo adjetivo dado - selvagem - notam-se as estranhezas daquele período, que para alguns, ainda se perpetua na contemporaneidade. Que real contato profícuo ocorreu com estes povos buscando a compreensão de seu modo de vida, suas práticas em cura e seus rituais sagrados?

Daí surge esta interrogação devida esta passagem ter sido citada de uma observação que teve grande valor no mundo científico do período, sendo um dos mais relevantes pesquisadores alemães a estudar o Brasil. Não bastando com esta colocação, ao averiguar as práticas e saberes tradicionais indígenas, segue na p. 186, pelo mesmo autor, a arte médica dos índios brasileiros, este mistério está em mãos de alguns homens, que se distinguem pelo espírito de observação, astúcia, laboriosidade e, às vezes também, nas de mulheres velhas. O médico, chamado pajé na língua Tupi, é sempre um indivíduo de ascendência, de influência na tribo, talvez maior do que, atualmente, costuma ter um professor, entre os médicos europeus. Esse, não faz parte de corporação, nem de grêmio particular; não é doutor, nem mesmo mestre, não recebe, por diploma, o direito de curar, entretanto, lhe assiste um grande e ilimitado poder.

Desse modo, verifica-se a finura no que se refere nas entrelinhas, à organização e respeito às hierarquias e tradição do povo observado, não tem vínculos acadêmicos e profissionais, como relata o autor, mas as relações são consolidadas e fecundas. As narrações egóicas e de um lugar demonstrando o

distanciamento do que estava sendo experienciado, que nem se deu conta da sabedoria e ritualísticas, onde o que parece ser não é. Sendo uma prática pioneira e milenar baseada no silêncio, observação, conexão e ação, onde a compreensão só se dá aos próprios nativos.

Na tentativa de buscar respostas, tenta-se ser radical, com vistas a compreender na raiz da questão referente à saúde e os meios utilizados por alguns dos povos originários.

Segundo Santos (2009, p. 28), as expedições e olhares foram numerosos,

Semelhantemente, C. M. de La Condamine, ao viajar pela região amazônica em meados do século XVIII, relata a exuberância da flora e da fauna brasileiras, apontando inclusive a importância medicinal das plantas nacionais. O viajante afirma que “[...] as plantas utilizadas pelos indígenas [...] especialmente o curare, veneno mortal com o qual os índios untam suas flechas, e outros produtos extraídos de plantas ou de peixes, e que servem de inseticida, medicamento, alimento, pintura ou talismã”.

Portanto, traz-nos não somente a riqueza da natureza, das terras, mas também os fazimentos de um povo e suas aplicações, pois quando refletimos sobre essas origens da cognição em saúde indígena, um olhar assertivo seria através das ideias, que despertam um mundo, alinhadas com os saberes, práticas e conhecimentos ancestrais e tradicionais. Assim, naquele período não sendo contemplado a cosmovisão indígena sobre a saúde, doença e cura, percebem-se no decorrer, que os métodos indígenas, desde o início dos tempos, atuam por meio da avaliação das plantas e dos indivíduos na totalidade, um corpo único, sendo considerado os seus corpos sutis. De acordo com Martius (1939, p. 189),

[...] no ofício de curar, exercido pelo pajé, reúnem-se: superstição e crença nos milagres, extravagância e penetração de pensamento. Ele acredita nos remédios e métodos de cura que propõe; e nisto é tão consciencioso, quanto os verdadeiros médicos europeus; mas, não despreza, como fazem alguns da nossa faculdade, certas formalidades [...].

E continua,

Antes de tudo devemos dizer que o médico dos brasis, em todo tratamento, emprega remédios que são forças misteriosas para ele e para os doentes. No que diz respeito à natureza desses remédios, sobre os modos como atuam e curam, não tem ele, absolutamente, ideia clara e precisa [...]. Assim, a medicina dos brasilíncolas, nos parece magia ou feitiçaria (MARTIUS, 1939, 191).

Segundo Varela (1991, p. 25), ao refletir encontramos-nos num círculo: estamos num mundo que aparenta estar ali antes da reflexão começar, mas esse

mundo não está separado de nós. Logo, as constatações se baseiam do lugar, valores, crenças, em que cada um vive.

Diante de tanta resistência cultural, sabemos que existem famílias remanescentes de comunidades indígenas ainda não vistas, com sérios problemas de migrações e sendo ocultados pela sociedade. Um número expressivo de acordo como censo, porém sem condição de viver, sendo cada vez mais afastados de seus costumes ancestrais. Muitos povos estão resistindo e querem continuar na busca da valorização de seus valores étnicos e de suas tradições.

Na ótica de Preziosi e Hoonnaert (2000, p. 91), a principal causa dessa situação é a falta de terra. As 31 áreas indígenas do Nordeste correspondem a apenas 250 mil hectares, muito aquém dos 400 mil reivindicados pelos grupos indígenas. Esta área corresponde de 0,5% das terras indígenas, embora vivam no Nordeste, 18% da população indígena do Brasil.

De acordo com os resultados do Censo Demográfico (2010), provenientes do quesito cor ou raça, 817,9 mil pessoas se declararam indígenas, representando 0,4% da população total do Brasil. Esse número tem crescido podendo ser analisando por diversos olhares, como pelo maior acesso das populações às aldeias, pelo aumento das políticas, pelas dificuldades sociais, ambientais, econômicas e políticas de permanência com sua cultura nas matas, pela globalização levando outros valores para realidade das aldeias entre outros.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), a maior parcela de indígenas residentes fora das terras indígenas, em termos absolutos, correspondeu à Região Nordeste, com 126 mil indígenas, com um peso relativo de 33,4%. Podemos verificar que existem em torno de 305 etnias no Brasil, sendo que 48,7% residem na região norte e foram contabilizadas 274 línguas indígenas faladas no Território Nacional.

Desse modo, a história da colonização europeia e de seus conflitos, sobre os povos indígenas, é bem conhecida, o que respinga no traço e condição humana que sobrevive até os tempos atuais. Pautada numa prática de trabalhos forçados, desterritorialização, deslocamentos forçados, genocídios, massacres, escravidão e sequestro de mulheres e crianças, encarceramentos, políticas de assimilação forçada e criminalização de protestos e resistências “estão profundamente enraizados na sociedade moderna e seus efeitos continuam existindo e continuam

determinando a vida dos povos indígenas em muitos países” (STAVENHAGEN, 2009, p. 64).

Assim, em tempos remotos e muito fortemente com exclusão e desrespeito percebe-se o olhar do colonizador referente aos povos originários. Então, buscar uma frente em que potencialize um olhar diferenciado no campo da saúde, da autocura pelos saberes ancestrais indígenas, é poder contribuir para a mudança de paradigma no campo da doença.

Visto que até os cuidados com essas etnias foram demorados, pois, o reconhecimento, enquanto direito à saúde pública, ocorreu após nove anos de constituição do Sistema Único de Saúde (SUS), em momento anterior era de responsabilidade da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Em contraponto a esta cultura de exploração, o presente trabalho busca resgatar e sistematizar diretrizes dos ensinamentos indígenas e do uso da energia das plantas (Fitoenergética), destacando-se a liberdade de busca das verdadeiras identidades, potencialidades e autocura, sendo um caminho engrandecedor de si e do outro.

Nessa perspectiva, ao vivenciar, a partir de si, as experiências de autocura, busca-se as partes em um movimento de descolonização pessoal, no intuito de promover uma convivência social harmônica e feliz, pois parte do movimento de romper-se de si mesmo, para ter condições de criar e cocriar o outro, baseado na coletividade, respeitando as individualidades e diferenças. Infelizmente, processos que foram extirpados na história indígena.

Nesse sentido, as histórias da colonização brasileira muito nos conduzem a pensar sobre a crueldade e desmoralização com essa etnia, em que os portugueses, em seu processo de inserção dos indígenas recorreram a maneiras em que desconsiderava esses indivíduos, e não os tratava de forma humana e respeitosa.

Em vista disso, as maneiras de inserção eram por meio da escravidão como força de trabalho, pelo desprezo de sua identidade e assim gerando a aculturação e conseqüentemente “destruição”, tristemente realizada pelos jesuítas e outras ordens religiosas. Não bastando, outro traço marcante é a inserção dos indígenas como trabalhadores assalariados.

De acordo com Stavenagen (1988, p. 158) os movimentos indígenas e as relações aos seus direitos políticos realizados no Brasil, tinham a pretensão e buscaram efetivar sua participação em ações que lhes dizem respeito, exigindo que

a FUNAI consultasse as partes interessadas – os indígenas-, antes de tomar qualquer decisão referente a esta etnia (HISTÓRIA E CULTURA GUARANI, s.d.).

Logo, eles resistem à dominação e buscam a sua liberdade de movimento e refutam quanto à proibição do governo de manter suas reuniões reduzidas, argumentando que, se o Estatuto do Índio afirma que "somos livres", devemos ser capazes de viajar e visitar nossos irmãos De acordo com Convenção n.º 107 da OIT, de 5 de junho de 1957, bem como o direito de eleger chefes de acordo com os costumes tradicionais (OMS, 2001).

Buscar a compreensão sobre os cuidados em saúde e costumes, tendo referência nossos povos originários, é acreditar em uma base de cura majestosa e mais uma possibilidade de pensar a vitalidade, prevenção de doenças, longevidade, promoção da saúde através de hábitos saudáveis em harmonia com nossa matriz divina, que é a nossa maior morada. O planeta terra! A mãe terra. É também propor relações que nos potencializam como indivíduos, é reconhecer pelo viés acadêmico, o senso comum e conhecimentos tácitos indígenas com as relações existentes no campo científico. O que nos traz como possibilidade um olhar inclusivo e não meramente contemplativo.

Segundo Freire (2005, p. 30), esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível, e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se *des-vela* a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo.

Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em *estar frente à realidade* assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser, ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo, pois com o passar dos tempos e diante de tantos desafios dos povos

indígenas, bem como na carência de sistematização desses saberes e práticas, quantos conhecimentos foram perdidos, ocultados?

Nessa perspectiva, uma conscientização como traz Freire (1987), que fortalece a proposta dialética para análise deste estudo, em uma situação de idas e vindas de compreensão do concreto e do abstrato visando uma compreensão do contexto em saúde, bem como as partes, buscando autocompreensão.

Concluindo esta passagem, debruço á referenciar o nome deste capítulo, não somente por ser na terra a caminhada de desafios desse povo, mas também para trazer reflexões no campo das relações multirreferenciais e no campo da complexidade que comporta este trabalho.

Nosso Planeta Terra tem na sua constituição em torno 71% constituído por água segundo Horward Perlman/ Woods Hole Oceanographic Institute (2019), nosso corpo segundo Mcardle, Katch e Katch (1998, p. 50),

A água perfaz de 40% a 60% da massa corporal de um indivíduo, e constitui de 65 a 75% do peso dos músculos e aproximadamente 50% do peso da gordura corporal. Conseqüentemente, as diferenças na água corporal total entre os indivíduos são devidas essencialmente a variações na composição corporal.

Assim, falamos em terra, porém a maior parcela planetária é de água! Nota-se que as áreas da saúde tradicional têm uma relação de orientação e prescrição de quantidades ideais de ingestão de água para funcionamento do nosso corpo. Essas indicações são realizadas visando melhor funcionamento orgânico e fisiológico.

Diante da historicidade e vivência com as comunidades tradicionais indígenas, verifica que as relações com à terra que seja para plantar e colher, ou Mãe Terra, como morada, a perspectiva de convivência e relações em saúde, se dá pelo cuidado e respeito. Nesta perspectiva indígena o zelo e reverência à mãe terra são como geradora dos filhos-nós-, referindo-a esse *lócus* ao útero materno, ao mesmo tempo, é quem nos possibilita viver por meio das suas terras e utilizando suas águas para nos fortalecer, banhar, prover os alimentos.

Portanto, ao analisar as relações entre os corpos diante aos percentuais relativos de água que constituem o planeta e o corpo humano, percebe-se uma quantidade proporcional bastante equivalente. Aí, vem mais uma análise indígena que indica a necessidade de cuidar de nossa mãe e nosso corpo. A mãe não desmantando as matas, não poluindo seus rios e oceanos, não jogando poluentes no ar, não extinguindo as espécies animais, não se corrompendo enquanto seres

humanos com nossos irmãos. Ao mesmo tempo, cuidar do nosso corpo não somente ingerindo quantidade ideal de água, mas em conexão com a força viva da energia da natureza utilizando o que as águas nos promovem enquanto força divina. Suas características, “formas”, “sabores”, “cheiros”, temperaturas, correntes e seus constituintes.

Essas vivências para buscar saúde com a mãe terra, Segundo Wakay (2018), realizada em Salvador-Ba, em um centro terapêutico no bairro no Stiep, por meio do Círculo vivencial para cura do sagrado feminino e seu corpo ancestral por meio da ritualística das maracas,

Não existe acaso ou por acaso. Precisamos estar preparados, elevado espiritualmente para esse encontro. Cuidar do nosso, reverenciar. Cuidar do corpo, da natureza, do coração, do estado de espírito.

Perante os arranjos notamos que a natureza/universo tem relações profícuas que merecem um olhar investigativo, de acordo, pois através da educação problematizadora, os homens desenvolvem sua capacidade de perceber criticamente os caminhos que existem, no mundo, através dos quais e nos quais eles se encontram a si mesmos; eles passam a ver o mundo não como uma realidade estática, mas como uma realidade em processo, em transformação (FREIRE, 1987, p. 71).

Assim sendo, acredita-se desta forma na educação problematizadora em educação e saúde, resgatando os processos históricos indígenas como base para a criatividade, vencendo a contradição opressora, em busca de novos olhares para as comunidades tradicionais.

As medicinas tradicionais indígenas, fortemente enraizadas nas culturas locais dos países sul-americanos, sobreviveram como puderam ao massacre cultural do período histórico da colonização, e ao da modernização que lhe sobreveio com o século XIX (LUZ, 2017 p. 54).

Por conseguinte, ampliar o olhar para a saúde e sua promoção perpassa compreender o papel dos povos originários e sua cosmovisão que pela sua Medicina Tradicional reestabelece corpos e vidas atuando com as ervas interferindo nos modos de vida dos seres humanos.

Deste modo, salientamos que para a visão dos direitos humanos não existe hierarquia entre os conhecimentos, e sim, formas diferentes de ver o mesmo mundo. Os dois modos coexistem, segundo os pensamentos de Morin (2012, p.168), os nossos ancestrais caçador-coletores que, ao longo de milhares de anos,

desenvolveram as técnicas de pedra e, depois elaboraram as do ouro e metal, dispuseram e usaram, nas suas estratégias de conhecimento e ação, um pensamento empírico/lógico/racional; produziram, acumulando e organizando um formidável saber botânico, zoológico, ecológico, tecnológico, uma verdadeira ciência.

Diante do exposto, as relações de melhoria da condição humana por essa cosmovisão, é um campo empírico e ao mesmo tempo do agir, em uma conexão entre os saberes, práticas e conhecimentos, um exercício das práxis em promoção da saúde de forma a contemplar a ação, os costumes, as atividades, a rotina e hábitos. De acordo com Morin (2012, p. 168-167),

Contudo, esses mesmos seres arcaicos acompanhavam todos os atos técnicos com ritos, crenças, mitos, magias; por isso, antropólogos do começo do século chegaram a crer que, fechados num pensamento mítico-mágico, esses “primitivos” ignoravam toda racionalidade. Antropólogos irracionais que se acreditavam em detentores da racionalidade! Antropólogos infantis que acreditavam estudar um pensamento infantil! Antropólogos simplistas incapazes de conceber que os seus “primitivos” moviam-se nos dois pensamentos complementares sem confundi-los!

No entanto, essas ações de resignificar os discursos, práticas e produções como trouxe Morin, fortalece a História, e conseqüentemente a sustentabilidade do viver dos povos tradicionais nos possibilitando a projetar o nosso discurso e nossas ações através de uma reconstrução, reconhecimento e renovação dos estudos e conseqüentemente a sua difusão.

Sendo, uma projeção que busca contribuir para o conhecimento devendo ser adequadamente acessível para todos, conhecimento como bem público, impossibilitando-o de permanecer no vigente paradigma da racionalidade do campo da saúde, os agentes colonizadores, racistas e escravistas, ressurgindo um novo olhar para a medicina da floresta.

Porquanto, as diferenças entre os saberes e conhecimentos da medicina do paradigma vigente e a medicina tradicional indígena, está em torno das diferenças desde a constituição, forma, aplicabilidade, olhar em ver o outro entre outras questões. Mesmo diante das diferenças, de acordo com Santos (2009), o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. No âmbito epistemológico, o pensamento abissal apresenta a disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e não científicas de verdade. Percebe-se que as verdades absolutas de cada vertente fogem a uma perspectiva de concretude seja em uma, ou em outra.

Dessa forma, na perspectiva de Boaventura de Souza Santos (2009), sempre há necessidade de referir-se a outros saberes, bem como seus saberes próprios, existindo as possibilidades da certeza e incerteza, ficando incoerente a supremacia entre eles, bem como as comparações, devido às assimetrias. Diante das ilimitadas potencialidades de criatividade que os seres humanos possuem diante das assimetrias, não somente do campo cognitivo, mas em seus corpos e suas multidimensões de maneira consciente e inconsciente, a existência das verdades da natureza visível cada vez mais necessita um olhar sensível e crítico com as várias portas, janelas e entremeios que o objeto estudado oferece.

Assim, Boaventura de Souza Santos nos presenteia com seu precioso pensamento,

A ecologia de saberes centra-se nas relações entre saberes, nas hierarquias e poderes que se geram entre eles. O objectivo de criar relações horizontais entre saberes não é incompatível com a existência de hierarquias concretas e fixas no contexto de práticas de saber concretas. Aliás, nenhuma prática concreta seria possível sem tais hierarquias. O que a ecologia de saberes combate são as hierarquias e poderes universais e abstractos, naturalizados pela história e por epistemologias reducionistas. Ao contrário das epistemologias modernas, a ecologia de saberes não só admite a existência de muitas formas de conhecimento, como parte da dignidade e validade epistemológica de todos eles e propõe que as desigualdades e hierarquias entre eles resultem dos resultados que se pretendem atingir com uma dada prática de saber. É a partir da valoração de uma dada intervenção no real em confronto com outras intervenções alternativas que devem emergir hierarquias concretas e situadas entre os saberes (SANTOS, 2006, p. 359-360).

Portanto, a maneira de dar um passo à frente pela ecologia dos saberes, nos remete a visão do homem, do conhecimento, da cosmogênese e das atitudes em relação ao mundo e a vida em geral, uma compreensão plena que os saberes, conhecimentos e práticas, pela medicina tradicional indígena, possuem uma consciência de complementariedade e integralidade no campo da saúde.

3.2 PERCORRENDO TRILHAS E ROTAS DA MEDICINA INDÍGENA KARIRI-XOCÓ/ FULNI-Ô/FULKAXÓ: ASPECTOS METODOLÓGICOS

A partir da perspectiva dialética tradicional que desejamos seguir, apresentam-se as balizas dentro das quais, a nosso ver, se processa os saberes, as práticas e os conhecimentos dessas etnias e os processos de autocura. Assim, uma trilha inicial e essencial para esta proposta foram os encontros pelas rodas de cura indígena que deram suporte para refletir sobre a importância da saúde por meio de sua medicina tradicional.

As vivências com as etnias dos Kariri-xocó/Fulni-ô/Fulkaxó, mediante oficinas, em um evento científico a qual fazia parte da organização, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi marco inicial para consolidar as opções de cuidado em saúde pelas vias ditas naturais, naquele período compreendido como alternativa. Na verdade, um novo olhar para analisar a natureza em si como possibilidade de cura.

Dessa maneira, esta imersão, nesta experiência proporcionou o estudo atual, que tem um início compreendido por viver em diversos momentos construídos, propostos e vivenciados por nós e um coletivo de pesquisadores (as), desde 2010, perfazendo assim nove anos de ensinamentos, trocas e abundância em diversos aspectos. Somando a este cenário, as visitas à Reserva Thá-fhene⁷ situada em Lauro de Freitas - Bahia que é composta pelos povos indígenas Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó, foram marcantes para averiguar a importância na tríade saúde indígena-ervas-cura.



Figura 2: Espaços Sagrados onde acontecem os Rituais na Reserva Thá-fhene

⁷ Nome dado a reserva indígena situada em Lauro de Freitas-Ba, que significa Semente Viva.

Fonte: Elaboração própria (2020)

Visto que, os campos de análises se fizeram de diversas formas e maneiras, desde momentos vivenciados na própria mata da reserva indígena, como momentos em centros de terapias holísticas da cidade do Salvador-Ba, bem como nas Universidades e Centros de Ensino e Estudo. As ações foram desenvolvidas pelo grupo de pesquisa intitulado Observatório da Educação em Direitos Humanos (OBEDHUC) situado no Centro de Desenvolvimento e Humanidades (CRDH) /UNEB, no Pelourinho, na cidade de Salvador-Ba, onde institucionalmente está inserido este estudo, sendo realizado em suas estruturas físicas o momento intitulado ponto focal.

Este momento teve o intuito de observar os pontos de vistas dos indígenas relacionados aos entendimentos, práticas e relações em saúde, com a presença dos indígenas Wakay, Kwayá, Tchô-Birrinha, Yassury e Tywá e com a moderação de Valuza Saraiva. Nesta proposta os questionamentos foram respondidos por Wakay e Kwayá Fulni-ô, tendo em vista a perspectiva de orientação para construção da racionalidade indígena em saúde e sua promoção.

De acordo com Gaskell (2002, p. 76),

O grupo focal é um ambiente mais natural e holístico em que os participantes levam em consideração os pontos de vistas dos outros nas formulações de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros.

Portanto, nesse momento podem ser detectadas as potencialidades explanadas pelos irmãos indígenas, onde foi perceptível a sinergia, o respeito e honra ancestral realizada ao iniciar com a ritualística quase imperceptível de uma leitura do campo energético local, uma honra aos guardiões e guardiões do território promovendo sutil harmonização do campo quântico. Uma atitude rotineira realizada em qualquer território de costumes indígenas e não indígenas, porém preservando o respeito ao campo visível e invisível, compreendendo como deve ser a atuação. As devidas autorizações se concretizam para além dos ofícios institucionais em realizar o momento de pesquisa.

Enfim, foram muito gratificantes e abundantes as possibilidades que nortearam o diálogo, evidenciando as maneiras de viver, a equilibrada saúde nas relações das interdimensionalidades físicas e extrafísicas, humanas e no contexto da

polilógica e suas configurações plurais no desenvolvimento das múltiplas consciências harmonizadas com a energia suprema constitutiva das múltiplas realidades. Pois, de acordo com Gaskell (2002, p. 79) considera-se que os grupos focais propiciam um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos participantes.

Assim, no espaço físico do Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional (GEEDR) / UNEB, campus I foi realizada roda de Cura com a utilização da energia sutil das ervas e plantas medicinais com desenvolvimento de rezos, benzeduras, trocas de experiência pela oralidade dos indígenas e pela escuta sensível dos participantes. O público que vivenciou esse momento foram os trabalhadores da UNEB e pessoas da comunidade externa. Ademais, nos centros de Ensino Fundamental, das séries iniciais e finais, da rede pública e privada, foram desenvolvidos momentos de Rodas de trocas de experiências culturais e em saúde na perspectiva da diversidade da condição humana de ambas as partes.

Além disso, na Owca Ayam⁸ foram desenvolvidas atividades como rodas de cura, atendimentos individuais e coletivos, vivência pelo símbolo sagrado, roda de cura com a mamãe Jurema, Vivência da Maraca, Danças, Cantos e exposição de artesanatos. Bem como, nos Espaços Terapêuticos realizamos observações com do uso das ervas nos rituais e processos⁹ de autocura, vivência da maraca e ritualística de cura nas relações celestes e terrenas pelo cocá.

⁸ Nome escolhido pela autora e pelos indígenas para o Ambiente Multireferencial de Aprendizagem (AMA), que desenvolve ações pela medicina tradicional indígena, em Salvador- BA. Owca foi trazido por ser a moradia individual ou coletiva dos povos tradicionais indígenas. Um ambiente com a proposta de internalização de saberes, práticas e conhecimentos visando a expansão da consciência com alegria, autorresponsabilidade e amor incondicional. Ayam é a vibração e o pleno poder do pai mãe celestial atuando. É a afirmação do criador de tudo que existe em nós. O “EU SOU” revelando a vontade divina de fazer o bem sobre a terra. É a unicidade com a fonte criadora, nossa essência, nossa junção com o todo, eu sou=nós. Ayam lendo em sentido contrário traz a vibração do nome Maya, que fortalece a existência e honra ancestral do corpo coletivo galáctico dos entes envolvidos nesta proposta. É chamada das forças da luz divina, para uma ação fortalecida na individualidade, da essência criadora perpetuando desenvolvimentos coletivos em harmonia e sincronia com o viver colaborativo e plural.

⁹ Este estudo é vinculado ao CRDH, pelo OBEDUC pela linha de pesquisa em Saúde, Espiritualidade e Comunidades Tradicionais (SECT), onde ocorreu seminários em saúde complementar e integrativa, rodas de cura indígena, vivências terapêuticas com atendimento a comunidade participante da pesquisa, bem como o grupo focal. Ocorreu roda de cura na UNEB-DCH-I e no GEEDR, preservando a honra de ter sido neste espaço o local de diálogos anteriores a pesquisa, com as etnias Kariri- Xocó e Fulni-ô. Nesses espaços foi vivenciado a medicina na participação em congresso, onde pôde ser observado atuação e saberes dos indígenas. Vários momentos por solicitação dos indígenas, pude acompanhá-los para a realização de rodas de cura por meio de canto, danças e da medicina sagrada em escolas, universidades e faculdades tanto particulares como públicas. As observações foram

Portanto, ao mergulhar nas observações se fez presente o sentimento profundo de: “preciso viver mais isto” É muito claro, mas não é fácil! Mas é possível! Como faço?

Então, naquele momento um turbilhão de ideias se fez presente. Desde projetos de extensão e pesquisa, até construção de uma Escola Vivencial em Promoção da Saúde por uma Mandala/Constelação Fito Galáctica. Pensamento que ainda se faz presente nos dias atuais, em diálogo com esta etnia estudada, sendo pensado desde a estrutura física até a Mandala de atuação, a partir dessa experiência com eles.

Desse modo, a cada visita aos indígenas, vinha à certeza das escolhas que se fazia desde muito cedo, na minha vida pessoal, a exemplo do uso de medicamentos homeopáticos, como também, uso das ervas e chás para tratamento de doenças, tal qual, afinidade com a natureza, com o campo, com os animais. Logo, neste momento de estudo e responsabilidade social do que se produz na academia, não tive como me furtar aos meus valores e crenças, não trazendo para a sociedade mais uma possibilidade de viver mais, e melhor, através de adoção de hábitos saudáveis em harmonia com a natureza.

Segundo Gimenes e Cândido (2016, p. 99),

As plantas são capazes de absorver, carregar e transferir a energia divina de forma sutil para que o nosso corpo recobre o equilíbrio perdido em situações conflitantes e estressantes. Emissárias celestes, elas têm a função de nos ajudar em nosso caminho evolutivo.

Entretanto, na contemporaneidade essa visão é mais uma possibilidade ainda não desbravada totalmente, por isso, mais um ponto para a escolha da nomenclatura de trilha, pois a cura pelas ervas se vem pelo processo de aumento da sua criticidade e poder particular/consciencial, possibilitando potencializar a execução da missão pessoal de cada indivíduo, de ser quem você veio para ser nesta vida, se perceber e escolher qual caminho e /ou trilha seguir, uma verdadeira contribuição para a humanidade.

Logo, diante de um momento que seria desbravador, abrir uma trilha sem desmatar ou mudar o percurso da sintonia da natureza, mas com ela produzir conhecimento socialmente referenciado e com uma escuta sensível às palavras do indígena Araújo (2016), durante atendimentos realizados na Owca Ayam com a

realizadas de acordo essas atividades citadas, também na Reserva Thá-fene, importante estrutura para experimentação da medicina indígena.

mediação de Cícero Pontes, Wakay, e dos quatro elementos corporificada nas sensações e percepções dos participantes tendo como construção final a materialização dos símbolos sagrados de cada ente,

O ser humano é isento de rebeldia, os valores você adquire. Você não pode fazer porque fulano fez, vou fazer. Razão tem que ser frente à emoção. São os valores independentes da idade. Seu trabalho observe como um ritual sagrado que tem de saber falar, para sentir a verdade sem perder o sagrado, o divino, a verdade suprema do pai eterno.

Haja vista, notadamente um caminho já aberto às diversas trilhas, principalmente pela abertura e reconhecimento desses indígenas lhe permitindo vivenciar e construir conhecimento a partir de suas realidades culturais, ancestrais e milenares, adotando-a como parente, irmã. Uma linda trilha em existir o programa de Doutorado (DMMDC), ideal para propor esta produção, visto que as áreas que o compreendem nos possibilitam realizar este estudo, pela competência científica do corpo docente, bem como sua base ontológica, epistemológica e conceitual.

Sendo assim, as áreas deste programa têm como objetivo buscar compreender a complexidade dos processos de geração e difusão do conhecimento, mediante múltiplas perspectivas epistemológicas e desenvolvimento de aportes teórico-metodológicos, construindo modelos de interpretação, análise e explicação desses processos e seus impactos na sociedade (DMMDC, 2018). Trata-se de um programa de qualificação profissional multi e interdisciplinar em rede, com discentes, docentes e colaboradores de diversas áreas do conhecimento, que participam de diferentes segmentos da sociedade e nos processos de transformação social, científica e tecnológica.

Bem como, um lócus privilegiado para pensar e propor uma matriz inovadora que não desconsidera a importância da medicina tradicional e seu amálgama vigente no campo da saúde, tecnologias e doença. Mas que apoia pesquisas em uma via da resistência cultural, econômica, social e política, como mais uma possibilidade de cuidar da saúde, nos caminhos da prevenção, promoção e tratamento de doenças pelos saberes, práticas e conhecimentos de um povo tradicional.

Nessa perspectiva, as trilhas transcorrem diante da riqueza multireferencial, polilógica e complexa de um povo tradicional, da consolidação nas sociedades atuais vistas ao processo doença, bem como um programa de qualificação

acadêmico-científica plural, que faz compreender a emergência, transcendência e imanência que compõe este estudo.

Além disso, evidencia um alinhamento na essência de cada ser-espaco, sem medo, sem dogmas e com ajuda da energia das plantas, pelo uso da Fitoenergética, que nos alivia as dores e fortalece os corpos para o desenvolvimento das ações necessárias para a mudança e quebra dos paradigmas pessoais, sociais, acadêmico e científico, visando ampliação do nível de consciência dos indivíduos. Portanto, uma trilha fortalecida e internalizada pela autora no fortalecimento diante das observações indígenas são as expressões e maneira de viver na natureza, escolhida pela mesma, amadurecidas pelos contatos indígenas, mas que sempre foram de forma muito respeitosa.

Assim, quando vinha o anseio de se conectar com os campos naturais, se fazia, e faz, conversando com árvores, abraçava e beijava, nesta passagem muitos risos lembrando-se dos amigos (as), chamando-a de bicho grilo! Doideira pura! Um respeito que ao imergir em qualquer água pede licença a vida, aos deuses, aos elementais de cada ser ou essência que constitui a natureza que organiza o nosso mundo. Tudo tem vida e é criado para nos potencializar em algo! Então a meta é se autocurar e agradecer sempre!

De acordo com Líder Indígena, Wakay (2017), da Aldeia Kariri-Xocó em Alagoas e líder responsável pela Reserva Thá-fhene na Bahia, segundo registros de campo na Owca Ayam (ARAÚJO, 2017), a medicina tradicional se dá pela relação com a mãe terra e pai celestial, pelo que lhe é soprado aos ouvidos em harmonia com os saberes ancestrais e nas matas, passados pelos mais velhos. Desta forma, esse momento de pesquisa traz os processos realizados desses povos relacionados ao campo das suas práticas, saberes e conhecimentos em saúde.



Figura 3: Visita de campo com Wakay, na sede da Reserva Thá-fhene

Fonte: Elaboração própria (2020)

Dessa maneira, ao buscar o conceito de saúde diante da conceituação indígena temos a transdução da fala, de um nativo da etnia Fulni-ô, Deiri Kwaiá¹⁰ (2019), de acordo com anotações realizadas no grupo focal (ARAÚJO, 2019), “Saúde significa a gente estar bem com a natureza, a gente está bem assim no nosso dia a dia, tudo é feito pelo divino espírito santo, sobre a lua, a chuva, o sol, as estrelas está tudo reunido, unido um coração do bem.” Portanto, ricas trilhas desveladas, intitulada desta forma pela relação da mesma com as matas e natureza das florestas, ao mesmo tempo pelo seu significado formal, segundo o dicionário Aurélio (2009), “Debulhar (cereais), dividir em pequenas parcelas, moer, percorrer, marcar com trilho, deixando pegada, rastro, vestígio, seguir (o caminho, a norma)”.

Dessa forma, os momentos das rodas de cura aconteciam através de ritos, mitos, cantos, danças, usos de chás e de ervas, benzeduras (ervas, pedras, chás e/ou somente oralidade), passagens com diálogos e explicações do que é ser a vida e o viver pleno em busca de uma melhor saúde, de acordo com a necessidade de cada indivíduo.

Com base na cognição as percepções dos indígenas referentes aos saberes, conhecimentos e práticas, são sempre são circulares e em espiral, nada se acaba sempre se transforma, atendendo a um lema: trocar saberes e não deixar ninguém para trás. Esta perspectiva atua em sempre incluir, espiralando, recodificando as causas das doenças e trazendo pelos gestos e ações o fazer coletivo em saúde holística.

¹⁰ Indígena que atua na aldeia de Águas Belas em Pernambuco e na Reserva Thá-fhene, com a cura por meios das ervas e plantas, em vivência por meio de atendimentos individuais e/ou coletivo, a exemplo uma Roda de Cura, Reza, Benzeduras, Defumações e outros rituais sagrados.



Figura 4: Roda de Cura Indígena, realizada na UNEB em 26/04/2018, com Kwayá
Fonte: Elaboração própria (2020)

Assim, viver esses momentos de pesquisa proporcionou um entendimento das relações do eu (indivíduo) e o universo, não como um abismo, mas sim como pertencimento ativo e serendipidade¹¹ no mundo.

Visto que, bem explicado por Merleau-Ponty (1999, p. 430), ao afirmar que,

[...] quando começo a refletir, a minha reflexão enfrenta uma experiência não reflexiva, ou, melhor, a minha reflexão não pode ser alheia a si própria como acontecimento, surgindo assim diante de si própria como acontecimento, surgindo assim diante de si própria a luz de um verdadeiro ato criativo, de uma estrutura alterada de consciência, e contudo tem que reconhecer como tendo prioridade sobre as suas próprias operações o mundo que é dado ao sujeito porque o sujeito é dado a si mesmo[...]. A percepção não é uma ciência do mundo, nem mesmo um acto, um assumir deliberado de uma posição; é o cenário a partir do qual todos os actos sobressaem, e é pressuposta por eles: o mundo não é um objeto tal que me permita possuir a lei da sua criação; é o cenário natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas.

De fato, as construções do conhecimento em saúde indígena, que compõem a base conceitual das trilhas que guiaram a elaboração deste trabalho, foram elaboradas na interface entre o referencial teórico e as vivências junto aos indígenas, a exemplo do aprendizado sobre os processos de saúde e educação, proporcionados por Wakay, em uma atividade de roda de cura: “É a identidade e ancestralidade que introduz a educação e o viver em saúde, de acordo como Ser,

¹¹ Surgiu pela primeira vez em 1754 pela pena do escritor inglês Horace Walpole (1717-1797) em uma carta endereçada a um amigo. Nela, ele narra um conto persa sobre as descobertas maravilhosas de três príncipes viajantes da ilha de Serendip (atual Sri Lanka). De acordo a Revista Vida Simples, artigo da autora Margot Cardoso (2019, p. 17), trata-se de um fenômeno amplo e multifacetado, onde o sinônimo mais imediato poderia ser “feliz acidente” — ou uma “descoberta fortuita e não planejada um acontecimento imensamente feliz, fruto de inúmeras coincidências e acasos raros em simultâneo.

Conhecer, Agir e Fazer, Ensinar e Aprender, Partilhar, Socializar, Difundir e Disseminar” (ARAÚJO, 2015).

Contudo, as experiências em saúde e educação indígena, nos remetem a não perder de vista o caráter direto em produção e difusão do conhecimento que culmina com as linhas de atuação do DMMDC. Que segundo Varela (2001, p. 35), o ato de reflexão que nos diz isto não surge do nada; descobrimo-nos a nós próprios executando o ato de reflexão a partir de um dado meio ambiente, de crenças e práticas biológicas, sociais e culturais. Que na nossa realidade do campo de pesquisa e da saúde ainda se amplia ancorando as reflexões a partir de crenças, no sentido da amplitude conceitual e epistemológica.

De acordo com Wakay (2016), o Ser na dimensão da busca por uma melhor saúde é Ser Khôwdô¹², ser conhecimento, com preservação da identidade e ancestralidade com intimidade com as plantas, a razão da sustentabilidade, plantas como alimentos. Do corpo e da alma. Desde os primatas ancestrais. O ser saúde é observação pelos animais, os animais da terra, os animais do ar. Cada pássaro, por exemplo, o assanhaço que nos mostra como caminhar na terra e no ar. Outro exemplo o gavião que caça veneno e tem uma garra para caçar.

Nesse sentido, a construção do conhecimento a partir da oralidade, saberes e práticas indígenas nos trazem, levando em conta, seus aspectos funcionais, suas manifestações no tempo, espaço e vínculos ancestrais. Além disso, seus modos habituais de sobrevivência são na ordem da gratidão. Os movimentos de vários animais nos mostram uma possibilidade de saber os momentos de agir, retroceder, avançar, caminhar cautelosamente ou necessariamente voar! Abrir novos horizontes.

Segundo Wakay (2015), o certo é não fingir SER. Um ser bem-educado pode expandir na tranquilidade. O educado que entenda que os insetos ao redor da casa, tem o momento certo com a diversidade das plantas, de se curar. Assim, essa cultura nos ensina a desobrigar-se do tempo psicológico e do tempo do relógio e a viver no tempo presente. No agora, mas em movimento respeitando a natureza e as leis do universo.

Podemos discutir essa sabedoria, de acordo Eckhart (2003, p. 33),

¹² Palavra escrita em Yathé que é o dialeto indígena da etnia Fulni-ô. O significa da palavra é espírito do vento, coruja.

[...] não haverá acúmulo do “tempo psicológico”, que é a identificação com o passado e uma projeção compulsiva e contínua no futuro. [...] deixamos de respeitar o agora. E ele é reduzido a um mero degrau para o futuro, sem nenhum valor intrínseco. Nossa jornada deixa de ser uma aventura e passa a ser encarada como uma necessidade obsessiva de “possuir”.

Por isso, ao explicitar os conhecimentos tácitos, saberes e práticas dos Kariri Xocó/Fulni-ô/Fulkaxó das Aldeias de Kariri-Xocó em Alagoas, Fulni-ô em Águas e Fulkaxó em Sergipe, respeitamos os segredos e damos atenção incondicional ao passo do que fomos permitidos adentrar as estruturas, seus elementos e fonte de sabedoria. Compreende-se esse tempo na busca no momento presente de se descobrir e redescobrir a cada instante. Um traço marcante da inovação e reinvenção de SER, o qual agregar valor à boa saúde.

Logo, quando você não se percebe fazendo parte desta construção no momento presente, segundo Eckhart (2003, p. 33), aí não somos mais capazes de ver nem sentir as flores pelo caminho, nem de perceber a beleza e o milagre da vida que se revela em tudo ao redor, como acontece quando estamos presentes no Agora.

Desse modo, um paradoxo viver a pesquisa e, ao mesmo tempo ponderar, que segundo Morin (2012, p. 31),

A epistemologia complexa terá uma competência mais vasta que a epistemologia clássica, sem, todavia, dispor de fundamento, de lugar privilegiado, nem de poder unilateral de controle. Estará aberta para certo número de problemas cognitivos essenciais levantados pelas epistemologias bachelardiana (complexidade) e piagetiana (a biologia do conhecimento, a articulação entre lógica e psicologia, o sujeito epistêmico). Propor-se a analisar não somente os instrumentos do conhecimento, mas também as condições de produção (neurocerebrais, socioculturais) dos instrumentos de conhecimento. Neste sentido, o conhecimento do conhecimento não poderá dispensar as aquisições e problemas dos conhecimentos científicos relativos ao cérebro, à psicologia cognitiva, a inteligência artificial, sociologia do conhecimento etc.

Sendo assim, um campo de desafios para a pesquisadora, como um campo de amadurecimento e possibilidades nas relações da ação, teorização e observação para a consciência da complexidade na difusão do conhecimento. Pois, para Kohn (2016, p. 83),

A gente pode pertencer ao campo de ação e se colocar provisoriamente, parcialmente, em situação de observador continuando ação. O participante-observador é alguém que em mantendo seu engajamento procura tomar distância.

Segundo Polanyi (1996), há dois aspectos do conhecimento o explícito e o tácito, o intelectual e o prático, que podem ser expressos como o “saber que” (Knowing that) e “saber como” (Knowing how). A partir desta questão, nota-se que todos os aspectos são importantes para construção dos conhecimentos em saúde indígena, e estar no agora, passa ter a certeza que as experiências nos encaminham para as diversas possibilidades ilimitadas da mente e dos corpos. Principalmente, com os novos paradigmas distinguidos por Capra (1990), nas explicações das relações homem natureza, que deve ter a compreensão no sentido amplo como a natureza é em si.

Notadamente, as vivências desses nativos indígenas têm uma repercussão aos diferentes olhares que convivem na academia. Segundo Lybmo (2015), nativo indígena kariri-xocó/Fulni-ô, nos relata a pergunta de como eles transmitem esses saberes em educação e saúde, sabiamente chega à resposta em que é um complexo bem viver de trocas, em que a linguagem é saúde e que não estuda a linguagem e sim o sentido da linguagem. Sendo esse sentido em perfeita harmonia com a natureza, de forma holística e com o desenvolvimento dinâmico do universo. Dessa maneira,

Ante ao exposto, o universo não pode mais ser visto como uma máquina. O planeta é um sistema vivo e autoregulado, tal qual uma dança colaborativa formada por todos os organismos e formas de vidas envolvidas. Se pensarmos no açúcar, por exemplo, não são as suas partículas que geram o seu sabor doce, e sim o relacionamento de todas as suas substâncias. Assim é a vida também. O todo é maior que as partes e tudo estão interligadas pelas redes da vida (CAPRA, 2015, p. 45).

Assim, a construção e sistematização dos diversos cenários nos possibilitam indagar o local do tácito na construção do conhecimento, que segundo Lage (2011, p. 307), a identificação do conhecimento tácito com a interiorização enfatiza o fato de que, não é olhado de fora como um observador, mas sim se envolvendo com os objetos de conhecimento, experienciando-os, interiorizando-os é que apreendemos o seu significado conjunto.

Dessa forma, as observações no que se referem à medicina tradicional indígena nos faz caminhar por análises e sínteses pela oralidade e por diferentes linguagens e seus sentidos e em observância com os rituais, a exemplo da imagem que segue do ritual do Toré¹³, realizado com o dialeto próprio da etnia Fulni-ô, o

¹³ Conjunto de cantos e danças indígenas, que expressa acontecimentos históricos e culturais, apresentando em forma de arte os fenômenos naturais do universo tribal.

Yathé. Pois, de acordo com Freire, Macedo (2013, p.88), “A língua também é cultura. Ela é a força mediadora do conhecimento; mas também é ela mesma, conhecimento”.



Figura 5: Ritual do Toré realizado na Reserva Thá-fhene pelos Kariri Xocó/Fulni-ô/Fulkaxó
Fonte: Elaboração própria (2020).

Desse ponto de vista, conviver com essa etnia, é compreender, além dos momentos de rezos e das rodas de cura e/ou outros diálogos, onde se faz a utilização do dialeto Yathé, ao qual naquele instante mesmo estando na academia, supostamente o lócus do conhecimento acadêmico e científico, essa relação de “força mediadora” automaticamente traz-nos para o lugar de minoria, de indivíduo oprimido, mesmo não sendo a proposta de atuação das partes envolvidas.

Portanto, nesses momentos o poder do conhecimento e utilização deste dialeto, nos fez pensar como se é nada diante do universo de possibilidades. E, ao mesmo tempo relativizar, e pensar como se é tudo! Valorizar que a cada descoberta e nova possibilidade de produzir e difundir conhecimento, realizando trocas e percebendo que esse despertar se fez pela doação singela de vivências em promoção da saúde, sem nenhuma intenção desses povos em rupturas e dominação.

Porém, em diversas passagens fez-se pensar que aquele povo colonizado por outros seres humanos, na antiguidade com tamanha crueldade, estava naquele momento nos “colonizando” de uma forma tão tranquila, e que a relação de poder naqueles instantes na terra, na mata se fez presente, pelo uso do seu dialeto e pela

falta de conhecimento da pesquisadora em saber a tradução das palavras e frases de seu dialeto.

Mas se faz sentir, faz sentido! Pois, a cada palavra pronunciada, ressoava de forma leve e acalmava os pensamentos, sentimentos e emoção. A compreensão tocava pelo sentido, emoção e racionalidade, de acordo as prática e oratória do indígena que estava conduzindo, possibilitando o processo de cura, de imersão em um campo do saber, pela aceitação por meio da ressonância mórfica e pelo campo morfogenético.

Sem a intenção de aprendizagem do dialético, por vários momentos você se percebe realizando correto uso e sabendo o significado de palavras do em Yathé. Sendo assim, como compilar formas socialmente referenciadas e dentro do contexto de preservação e respeito à cultura indígena e seu sagrado, para produzir e difundir conhecimento?

Segundo Burnham (2012, p. 65), para se trabalhar com a tra(ns)dução do conhecimento privado a comunidades específicas, é fundamental adentrar (n)os modos diferenciados de como realiza, concretamente a espiral da produção do conhecimento. Assim, é possível encontrar formas mais apropriadas para a publicização do conhecimento que se pretende.



Figura 6: As linguagens escritas nas paredes da sede da Reserva Thá-fene

Fonte: Elaboração própria (2020)

Sendo, um uso indispensável, para a identidade e sobrevivência dessa etnia, pois um dos poucos povos indígenas que na contemporaneidade preservam e utilizam o dialeto no seu cotidiano. São muitos os desafios em mantê-la e reproduzi-

la para os mais novos das aldeias, pois seu uso é utilizado longe da relação de poder e dominação, sendo necessária, de acordo com Wakay (2016), a conexão com o divino, com o pai criador e Kwaiá (2017), para conexão com o pai celestial, com os encantados no processo de cura pelas ervas.

Logo, a permanência em desmistificar a nomenclatura de trilhas da saúde indígena para este capítulo, que segundo o Dicionário Aurélio (2009), descreve sendo caminho rústico, normalmente estreito e repleto de obstáculos: trilha na mata. Nesse sentido, essa proposição é visando romper com o paradigma vigente que coloca as práticas e saberes indígenas nesta perspectiva, de rudimentar, arcaica e sem possibilidades.

Reafirmo, esta palavra no discorrer deste trabalho realizando a analogia a trilhas, matas e natureza, que remetem a cultura indígena, pela riqueza de possibilidades principalmente visando alargar as trilhas dos saberes, práticas e conhecimentos indígenas sem precisar desmatar a natureza, mas podar muitos galhos e abrir arestas nos corpos físicos e sutis dos indivíduos leitores deste trabalho. Como também, permitir entrar os raios solares que auxiliem pela energia das ervas e plantas a manutenção da cura de doenças no reestabelecimento da saúde pessoal e global.

Desse modo, é por compreender que ao curar-se, você cura o outro e automaticamente ocorre a expansão da consciência, que segundo Lybbo, (2016), em suas passagens para o autoconhecimento e promoção da saúde nos compartilha:

A cura também é aceitação.
A doença do espírito começa pelo corpo.
[...] existem os benzedeiros, por dom e vocação. Tem reza de índio para índio e reza de índio para não índio.
O ritual mais importante de todos? Todos da vida.
Nossa religião é a natureza, o que acredito.
O sagrado vem pelo canto, depois pela palavra.
Tem rituais sagrados tem de saber falar, para sentir a verdade sem perder o sagrado, o divino, a verdade suprema do pai eterno.



Figura 7: Dia de Pesquisa Campo em 2017 na Reserva Thá-fhene. Diálogo com o nativo da etnia Kariri-Xocó com nome Lymbo
Fonte: Elaboração própria (2020).

Os saberes tradicionais indígenas e seus conhecimentos em saúde não são desqualificáveis pelo não reconhecimento pelos conhecimentos acadêmicos. O fato de não se “enquadrarem” nos critérios cartesianos e binários de compreender a lógica da construção do conhecimento científico na modernidade, não os invalida. Corroborando com esses saberes tem-se a contribuição dos estudos de Polanyi (1966) com sua menção poética e assertiva quando se refere à dimensão tácita pontuando que sabemos muito mais do que somos capazes de nos expressar.

Contudo, não reconhecer os saberes, práticas, conhecimentos e anseios do povo indígena, é desconsiderar nossa ancestralidade, nossa semente nossa individualização e nossa coletividade. Nossa existência planetária e nossa interdependência.

Em virtude disso, a questão é definir que esses conhecimentos indígenas em saúde utilizam métodos relacionados às vivências com os ciclos da natureza e de seus sábios ancestrais, fundamentados na conexão de uma práxis imersa no campo de ação acerca do funcionamento sincronizado com o universo, com as leis da física quântica, da ecologia e da espiritualidade. É esta complexidade, multirreferenciada, que orienta a cosmovisão indígena.

De maneira especial, conforme Munduruku (2016, p. 20),

Isso seria continuar escondendo a diversidade cultural e linguística que o país traz em seu bojo desde a chegada dos europeus conquistadores. É colocar debaixo do tapete a existência, hoje, de 300 povos (e não tribos, como fomos acostumados a chamar) espalhados por todos os estados

brasileiros, falando algo em torno de 180 línguas e dialetos (não apenas o tupi, como antes se ensinava). É também não lembrar que há mais de 50 grupos nativos que estão sem contato com isso que chamamos desenvolvimento; grupos que teimam em viver uma vida sem tanto aparato tecnológico por considerarem que o seu jeito de viver lhes é suficiente. Além do mais é importante refletir qual o papel que essas populações ocupam no Brasil de hoje; seus principais problemas e dificuldades para manterem seu modo ancestral de viver; quais suas demandas principais e como interagem com o mundo moderno, global e localmente. É provável que, ao fazer uma boa pesquisa, se encontre notícias muito alvissareiras com relação às respostas que estes grupos estão dando aos problemas que enfrentam.

Talvez, os modos dos povos indígenas estariam à frente dos povos (grupos), que mais estudam uma possibilidade de uma humanidade melhor com mais condição de vida, de forma igualitária, dialética e colaborativa, pois não seria uma maneira ou um método, mas um movimento conjunto sendo baseado no pensamento e na realidade, imbricados nas “tecnologias” baseadas no amor e respeito às diversidades, em consonância com a natureza alinhada com sua origem energética e fluida, conjecturando as diversas formas de saberes e conhecimentos, interligados de si e da fonte criadora.

Desta forma, o conhecimento tácito não pode ser analisado individualmente, e ao mesmo tempo, devendo ser considerado como transcendência do eu individualizado que articula e vive na rede do todo, do outro, possibilitando os corpos como instrumento essencial para apreensão e meio de escuta-ação como nosso mecanismo essencial de captação do mundo e de produção de conhecimento intelectual ou prático.

A partir daí a proposição intitulada por eles Roda de Cura Indígena, é realizada de maneira que as experiências dos participantes promovam modificações significativas no comportamento relacionado ao campo da saúde e adoecimento.

Segundo Lyngo (2015), as coisas se dão em todos os locais, vivências de onde circulamos, vivemos e andamos. O saber, o conhecimento é criativo e atuante e tem de ser usado para o bem, ontem, hoje com vistas para o amanhã, que deve aplicar na prática no mundo.

Desse modo, as Rodas de Cura aconteciam de acordo à fala anterior de Lyngo, possibilitando os acolhimentos e refutações nos diversos ambientes públicos e privados. A proposta era vivenciar uma construção colaborativa, étnica pela expertise dos saberes indígenas, a fim de concepções múltiplas dando significado e significância ao mundo intelectual e prático de quem participava.

Assim, durante todo o ano acontecia diversos atendimentos em promoção da saúde, com a tentativa de descaracterizar o abril indígena como foco principal da “aparição” desses indivíduos. A preocupação era conscientizar as pessoas acerca dos direitos dos povos indígenas, ressignificando o costumeiro exotismo ou romantização a cerca dessa população e fortalecendo a defesa dos seus direitos de cidadania. Buscava-se também o reconhecimento das necessidades pessoais, sociais, políticas, econômicas e financeiras, familiares, culturais entre outros aspectos e de seus arranjos e modos de viver com um estilo próprio. Nessa perspectiva, de acordo com Munduruku (2016, p. 20),

O mês de abril traz muitas possibilidades de reflexão e é bom que assim seja. Talvez a mais importante seja rever o conceito do “índio” que está introjetado no coração do brasileiro. As escolas e seus profissionais precisam fazer uma leitura crítica sobre como estão lidando com este conceito e, quem sabe, passar a tratar o tema com a dignidade que merece. Precisa começar a se dar conta que esta palavra traz consigo um fardo muito grande e pesado, pois se trata de um apelido aplicado aos habitantes dessa terra. Pensar que a palavra é um engano tão grande quanto considerar que estes grupos humanos podem ser reduzidos a ela. Não podem.

Logo, analisar saúde diante da complexidade indígena é, sobretudo, adotar uma nova visão de mundo, longe dos paradigmas manipulativos e necessários à sobrevivência do capital. É caminhar no território sabendo que tudo está interligado. É perceber a íntima relação dos seres humanos com o cosmos, sem mercantilizar a vida, o ser e a natureza.

Desta forma, é preciso observar o que isso significa para a humanidade, para a verdadeira sustentabilidade da biodiversidade da Terra. Saúde nessas trilhas, pelo conducto intitulado Rodas de Cura, tem o conceito ampliado de saúde onde o eixo norteador das ações, é o “grande seio fecundo da vida”, a mãe Terra. Esse eixo é o indicador preliminar e substancial de território, identidade e espaço.

Afinal, é evidente a dificuldade de diálogo e de comunicação entre as pessoas, que dirá entre povos. Assim, sabendo da relevância da voz e do lugar legítimo que cada indivíduo, traz-se Kopenawa, mencionado por Prezias e Hoornaert (2000, p. 87),

Vou dizer o que nós pensamos. Nós chamamos estas epidemias de xawara. A xawara mata os Yanomami. Quando a fumaça chega ao peito do céu, ele começa a ficar muito doente, ele começa a ser atingido pela xawara. A Terra também fica doente. E mesmo os hekurabë, os espíritos auxiliares dos pajés, ficam muito doentes. Mesmo Omamë (DEUS), está atingido. Não queremos morrer. Nós queremos ficar numerosos.

Nesse sentido, os povos originários são mestres na arte de sobreviver em meio à natureza, o chamado é no sentido da união dos querereres com uma interseção no lugar comum. Uma instância concebida pelo criador, onde sua relação de SOBREVIVÊNCIA se dá por sistemas, conectividades e movimentos que independem da nossa vontade, mas que por vontade própria se auto ajustam e nos possibilita desenvolver nossas escolhas.

Então, com as incertezas das opções do outro, agir em saúde nesta perspectiva é atuar por um caráter sistêmico na e para a educação, realizando *interfaces* nos processos do sócio-ético-moral, que visem orientar individualmente e a vida coletiva dos agrupados humanos.

3.3 ANÁLISE COGNITIVA

Discutir saúde nesta vertente de analista cognitivo ao qual o programa de doutorado DMMDC tem a finalidade de “formar”, e contextualizar é considerar a importância da saúde e suas condições diante dos interesses sociais, econômicos e políticos de nossa sociedade.

Nessa perspectiva, a Análise Cognitiva nos convoca a compreender um movimento dialógico, dialético, polilógico, multireferencial, plural, colaborativo, diverso e inclusivo para construir e difundir conhecimentos e práticas. Logo, é notável a evidência de saberes: tácitos e populares no processo de produção do conhecimento científico, pois possibilita olhar para o que se diz de senso comum e reconhecer sua importância.

Sendo assim, essa convocação imbrica na proposta da ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como práxis do educar transdisciplinar encontrando lastro em teorias democráticas e de ação dialógica como nos propõe Freire (1987, p. 67):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdo; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicista, compartimentada, mas aos homens como “corpos conscientes e na consciência como consciência intencionada ao mundo”. Não pode ser a do depósito de conteúdo, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

E destaca Galeffi (2017, p.122-123) na explicação de que:

E porque a diferença é o elástico propulsor da aprendizagem, não cabe eleger nenhuma diferença como a diferença da diferença, porque não há hierarquias e procedimentos regulados e normatizados a priori em um processo aprendente poemático-pedagógico. Seria um contrassenso se esta didática pudesse ser aplicada ao campo pedagógico como uma receita de bolo, como em geral se faz na educação instituída vigente. Seria um contrassenso modular a aprendizagem de alguém a partir de cortes externos e modelos estáticos, porque a didática mínima quer justamente que o aprendiz aprenda a partir do seu próprio ser no mundo com outros.

Portanto, é uma virtude discutir o campo da saúde holística nesse sentido de uma educação problematizadora, cujo olhar se volta para a saúde, “respondendo á essência do ser da consciência de”, no qual o ser humano e outros seres têm a possibilidade de conhecer, reconhecer, interpretar, atuar buscando sua forma harmoniosamente na realidade em que vivemos; essa compreensão proporciona ir se transcendendo os campos dentro e fora do eu para uma possibilidade de melhor se perceber e curar-se.

Desta forma, cada vez mais nos damos conta de que as experiências humanas e a diversidade da natureza ocorrem em múltiplos e diversos setores sociais sem ruptura do equilíbrio e favorecendo o campo da promoção da saúde e educação, identificando-se com o próprio da consciência quando se volta sobre si mesma ancorando-se como base propulsora para busca de melhor condição humana. Logo,

O papel da ressignificação da saúde, do adoecimento e da cura que representam as atividades de saúde ou práticas terapêuticas para seus doentes, e a contribuição que efetivamente representam para retirá-los do isolamento social que significam, em nossa sociedade, a pobreza, o envelhecimento e a doença. As práticas de saúde propiciadas por esses sistemas sejam coletivas ou não, favorecem o restabelecimento da comunicação, a criação de interações sociais, a formação de grupos, redes e mesmo movimentos - ainda que focalizados pela ‘saúde’, ou pelo menos pela cura. [...] pouco a pouco formando um tecido social comunicativo, com criação e extensão de atividades para fora do âmbito das práticas de saúde (LUZ, 2007, p. 120).

Assim, imergir neste campo da saúde e condição humana é analisar a vida como bem supremo dentro de suas complexidades e perplexidades, na ótica de Arendt (2007, p. 327), quando diz que “A imortalidade da vida humana invertera a antiga relação entre o homem e o mundo, promovendo aquilo que era mais mortal, a vida humana, á posição de imortalidade ocupada até então pelo cosmo”. Todos esses aspectos estão presentes na maneira de viver das etnias estudadas, e na observação do campo nos caminhos que versam a Análise Cognitiva. Dessa forma

se faz necessário trazer à tona os diversos aspectos para contemplação dos estados da vida em busca do equilíbrio da saúde.

Esse diálogo entre ciências, saberes, práticas fez-se com apreciação da realidade humana indígena e não indígena tudo isto como traz Varela (1991, p. 179), ao indagar por que razão seria ameaçador questionar a ideia de que o mundo tem propriedades preestabelecidas que nós representamos? Por quais razões ficamos nervosos quando levantamos a questão da ideia de que, de algum modo, o mundo <<está lá fora>>, independente da nossa cognição é uma re-presentação desse mundo independente?

Por esse ponto de vista, a Análise Cognitiva nos possibilita analisar as partes e o todo, não desprezando a discussão teórico-conceitual e agregando a incorporação dos diversos conceitos e perspectivas das ciências e, ao mesmo tempo discutir o implícito e explícito dos diferentes saberes, práticas e conhecimentos.

Tal situação agrega com as precedentes discussões da complexidade, polilógica e da multirreferencialidade já comentadas, e nos coloca a pensar sobre a construção do pensamento alinhado a experiência do observador e a compreensão das realidades, de maneira que perceba o senso comum e suas questões norteadoras de forma processual estabelecendo as relações de: informações, dados, características cotidianas, saberes e práticas, como campos de mergulho para a construção coletiva do conhecimento.

Sendo assim, a análise cognitiva é indissociável dos espaços multirreferenciais de aprendizagem. É o que percebemos na leitura de cada capítulo que constitui o livro que traz esse título escrito por um coletivo de autores, conforme explicitação na própria capa do livro que leva o nome da autora e coletivo de autores com propriedade, dado o seu processo de elaboração de formas coletivas: a partir de pesquisas feitas em sala de aula, levantamento teórico prático, leituras e releituras; discussões com os pares e intercâmbio dos escritos para correção, seguidos de encaminhamentos de pareceristas para publicação. Todos esses procedimentos orientados pela professora Teresinha Frões Burnham, criadora do estudo da arte do campo de Análise Cognitiva. Para isto essa autora faz uma apurada reflexão onde destaca Gestão/Difusão do conhecimento da área interdisciplinar na apresentação do livro.

Desse modo, analisam-se significados e sentidos, (re) arranjam-se conteúdos, translocam-se posições, (re) escrevem casos, com visadas

outras, diferentes daquelas originalmente apreendidas/apropriadas, de modo a aproximá-los dos sistemas de referência com que se vem-a um só tempo-, labutando/brincando (XAVIER; MATTOS *apud* BURNHAM *et al.*, 2012, p. 11).

E continuando a apresentação, Xavier e Matos, mencionados por Burnham *et al.* (2012, p.11) escrevem que:

Os capítulos referentes à Análise Cognitiva – Análise Cognitiva, um campo multirreferencial do conhecimento? Aproximações iniciais para sua construção; Análise Cognitiva: reconhecendo o antes irreconhecido; e Abordagens epistemológicas da cognição: a Análise Cognitiva na investigação da construção de conhecimento –, têm como propósito trazer à discussão a pesquisa que se vem realizado sobre as origens e expansão deste novo campo do conhecimento, procurando estabelecer algumas bases iniciais para subsidiar a construção – que se sabe gradual e lenta e lenta – de seu estatuto epistemológico; uma primeira tipologização de comunidades diferenciadas a partir da relação que estabelecem com a produção/ intercâmbio/socialização do conhecimento; a concepção desses diferentes tipos de comunidade: epistêmica, cognitiva, “de prática” e ampliada; a situação da Análise Cognitiva no conjunto das Ciências Cognitivas e para além dela; abordagens epistemológicas em investigações sobre o conhecimento e a cognição, bem como a retrospectiva do primeiro estudo que se realizou neste grupo de pesquisa como um exercício de Análise Cognitiva.

Assim, o alinhamento com a educação se processa mediante Análise Contrastiva originada em sua pesquisa, na pesquisa em biologia na escola pública, conforme indica.

Dessa forma, observamos que o campo da Análise Cognitiva abrange espaços de produção do conhecimento na perspectiva epistemológica multirreferencial, polilógica. Em nossa pesquisa encontramos, conforme afirma Sousa (2017), o termo Análise Cognitiva é muito amplo e não contempla só os conhecimentos do ocidente (Europa, Brasil e América do Norte, seja E.U.A), mas todas as culturas das diversas e diferentes localidades, sendo possível a análise para além das diversas áreas do conhecimento: (psicologia, linguagem, ergonomia, tecnologia, saúde, educação).

Portanto, o Cognitivo inclui mente, percepção, raciocínio, imaginação, pensamentos, emoções, sensações constituindo o sistema inerente ao desenvolvimento da pessoa em qualquer grupo humano. Logo percebemos que é através desse sistema cognitivo que se processa a aprendizagem, mediante a aquisição e armazenagem de conhecimento, relacionado à identidade e à forma cultural de agir. Essa percepção nos faz lembrar que conquistas, avanços, invenções e descobertas sempre desafiaram aspectos culturais vigentes socialmente.

Por certo, a Análise Cognitiva no DMMDC surge com Teresinha Frões Burnham (2012,) quando a autora afirma que uma das maiores preocupações ao longo da sua vida tem sido a privatização do conhecimento. Defendendo que o conhecimento é um bem que deve ser público, e demonstra preocupação quanto à questão da segregação cognitiva de significativas faixas da população. Essas questões também reverberam em nós no que condiz com a saúde na cultura indígena, tanto no sentido do uso de sua medicina pela iniciativa privada e segregação do conhecimento até a negação da existência. O que já discutimos nos capítulos anteriores nessa tese.

Nesse sentido essa autora também traz a metodologia de Análise Contrastiva originada de suas pesquisas, contribuindo com a construção do conhecimento na interseção das áreas da Saúde e Educação, visando explicitação de suas diferentes concepções e preenchendo lacunas do campo da análise cognitiva na instituição desse novo campo de conhecimento.

No campo da Análise Cognitiva se compreende a existência de diferentes mundos e que são relevantes ao conhecimento: científico objetivo, intuitivo, reflexivo que reúne a alma, o espírito, a filosofia, a literatura; as ciências, as técnicas, as tecnologias. Nesse campo a pessoa, ou o indivíduo é o ser transcendente, cuja subjetividade corresponde à lógica própria do ser vivo.

4 AR: CAMINHOS METODOLÓGICOS



Figura 8: Imagem da Maraca ritualmente oferecida para autora pelas etnias estudadas, para a mesma realizar as vivências e estudos dos Caminhos da Maraca

Ao pesquisar estamos propondo um engajamento desde o seu planejamento até seus desdobramentos concretos, onde a adoção de uma metodologia denota a opção por um percurso a ser seguido com a finalidade de observar os caminhos percorridos com o objetivo desejado inicialmente.

Objetivo este, que é baseado nos princípios e métodos da base epistemológica de respeito aos saberes, reconhecimento do conhecimento, honra da ancestralidade e práticas dos envolvidos construídos no movimento da pesquisadora no campo da saúde junto às etnias indígenas brasileiras.

Desse modo, o desenho metodológico proposto neste estudo é baseado em um combinado de estratégias de intervenção, utilizando-se como bases lógicas da metodologia da Maraca por meio do método científico o dialético e hermenêutico com abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa almeja a compreensão ou explicação dos fenômenos como princípio do conhecimento.

Portanto, na busca de maior compreensão e construção do conhecimento como um bem social, adota-se esse raciocínio que segundo Minayo (2004, p. 220), a hermenêutica é a busca de compreensão do sentido que se dá na comunicação entre autores. Conforme Oliveira (2010, p. 123), a metodologia interativa se aplica

baseada quando passamos a analisar os dados obtidos junto aos atores sociais de nossas pesquisas.

Logo, a análise aqui apresentada fundamenta-se na compreensão das práticas, hábitos, valores, atitudes, saberes, relações e percepções através de frutos das conclusões interpretativas que os atores da pesquisa evidenciam os seus modos operandi e vivendi, constroem-se desta forma seus saberes e conhecimentos estruturados com os pensamentos e sentimentos que convergem à construção fenomenológica.

Desta forma atua-se com o conceito de metodologia de forma abrangente e concomitante: a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, das técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como o que denominei de “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos e achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações científicas (MINAYO, 2006, p. 44).

Na busca de proporcionar uma maior visão sobre o objeto de estudo, analisando o todo e as partes, valorizando o caráter unitário, o estudo se faz na perspectiva dos direitos humanos, investigados mediante o estudo de caso.

Diante do exposto, a abordagem metodológica, é desenvolvida pela inquietação ao paradigma vigente, que nas suas construções reduz o corpo ao mecanicismo de suas ações, conseqüentemente imbricadas no campo das racionalidades científicas moderna do campo da saúde, onde o principal foco é a doença e seus processos de manutenção do adoecimento, sustentando desta forma a indústria do medicamento farmacêutico tradicional e mercadológico.

Ao longo desses tempos modernos, esta área ao invés de enfatizar as possibilidades de se ter mais saúde por meio das curas e dos diversos aspectos que se compactuam para um viver, realmente vivido e vivente, se debruçam em evidenciar episódios individuais e/ou coletivos que somam para a escassez do pensamento e à falta das práticas dos estados da arte da/na saúde.

Assim, ao longo das décadas essa visão denominada cartesiana vem sendo valorizada pelas possibilidades de avanço das novas tecnologias, como que por encantamento direcionam o olhar das práticas dos profissionais, aguçando para as

peças a esperança dos achados da doença meramente no campo físico, como a possibilidade de curar-se.

De acordo com Perrault (2008, p. 78), acrescentarei os efeitos adversos sobre as práticas de cuidados, na maioria das vezes não analisadas, que comprometem a motivação dos cuidadores até, frequentemente, os fazer abandonar a profissão. Em seu estudo sobre o uso de imagens para diagnóstico e tratamento médico, a autora destaca a iatrogenia gerada pela distância entre o conjunto de tecnologias diagnósticas e terapêuticas e a necessidade de relações de cuidado inerentes às práticas de saúde, apontando a “periculosidade” desta inversão da lógica de cuidado.

Estes estudos apontam para o reconhecimento da importância das inovações tecnológicas, ao mesmo tempo, em que reforçam a necessidade de valorização de outras formas de pensar e produzir saúde, baseadas na natureza criativa e no reconhecimento de saberes e conhecimentos populares.

Nessa linha necessita-se de novo olhar e do agir comunicativo (REESCHÄFER, 2009, p. 46), nos traz a ideia central desta teoria: é possível atribuir as patologias da Modernidade, sem nenhuma exceção, a invasão da racionalidade econômica e burocrática em esferas do mundo da vida, às quais essas formas de racionalidade não são adequadas, por isso levam a perdas de liberdade e de sentido. O agir comunicativo é concebido por Habermas de modo a abrir as oportunidades para um entendimento em sentido abrangente e não restritivo.

Assim, esses olhares interagem com os pensamentos das possíveis reestruturações paradigmáticas, e no campo dos saberes e práticas tradicionais em saúde, que pode ser observado na visita de campo na Reserva Thá-fene (ARAÚJO, 2018) de acordo com Wakay, um ser vivo de cada planta nesse planeta é para cura de uma doença, bem como no campo científico Kuhn (1978, p. 17), se reconhece que nos diversos momentos históricos e nos diferentes ramos da ciência há um conjunto de crenças, visões de mundo e de formas de trabalhar, reconhecidos pela comunidade científica, configurando o que ele denomina paradigma. O paradigma trazido por Wakay (2018) traduz a visão de mundo com suas crenças e formas de trabalhar a saúde em sintonia com as leis da natureza.

Segundo Luz (1988, p. 84-85), do ponto de vista aqui levantado, trata-se do próprio reducionismo da concepção mecânica do organismo, imaginado como conjunto de peças movendo e seguindo uma lógica articuladora da qual é preciso,

através de análise, descobrir o sentido (ou as ordens do sentido) que origina por oposição a questão da vida (ou vitalismo), como questão epistemológica.

Diante do exposto, o objeto de investigação possibilita um olhar criativo que se conjectura com os ensinamentos de Kuhn (1978), nas produções em “revoluções científicas”, que a ampliação e mudanças significativas nas investigações se dão no campo dos rompimentos dos velhos paradigmas e construção de novos olhares, apresentação de novas possibilidades e trajetórias, desencadeando, de fato, uma revolução no campo dos saberes e conhecimentos científicos.

Consoante a Franco e Ghedin (2001, p. 58), os novos entendimentos sobre realidade social, que deixa de ser vista como mecânica, linear, previsível para ser considerada dinâmica, histórica e complexa, fazem que se supere a concepção de causalidade, de previsibilidade, em direção a uma atitude que percebe a realidade como um todo dinâmico, com múltiplas e variadas configurações.

Como proposta, acredita-se no modelo de análise predominantemente qualitativa, visto que a pesquisa qualitativa possui como fundamentos principais a busca pelo entendimento do outro, compreendendo sua fala, seus modos de vida, possibilitando, a identificação dos significados construídos em torno de sua organização social. Contudo, a análise quantitativa é necessária para demonstração dos dados catalogados relacionados às ervas medicinais enquanto conjuntos de lógica estruturante dos processos de cuidados da saúde fazendo aparecer a configuração de centros energéticos do corpo.

Portanto, a abordagem baseada em direitos *Rights-Based Approaches* (RBA)¹⁴ soma com a proposta deste trabalho, na perspectiva de sua concepção ser baseada na cidadania a partir de seu lócus/território, e na escuta dos envolvidos em sua ação participativa e ativa na busca de caminhos que o indivíduo ou coletivo de indivíduos conheçam, reflitam e escolham a forma e meios para a busca de melhores condições de vida.

Assim, analisamos por essa ótica os dados de pesquisa convergir para lógicas como um sistema aberto de trocas baseado no devir, ser e estar, ouvir e escutar, fazer e sentir, dar e receber, sim e não, e no talvez, que dá indícios do ente da natureza sagrada em movimento.

¹⁴ ROCHA, J. C. **Metodologia para Extensão em Educação em Direitos Humanos**. Salvador: EDUNEB, 2009.

Rocha (2013, p. 69), nos sinaliza a respeito da utilização das metodologias participativas que tenha como o objetivo favorecer o empoderamento individual e coletivo das pessoas, começando pelo reconhecimento de violações aos direitos humanos, ao invés de se concentrar somente nas necessidades humanas.

Acreditamos em um caminho baseado na igualdade de direitos, que segundo Benevides (2003, p. 309 - 310),

A educação em direitos humanos é essencialmente a formação de uma cultura a respeito à dignidade humana através da promoção e da vivência dos valores a liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade da cooperação, da tolerância e da paz. Portanto, a formação desta cultura significa criar, influenciar, compartilhar e consolidar, mentalidades, costumes, atitudes, hábitos e comportamentos que decorrem, todos, daqueles valores essenciais citados, os quais devem se transformar em práticas.

Entretanto, o estudo envolve a pesquisa gerando possibilidades de uma nova forma de pensar a saúde pautada pela observação, reflexão e ação sistematizada em educação sistêmica e saúde, por meio da construção de uma representação intitulada Mandala/Constelação Fito Galáctica. Esse nome é respaldado nas categorias conceituais e de utilização prática de cada uma, bem como pelas possibilidades de atuação. Essa representação traz coesão por constatar na simbologia as possibilidades de implicações positivas no campo da saúde holística.

De acordo com Jung (2008, p. 19), uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica algo além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperança de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzido a ideias que estão fora do alcance da nossa razão.

Evidenciando as partes conceituais desta representação, entendendo que elas compactuam e agem em harmonia, intersecções e sintonicidade, a referência galáctica se dá de acordo com Gleiser (2018), as estrelas que transformaram o elemento químico hidrogênio, em abundância em outros elementos da tabela periódica. Essa transmutação e ressignificação é um dos caminhos em busca do equilíbrio em saúde, bem como pela composição da maraca que traz as relações com a cosmovisão para a busca da saúde integral e integrada em si, consigo e com o mundo. São as relações da maraca e a sua constituição que tem a significância e significado com as relações cósmicas.

Bem como constelação, que tem suas relações imbricadas nas formações estelares e no próprio sentido significativo de grupo de “coisas”, pessoas que formam grupos do singular ao complexo, mas articulados em sintonia e harmonia com o divino cósmico, o divino pessoal e o divino planetário.

Fito abarca pela proposta de cura pela energia das plantas e ervas possibilitando novas maneiras de se relacionar com os processos de tratamento da saúde na escala de escassez bem como na abundância, em busca dos equilíbrios dos corpos em harmonia com os centros energéticos corporais e espirituais. Enquanto que Mandala, em sântrico, significa círculo, e traz este termo em tema básico sendo o pressentimento de um centro da personalidade, por assim dizer, um lugar central no interior da alma, com o qual tudo se relaciona e que ordena todas as coisas, representando simultaneamente, uma fonte de energia.

Assim, a energia do ponto central manifesta-se na compulsão e ímpeto irresistíveis, de tornar-se o que se é tal como todo organismo é compelido a assumir aproximadamente a forma que lhe é essencialmente própria. Este centro não é pensado como sendo o eu, mas se assim se pode dizer, como o si-mesmo. Embora o centro represente, por um lado, um ponto mais interior, a ele pertence também, por outro lado, uma periferia ou área circundante, que contém tudo quanto pertence ao si-mesmo, isto é, os pares de opostos que constituem o todo da personalidade. A isso, em primeiro lugar, pertence à consciência, depois o assim chamado inconsciente pessoal, e finalmente um segmento de tamanho indefinido do consciente coletivo, cujos arquétipos são comuns a toda humanidade (JUNG, 2008, p. 247).

Então, pensar esta representação em formato de mandala implica a busca do desenvolvimento da saúde com os eixos estruturantes de importância equilibrada e harmônica entre eles. Essa harmonia se autopreserva a dinâmica individual, suas especificidades e o holismo diante da relação entre o ser humano, seus desafios, a natureza e o cosmo.

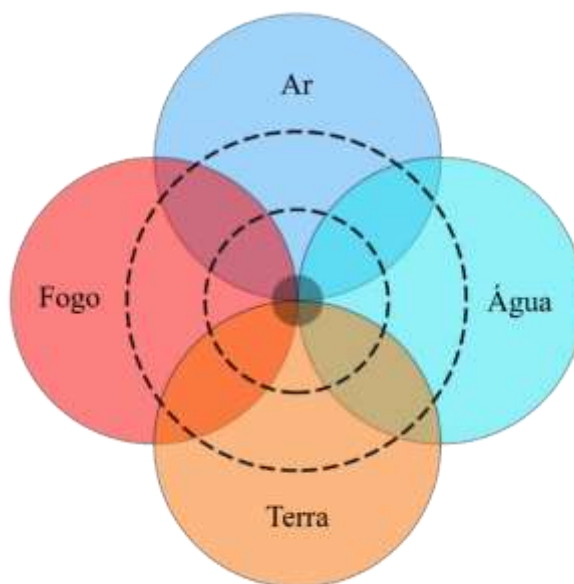


Figura 9: Categorias da Mandala/Constelação Fito Galáctica

Fonte: Mapa Cognitivo construído pela autora e realizado designer gráfico por Gisele Rocha.

Os capítulos desta tese foram intitulados com nomes dos elementos clássicos da natureza visando ser coerente e criar um panorama de pesquisa, mesmo distante, por vezes fisicamente, mas em sintonia com os campos quânticos mantendo a harmonia na construção da escrita, alimentadas pela egrégora de luz e autocura da matriz em Medicina Tradicional Indígena dos povos estudados.

Assim, as categorias (terra, fogo, água, ar e éter) expressas na Mandala/Constelação Fito Galáctica, exprimem o respeito aos processos da autocura pelos povos estudados e sua vivência cotidiana em sincronicidade com a natureza. Em consonância com os princípios e elementos, os capítulos da tese seguem a mesma ordem, substituindo-se a categoria éter por vida, síntese de todos os processos.

Essas possibilidades são fortalecidas por Becker (1998), ao relatar em seus estudos do campo vital que o transporte de informações e o mecanismo normal das células em transmitir mensagens são fortalecidos e harmonizados com clareza quando estão em contato com a natureza.

Portanto, ao realizar um estudo de caso cartográfico entende-se como caminho que procura de maneira mais efetiva a produção do conhecimento na pesquisa qualitativa a qual estamos predispostos, por permitir a busca de valores baseados nos direitos da igualdade, integralidade e equidade em promoção da saúde. De acordo com Brasileiro (2016, p. 46), o estudo de caso,

É muito utilizado para apresentar vivências de grupos, empresas, comunidades, etc., recorrendo a instrumentos de coleta como observação, análise de documentos, entrevistas e história de vida. Atualmente, tem sido prática a elaboração de estudos de caso duplos e estudos de caso múltiplos.

De maneira especial, esta escolha foi para fortalecimento do caminho de procura e compreensão do outro como base primordial para nosso processo de formação enquanto pessoa e enquanto pesquisadora.

Nesse estudo não se busca uma corrente de atuação metodológica alternativa para construção do conhecimento em saúde, e sim uma proposta metodológica complementar e inovadora baseada na oportunidade de direitos e deveres, que devem ser reconhecidos como embasamento para uma possível condição humana, principalmente quando se fala de uma comunidade tradicional Indígena. Assim, respaldamos uma proposta imbricada nos direitos humanos, como via essencial contra o positivismo vigente em produção das ciências, favorecendo as correntes emancipatórias, inclusivas e complementares do bom viver humano e cidadão.

Desta forma, longe de representar o modo de viver, das "verdades" de uma vida cotidiana Indígena por uma representação gráfica em saúde. Mas, sobretudo compreender os processos construtivos de uma etnia que baseia o seu modo *operandi* por meio de uma interação dialógica com a vida, com a natureza, com o mundo, com o multiverso dando possibilidades de análise das realidades e possibilidades de visões enriquecedoras em um campo de pesquisa multirreferencial e complexo com suas bases históricas, culturais, étnicas e ancestrais. Já dizem Ferigato e Carvalho (2011, p. 665),

Investigação qualitativa é, portanto, uma atividade que se afirma a partir do contexto situacional, da localização e implicação do observador em relação ao objeto e seu entorno. Esta mudança paradigmática marca uma tendência dessa forma de abordagem rumo ao compromisso com uma mudança.

Sendo assim, acreditamos na proposta como caminho de observação, escuta, análises, vivências, anotações, entrevistas, filmagens, sentimentos, visões, pois assim foi possível pensar o campo e o objeto de pesquisa de forma viva, pulsativa que converge com características que impulsionam o desejo do desvelar dos saberes e conhecimentos em saúde Indígena.

Permitindo desta forma a consolidação de uma perspectiva favorável de linguagem por uma representação gráfica em promoção da saúde, a Mandala/Constelação Fito Galáctica que projeta as novas possibilidades de uma estrutura pedagógica, didática, estrutural, prática e amorosa para compreensão do ser humano e seus processos de doença, ou melhor, seus desafios para assim compreender e autocurar-se por meio da Medicina Indígena e Fitoenergética.

Logo, os elementos que têm a pretensão de evidenciar, não é uma prática da representação somente, mas a contingência das diversas linguagens, leituras, fragmentos e possível compreensão no contexto complexo, polilógico e multirreferencial.

Analisando a construção desta representação consoante Ferigato e Carvalho (2011), pesquisar não é necessariamente interpretar o mundo, nem compreender a realidade, trata-se de produzir o mundo, construir realidades, pois as possibilidades se darão de forma que será necessário territorializar, desterritorializar e reterritorializar, sendo compreendidas como momentos de novos saberes e práticas, de reflexões e não de ancoradouro finalista de etapas cumpridas. Assim, acreditamos nesta proposta pela imbricação aos teóricos da filosofia da libertação, da diferença, da autonomia, dos direitos humanos e da educação como processo de humanização, da esperança e do devir construtor do humano.

É importante refletir os caminhos da saúde holística, como abertura para buscar novos espaços para pensar e agir em saúde e motivar a sua promoção através de uma mudança na visão do tratamento e prevenção de doenças, aliado a reafirmação/releitura da cidadania Indígena com seus povos, seus direitos, seus saberes, conhecimentos e práticas em uso das ervas e plantas, bem como seus princípios e sua energia vital como benefício a melhor condição de vida e do viver, pois, ao pensar por essa ótica faculta o olhar positivo e inclusivo da medicina Indígena, nesta esfera tradicional, cartesiana e exclusiva ocidental, onde predomina a indústria da doença e do remédio.

Outrossim, é pensar os Indígenas e suas práticas, saberes e conhecimentos com as ervas e plantas como um resgate humano pela educação sistêmica e saúde holística em um campo dos sentidos, do fazer, do social, do ético, do estético, do antropológico, do polilógico e político fortalecendo suas possibilidades civis e humanas, contribuindo para os avanços da humanidade e os cuidados de forma mais natural e harmônica com o universo.

Com a proposta de organizar o caminho metodológico escolhido, foram nomeados trilhas e caminhos entendendo os mesmos respectivamente, como o desbravar e organizar alguns trechos e as diversas possibilidades respeitando o livre arbítrio e escolhas para um caminho de mais luz ou mais sombrio, porém não menos importante para a busca da saúde e autocura.

Fortalece essa escolha por concordar com realidade do grupo pesquisado e ao método RBA, possibilitando relacionar harmonicamente os saberes científico, popular e étnico sem perder os desafios da polilógica, da análise cognitiva, da multirreferencialidade e complexidade que traz este estudo.

4.1 TRILHAS E CAMINHOS - OLHAR

Ao iniciar este momento para desenhar a proposta metodológica que foi analisada, por meses a pensar como seria, percebe-se que o mais importante desta trajetória em campo, não seria as respostas, mas sim as perguntas. Um olhar que foi desperto há quinze anos com o primeiro contato com essas etnias. Esse laço de observação, de como se dá os processos de maturação da vida feliz, tem percorrido uma trajetória em diversos eventos, palestras, seminários, vivências que ocorreram no território dos indígenas, bem como nos espaços diversos de construção dos saberes.

Assim, um multiverso ao qual nos damos conta de estarmos imersos e, ao mesmo tempo, tendo o comprometimento de desvelar, viver, buscar, socializar e respeitar os saberes da medicina tradicional indígena. Pois, nesse esquema, o nosso universo não é único, mas, sim, um entre muitos universos. (CHOPRA, 2017, p. 47). Portanto, momentos socializados em um contexto de contribuição efetiva para um viver melhor, tanto do individual quanto ao coletivo, com pensamento e sentimento imbricados no fazer-sentir conhecimento.

Por isso, no caminho de realizar este estudo me foi permitido conhecer e viver melhor através da Medicina Tradicional Indígena, concomitante preservar suas identidades, as ancestralidades, transjetórias e também vivenciar como as ervas podem favorecer nossa saúde. Pude observar as plantas e ervas medicinal e conhecer a utilização de alguns princípios ativos, sua energia vital agindo e atuando dando consistência assim, aos processos de ensinar, aprender, partilhar, socializar e disseminar esse conhecimento.

Para este momento propomos rodas de conversa e de autocura com diversos públicos de gêneros distintos e idades variadas, e com indígenas das etnias dos Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó. Sendo que, para a realização dessas vivências grupais, bem como dos atendimentos individuais foi realizado um campo de estudo onde as pessoas se permitiam, através das danças, cantos e diálogos se situar, enquanto ambiente de despertar da sua memória em promoção da saúde mediante as ervas e plantas. Essas ações, num momento anterior, foram construídas com diálogos e consentimento das lideranças indígenas espirituais desses nativos que atuam no viés de sua medicina tradicional.

Vale ressaltar que nessa abordagem qualitativa do estudo, têm-se como instrumento as entrevistas não dirigidas, com questões abertas, para as pessoas que foram atendidas por meio desta medicina. Trazemos o termo medicina, que tem origem e etimologia latina e significa a “Arte de Curar”. Segundo o Dicionário Aurélio (2015), medicina é “[...] a arte e ciência de evitar ou curar doença, ou de paliar seu (s) efeito (s)”, em complemento no Dicionário Houaiss (2017, p. 25) diz que ela é “[...] o conjunto de conhecimentos relativos à manutenção da saúde bem como a prevenção, tratamento e cura das doenças, traumatismos e afecções, consideradas por alguns, uma técnica e, por outros, uma ciência”.

Na abordagem da Medicina Tradicional Indígena adotamos a análise do discurso como um dos procedimentos, que de acordo com Brasileiro (2016, p.50), este procedimento de pesquisa permite uma abordagem qualitativa dos dados levantados por meio do discurso dos sujeitos da pesquisa... o pesquisador se preocupa com a linguagem oral ou escrita, em seu contexto de ocorrência, focalizando sentidos, (in) diferenças e os não ditos.

Logo, os princípios deste trabalho de observação, baseado nas trilhas e caminhos naturais, em harmonia com o universo, para a diminuição de fatores negativos que atuam no processo de adoecimento, bem como dos meios naturais pelas ervas e plantas, em suas diversas possibilidades (chás, rezos, cânticos, rituais, banhos, garrafadas) e com as potencialidades fitoenergéticas, sendo por meio de (chás, sachês de uso pessoal, spray, banhos, rezos, corredor de ervas, reiki, mandalas entre outros). Tudo isto, para prevenção de doenças, tratamento e promoção da saúde em sintonia com uma transformação humana focada no emocional, biológico, social nas suas capacidades individuais e desdobramentos coletivos.

4.2 TRILHAS E CAMINHOS – PENSAR

Pensar saúde é pautar em um campo complexo e em crise quando se refere aos campos da sua prevenção e promoção. Por isso, é preciso considerar que a saúde vista meramente no sentido da doença e do tratamento é um posicionamento a qual não será demarcado neste trabalho. Pois, aqui, busca-se um caminho de analisar os conhecimentos, saberes e práticas com investigação do ser humano e da Medicina Tradicional Indígena, dentro das suas finitas possibilidades de existência para melhoria da condição humana.

Por esse viés saúde é pensada de forma não limitante, pelos obstáculos teóricos e metodológicos, muito menos por uma técnica em saúde que seja redutora nas análises dos possíveis universos para construção de novos paradigmas. E sim, abrir horizontes de reflexão em torno da identidade, da superação, das igualdades, das diferenças, dos direitos, dos deveres, do saber, do fazer, do ser, do estar, na convergência e divergência, do eu e do tu.

Nesse processo, notamos que cada parte tem suas singularidades que contribuirão para a proposta matricial, com a junção de elementos com vistas a formar uma conceitual para conduzir/ facilitar uma compreensão e atuação prática de acordo com as experiências indígenas analisadas pelo processo da multirreferencialidade e complexidade.

Entretanto, o desafio será explicitar, nesta Mandala/Constelação Fito Galáctica, as análises feitas por intermédio da didática aplicada, que concede para quem adotá-la, melhoria na condição humana - campo de aprendizagem, de vivência, de socialização e de autocuidado consigo e com o outro. Desta forma, vem à concretude da Metodologia do Outro, proposta neste estudo como, Metodologia da Maraca.

Assim sendo, inovar é contextualizar a Mandala/Constelação Fito Galáctica por meio da metodologia da maraca, de forma criativa e agregadora de uma produção de conhecimento que acrescente um novo sentido nas formas de viver e observar os campos de estudo em saúde, consubstanciando elementos significativos para a qualidade de vida das pessoas, mantendo o respeito ancestral tradicional e cultural das etnias observadas.

Essa metodologia de atuação em promoção da saúde conjectura nas relações de feitura da maraca, onde cada componente é relacionado à vida do cosmo, da natureza e do ser humano. Uma formação sistêmica que preserva a sintonia e sincronicidade entre os elementos.

De acordo com Araújo (2019), as anotações do ritual da mamãe Jurema, a maraca significa o universo e dentro é composta de sementes para autocura que representam as galáxias, as estrelas, os planetas, os astros e os diversos corpos celestes que fazem a ligação da terra com o céu, um olhar realizado por Wakay. É preciso considerar que, a maraca é para essa etnia um instrumento sagrado de fabricação própria e têm fundamentos espirituais e materiais de grande potencialidade de autocura, por meio de sua metodologia de feitura, com materiais de alto padrão vibratório e energético.

Sendo que a sua utilização e a sua medicina são realizadas pelos nativos de acordo com diversas funções. Para sua aquisição, a melhor forma é através de seu sentir em harmonia, não somente pela estética, mas também pela vibração. Pois, nela tem uma energia viva, um espírito vivo, energético com sons equilibrando os campos energéticos pessoais e do ambiente pela sua vibração.

Outro aspecto relevante é que a maraca tem uma constituição que pode ser de diversas formas e tamanhos conforme os tipos de cabaça (coité e combuco) que a natureza desenvolve. Elas são construídas em sintonia, ciclonia¹⁵ e harmonia com os aprendizados dos antepassados passados a cada geração pelos anciãos.

Logo, a Metodologia da Maraca é o processo de inspiração para efetivação de práticas que servem para o despertar e intercambiar possibilidades diversas para a autocura. São momentos de acolhimento/busca do eu verdadeiro, para actuar nos estados de luz e sombra das pessoas. Uma possibilidade de se observar em amplo contexto, evidenciando que existe a dualidade em nós que negamos ou buscamos não a compreender, atuando de maneira não positiva. Transmutando assim nossos desafios em momentos de aprendizagem.

As possibilidades de pensar e agir por meio dessa representação, intitulada Mandala/Constelação Fito Galáctica, nos permite resgatar o equilíbrio dessas duas energias, para assim darmos seguimento aos caminhos de luz, amor incondicional e

¹⁵ Relação circular a qual a maraca é utilizada dentro das leis universais do cosmo em sintonia com o todo. Entendendo que todo planeta, todas constelações exerce um papel. Todos nós temos. São os ciclos da vida. A transmutação positiva da vida.

resgate do seu verdadeiro eu. Todavia, os desafios são as janelas de nós e dos outros, que precisamos amorosamente reconhecer e ampliar a visão harmonicamente das pessoas e de si com suas relações com o céu e a terra.

Relações essas que segundo Artese (2018) fortalecem a roda da vida, essas em conformidade com seus pilares que são: corpo físico, corpo mental, corpo espiritual e corpo emocional, sendo este baseado fortemente nos relacionamentos, além das relações da saúde, da vida, do cosmo e da natureza que são pautadas pela polilógica.

Assim, dialogamos com Gallefi (2017, p. 28), por meio da didática filosófica mínima, apresentada por ele como:

Meio comum para todos os processos aprendentes porque parte das condições concretas de cada caso singular humano. Não é portanto, uma didática mínima em geral e sim uma didática mínima como disposição aprendente aberta ao acontecimento do pensar apropriador, próprio e apropriado. Significa que não é uma didática moduladora de uma forma padrão externa a relação do pensar nas circunstâncias comuns, e sim um meio dialógico e polilógico de deixar acontecer o aprender e pensar encarnado de cada aprendente.

E mais adiante continua Gallefi (2017, p. 29),

Assim, não se trata de uma tradição de uma negação da tradição de ensino vigente, e sim de uma suspensão de seus efeitos museológicos e de ilustração, para favorecer a relação direta de cada aprendente com o mundo da vida...e o mundo da vida é o mundo vivido e vivente. Humanos são seres vivos e o mundo da vida é o mundo que vivem. Vive-se com o mundo da vida e pensa-se o vivido do vivente. Pensar é viver pensante! Mas, que sentido tem o pensar além dos afetos vividos? Pensar em uma perspectiva afetiva fundamental é pertencer à vida pensante.

É importante enfatizar que sabemos da responsabilidade, amadurecimento e foco nas produções e transduções dos processos vividos nas caminhadas e trilhas por conta da diversidade e campo pesquisado.

Robustecendo a adoção da nomenclatura trilhas e caminhos, compactuamos no seu campo poético do viver em matas desbravando caminhos tortuosos e conhecendo a diversa possibilidade antes negada, e negada socialmente em detrimento ao equilíbrio da saúde humana pela indústria farmacêutica. E no intuito de desenvolvimento a nomenclatura caminhos, esta tem significância analisando que os desafios são pela tomada de decisão ao caminho adotado, o livre arbítrio das escolhas humanas.

Tendo um aporte de acordo com Rocha (2013, p. 49-50),

Considerando a necessidade de estudar esses novos objetos históricos sociais, defendemos a ideia de que é preciso concentração no esforço pela construção de novas metodologias capazes de avaliar e interpretar esses fenômenos. Cada objeto de pesquisa varia De acordo com sua área de conhecimento (biologia, física, química, ciências humanas, ciências sociais aplicadas etc). Os objetos das ciências sociais são históricos, existem em um determinado espaço de tempo, alinhando-se com a experiência do passado e com as projeções de futuro, em uma relação dialética entre o que é e o que pode vir a ser.

Assim, adotamos um aspecto conceitual de acordo com os valores e princípios indígenas, construindo uma proposta de processo com a observação do outro, intitulada neste estudo como a Metodologia da Maraca, que tem base no entendimento das leis naturais do universo e sincronicidade por meio de instrumentos ancestrais Indígenas de autocura, prevenção de doenças e transmutação de padrões vibratórios.

Esse caminho descreve alguns elementos do contexto, de sorte a permitir a possibilidade do estabelecimento de interligações entre o pensamento, sentimento e a realidade que estarão na base da elaboração intelectual material e imaterial expressa pelos sujeitos investigados.

Desse modo, a Metodologia da Maraca se consolida na vertente de sua construção, utilização e possibilidades, a maraca em si, cabaça, que é escolhida de acordo com cada ritual e /ou uso. Tendo especificidades quanto à forma, tamanho, feitura, materiais de composição interna, pinturas, sons e ritmos. Nesta relação dialógica, a mesma, tem referência ao universo, de acordo com as suas leis e funcionamento. Na sua constituição interior, os materiais que compõe, a princípio geral, as sementes são relacionadas a cada planeta e galáxia (s). Tudo especificamente construído integrando cada proposta de utilização e/ou ritual sagrado.

Constituindo desta forma, uma possibilidade de construção do conhecimento nas relações no campo das metodologias, como caminho referenciado para produção e difusão do conhecimento no campo da saúde holística.



Figura 10: Sementes de Mulungu uma das utilizadas na feitura das maracas
Fonte: Elaboração própria (2019).

4.3 TRILHAS E CAMINHOS - AGIR

Definimos esse momento com a frase em concordância com um pensamento Freireano que diz que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferente”, todavia, é preciso considerar que se trata de uma caminhada por meio das diversas narrativas de um povo com rico saber e conhecimento tácito, mas ainda vistos como “iletrados”. (FREIRE, 1987, p.68)

Assim, em consonância com os princípios e modos de viver Indígenas, o desafio deste trabalho é observar e analisar o grupo, conhecendo e mapeando os seus fazeres e pensares no mundo, do mundo e para o mundo. Isto se deu através da narração de histórias e da transmissão de aspectos culturais, com o propósito de colocá-los em prática e a combiná-los com outras formas de comunicação e expressões corporais e não corporais em saúde, por meio das Rodas de Cura e atendimentos individuais no território indígena da Reserva Tha-fené, bem como Rodas de Cura em diversos espaços terapêuticos como: escolas, universidades e instituições diversas em Salvador-Ba.

É importante ainda citar que, com o campo de estudo emergente, surgiu a criação de um ambiente multireferencial de aprendizagem (AMA) em promoção da saúde pelos ensinamentos da saúde tradicional indígena e pela fitoenergética, intitulado Owca Ayam, o qual serviu de alicerce para desenvolvimento desta pesquisa. Então, esses momentos foram resgatados pela observação, entrevistas uma escuta sensível à oralidade e práticas indígenas, construindo uma produção de conhecimento que supere as práticas cartesianas, da indústria da doença e farmacêutica.

Dessa maneira, seguindo os movimentos Indígenas, notamos que suas intervenções compreendem uma estruturação social, territorial e política de cada grupo étnico, alinhadas a seus costumes e crenças. Por isso, para buscar os caminhos da Medicina Tradicional Indígena precisa-se, compreender seus bens imateriais e materiais, o palpável e impalpável, o sólido e gasoso, o ir e vir em uma caminhada de valorização da vida, respeitando seus princípios, que é em sintonia plena com o funcionamento do universo e da mãe terra.

Cabe salientar que os movimentos relacionados a questões éticas, identificação dos riscos e benefícios aos participantes, se baseiam no respeito com a população alvo, sendo necessária, neste sentido, da criação de instrumentos de solicitação de consentimento ao acesso (tal como Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE), de modo a respeitar as peculiaridades da comunidade, bem como autorização para, caso necessário, utilização das informações adquiridas na pesquisa de campo em publicações científicas.

Esse trabalho referencia-se a partir das vozes dos Indígenas da Reserva Thá-fhené, de indígenas dos povos Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó, teóricos de cada campo citado e de alguns participantes das vivências práticas. Assim, parte-se em seguida para planejar e compreender o diagnóstico para melhor proposição da realidade no contexto inserido.

Outro aspecto fundamental foram os instrumentos utilizados (caminhos metodológicos para sistematização das informações e princípios das ervas/plantas e seus desdobramentos, bem como as questões subjetivas), por serem apoiados em contexto de oralidade que serviram para a definição de informações desta pesquisa, bem como a participação dos Indígenas nas reuniões, rodas de cura e roteiros para anotações de campo.

Vale ressaltar ainda que o ponto focal foi desenvolvido com as etnias, sendo escutados os indígenas que atuam por meio da Medicina Tradicional com seus povos e com público não indígena. Da etnia kariri Xocó/ Fulni-ô/Fulkaxó foi entrevistado Wakay e com a etnia Fulni-ô foi entrevistado Kwayá. Esse momento foi desenvolvido a fim de melhor atuar com as especificidades em saúde indígena buscando manter a coerência e cuidado relacionado aos saberes e conhecimentos que foram observados, ditos, criados e recriados neste estudo.

Logo, realizada as observações e aplicação dos instrumentos desenvolvidos, com o objetivo de caracterizar as referências das ervas e plantas para a prevenção

de doenças e promoção da saúde, foi identificado às abordagens e perspectivas para construção da mandala. Assim, tem-se como resultados esperados um livreto das ervas acompanhando um vídeo desenvolvido no ambiente multirreferencial de aprendizagem criado (Owca Ayam) e a construção da Mandala/Constelação Fito Galáctica por meio da Metodologia da Maraca.

4. 4 TRILHAS E CAMINHOS - AVALIAR

Vale destacar que durante todas as etapas do processo de avaliação e reavaliação das ações houve alinhamento nos rumos, pois, algumas realidades culturais impossibilitaram, em algum momento, o desenvolvimento de alguma ação.

É importante enfatizar que consideramos que essas etapas estão interligadas, e que representam a construção do conhecimento em Saúde Tradicional Indígena nos caminhos metodológicos escolhidos.

Percebemos inicialmente que agregamos um valor cidadão ao discutir a temática proposta visto que somente na Constituição Federal do Brasil, de 1988, que houve a possibilidade de pensar uma nova base legal, com vistas ao fortalecimento da cidadania Indígena e sua manifestação social e política pautada em indivíduos coletivos em relação aos direitos identitários (colaborativos—plurais e/ou peculiares), reconhecendo seu protagonismo em promoção da saúde e qualidade de vida, através de seus saberes, representações-ações, saberes tácitos perfilhando sua autonomia.

De acordo com Constituição Federal do Brasil no Capítulo VIII – Dos Índios Art. 231, nos traz:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

E continua no primeiro parágrafo,

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

Nesse sentido, com a reafirmação de seus movimentos sociais, das suas identidades étnico-culturais, valorizando seus saberes e conhecimentos, que se fez a Mandala/Constelação Fito Galáctica em promoção saúde e qualidade de vida.

4.5 CAMINHOS DA MARACA

Dentro desse contexto pelas vivências realizadas na comunidade dos Kariri-Xocó/Fulni-ô/Fulkaxó analisa-se que muitos pesquisadores, escolas, institutos, centros, famílias de caráter físico e jurídico, particular e privado, observam esses povos no intuito de conhecer e vivenciar sua cultura. Desta forma, percebemos que no decorrer desses dezesseis anos de reserva, na cidade de Lauro de Freitas-BA, e com grande fluxo de procura, por esses grupos citados, foi instaurado, mesmo que automaticamente, uma procura de acordo com a necessidade pessoal ou de grupos, de processos de cura.

Porém, outro aspecto não menos relevante, é que tristemente muitas das pessoas após os benefícios esqueciam os nativos indígenas, faziam suas coletas de dados e vivências e sumiam. Não apresentavam os resultados e novas perspectivas para esses povos. Assim, falta uma sensibilidade no que se refere a permanência deles em seus lócus, de maneira a ter que sobreviver nas proximidades urbanas, onde não tem o aparato espiritual e cotidiano de sua aldeia nativa.

Notadamente, mesmo as aldeias que se encontram de acordo com as realidades sociais, econômicas, ambientais e políticas com interferências da globalização exacerbada, passam por dificuldades, principalmente nas questões de sustentabilidade ambiental. Para manutenção das despesas financeira da reserva e de suas vidas na aldeia, essas trocas geralmente ocorrem com a venda de seus artesanatos e atualmente na realização de vivências indígenas.

Em virtude disso, as vivências são por meio da Fogueira Sagrada, Dança da Onça, Noite da Jurema, Oficinas com crianças e nas visitas em outros espaços, a exemplo: escolas, universidades, centros terapêuticos com Danças, Sonalidade Ancestral, entre outras.

Percebe-se que os pesquisadores (as), em sua maioria, sendo brasileiros ou estrangeiros, vivenciam as trocas de saberes e práticas, bem como os conhecimentos gerados, porém não retornam com os resultados de forma efetiva para esses povos.

Atuando na perspectiva nos direitos humanos e pela conduta ética e moral do grupo de pesquisadores envolvidos nesta proposta, em consonância com as leis que regem os direitos humanos no Brasil, de acordo à Declaração Universal dos Direitos Humanos a seguir:

- **Direito a Saúde:**
Lei Nº 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização, o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências;
- **Direitos dos Segmentos Sociais: Negros e Minorias Étnicas:**
Lei Nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989 – Lei CAÓ. Essa lei é a principal arma do cidadão (ã), na luta pela punição dos crimes decorrentes do racismo, preconceito e discriminação racial em nosso país. Para sua aplicabilidade é necessário o seu total reconhecimento, para podermos agir conscientemente contra os males citados.

É importante saber que a referida lei acima citada, foi corrigida pela lei N. 9.459 de 13/05/1997, que modificou os artigos 1º e 2º da lei acima citada, e revogou o artigo 1º da lei Nº. 8.081 e a Lei Nº. 8.082 de 03/06/1994 introduziu o Artigo 140 do Código Penal. O parágrafo terceiro, tipificando a injúria com utilização de elementos relacionados à raça, cor, etnia, religião ou origem, e determinando as penas de todos os crimes referidos.

Decreto Nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007. Institui a política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

- **Direitos Humanos e Cidadania:**
Justiça Restaurativa: Modelo complementar a Justiça comum, busca a solução de conflitos a partir de acordos entre infrator, vítima e comunidade.

Diante do exposto, salientamos da importância em contribuir com um legado para esses povos, evidenciando de forma dialética e fenomenológica a Metodologia da Maraca. Assim, esta metodologia é fundamentada nos princípios indígenas, na identidade, em sua natureza e função, que contribui efetivamente para o desdobramento da Mandala/Constelação Fito Galáctica que propõe esse estudo.

Essas proposições são de grande riqueza para a humanidade através da percepção de quem somos, o que viemos fazer neste planeta, nossa missão de vida e autocura, através de uma base genuinamente brasileira, atendendo às especificidades do campo da promoção da saúde no sentido da conceitual, ontológico e epistemológico.

É importante enfatizar que esse estudo, pela sua construção colaborativa com os indígenas traduz a perspectiva indígena de buscar viver em harmonia com outras etnias, com o intuito maior de promover a saúde, na sua totalidade com a inclusão dos diversos seres existentes no Planeta Terra, ou melhor, nos multiversos.

De acordo como Relatório da UNESCO (1994), a visão Holística da Educação é um novo modo de relação do ser humano com o mundo, sendo uma das bases de proposição desta metodologia.

Ao observar as leis do universo, são as “regras do universo”, como ele funciona e são inexoráveis! Queremos, gostemos ou não, somos submetidos a elas e a grande questão que você precisa saber é conhecê-las e como elas podem mudar a sua vida.

Ao relacionar esta visão holística no campo da educação é atuar freiriana (MENTE¹⁶), percebendo as pessoas como ser integral, aprendendo colaborativa (MENTE) a viver em sintonia com os seres diversos, sem julgamentos visando experimentar através de dinâmicas e construções os diversos saberes e práticas, valorizando todos os aspectos, do mais simples ao complexo.

Portanto, vale destacar que os ambientes da educação são bases para as mudanças dos paradigmas. É um *lócus* com o dever de actuar em prol da formação de seres humanos imbricados nas perspectivas de igualdade e emancipação para aprender a conviver com as diferenças e diversidades. Segundo Munduruku (2016, p. 20),

Enfim, é necessário que a escola se reposicione enquanto instituição para assumir seu papel de formadora de opinião e de capacidades tão necessárias para banir do mundo à desigualdade, o preconceito, a banalização do outro, a visão de superioridade nacionalista, sentimentos que mancham a história da humanidade.

Diante do exposto, sendo o autor um nativo indígena sente, no íntimo, os processos exclusivos de um povo, e da vontade exarcebada de viver em um mundo mais igual, no sentido das oportunidades de direito e de deveres que regem uma nação. Assim sendo, esse território de visão de mundo de um novo paradigma em saúde é contemplado em uma das categorias que se fundamenta a Metodologia da Maraca. Pois, debruça-se a escuta sensível diante dos mestres indígenas que a vida

¹⁶ A palavra é originada do latim *mentem* e significa "pensar, conhecer, entender". Porém, ela também pode ter o significado de medir, ponderar, visto que, com as habilidades que ela possui, ela pode avaliar o peso e as consequências dos pensamentos.

nos coloca, em torno da educação e ancestralidade, sendo de fundamental importância para proposição desta proposta de metodologia em saúde.

De acordo com Araújo (2017), as anotações do diário de campo com as relações emergentes para futura construção da escola em saúde indígena. Nessa perspectiva, segue a percepção de Wakay para materialização desta proposta de intervenção,

Falando sobre as ações nas escolas e na Reserva Thafené. Levamos pintura corporal, explicando o corpo como é o corpo contemporâneo, preservando nossas pinturas, mantendo nossas pinturas de onde ela sai do mineral, do vegetal. Diante de tudo isso elas têm sua representatividade não somente de se pintar, mas de se sentir mais forte e mais filho da mãe terra pelo cantar, pelo pintar, pelo dançar. Esses movimentos, utilizamos como atos sagrados, que hoje levam ao princípio dentro de uma performance atrativa, diante disso mantendo essa relação positiva com a natureza. Entrando de uma forma, e uma civilização não só é interessante expor e vender o artesanato, recolher o kg do alimento, e ganhar esse dinheiro, e voltar para a casa. Nos representantes da Reserva Thafené, os povos Kariri xocó e Fulni-ô, viemos a mais de 30 anos, nos colocando e colocando os princípios sempre à frente de todos os trabalhos. Diante de tudo isto oferecendo nossos trabalhos em 1 hora e ½ a 2 horas levando o conhecimento dos antigos, a importância das artes, como o arco e flecha, a zarabatana, uma maraca. Esses saberes e práticas são passados adiante para as crianças das escolas, de maneira conjunta, juntos. Anos fazendo isso. Essa Arte de viver, é junção do sagrado e reverência das nações diversas. Os custos desses trabalhos variam, mas sempre se negocia, sabemos que tem variação de condições dos locais que levamos essas propostas, há dificuldades dos dois lados, o lado complexo existe dos dois lados. Mesmo levando esses conhecimentos para uma civilização que tem vários mecanismos. A luta é de acordo como lema educar e reeducar, o lema é educar, e o que fazemos temos que repetir todos os dias, educar educando-se.

A importância diante desses desafios é levar essa arte o mais viva possível. Fortalecendo o lema com a importância de levar adiante a cultura, pela educação e autoeducação, todos nós nos educamos juntos. Tendo que sair do contexto dos anos de invasão e manter nossos ancestrais vivos, respeitando as diferenças dos demais. Respeitando às diversidades (WAKAY, 2016).

Refletindo nesta abordagem, é importante destacar o sentido da educação e da vida dado por Wakay, em que à expressão educação e autoeducação, é de se reeducar ao mundo, cuja intenção se volta à justaposição entre ser humano, natureza e sociedade (ARAÚJO, 2017). De acordo com as anotações em diário de campo.

Isto colocado tacitamente, ou desvelada pelas vias da educação formal, de maneira a compreendermos nossa existência sem dicotomizar as relações experienciais e do campo da sensibilidade.

Assim, educação se fundamenta por um sistema indígena para analisarmos o paradigma vigente em produção e difusão do conhecimento brasileiro. Essa análise busca inserir esse olhar como proposta educacional nas vias científicas, de vida e de relações gerais, fortalecendo o novo agir latente, que é articulado com a natureza, agregando importância aos novos olhares para a saúde, condição humana consequentemente para a humanidade. Outro ponto relevante é por ser uma proposta de metodologia baseada em um sistema cultural e social inclusivo, colaborativo, multirreferencial e complexo que é os modos operandi indígena.

5 FOGO

5.1 AS CHAMAS DAS ERVAS E PLANTAS

Neste capítulo podemos analisar que com a crise da saúde, surgem novos paradigmas inicialmente nomeados como Medicinas Alternativas, que de acordo com Luz (2007, p. 51), se incluem não apenas as medicinas tradicionais das culturas nacionais (ou mesmo regionais), como também as medicinas tradicionais provindas do Oriente e a medicina homeopática.

Adotamos nesta investigação a nomenclatura Medicina Complementar à Saúde entendendo que para atuarmos pelo viés da adoção de estilos de vida para promoção da saúde, os meios de melhoria da condição humana que transcorre pela forma complementar, agregando valores como possibilidades de pensar os corpos de forma integral e integrada nos princípios dos direitos humanos.

Vale ressaltar que, as diretrizes da Política de Promoção da Saúde do Brasil (2006) no seu inciso I, reconhecem na promoção da saúde uma parte fundamental da busca da equidade, da melhoria da qualidade de vida.

De acordo como Ministério da Saúde (MS) (2007), esta política, traz em seu objetivo geral a necessidade de promover a qualidade de vida e reduzir vulnerabilidade e riscos à saúde relacionados aos seus determinantes e condicionantes modos de viver, condições de trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura acesso a bens e serviços essenciais.



Figura 11: Fogueira realizada no dia da pintura corporal pelo Jenipapo
Fonte: Elaboração própria (2017).

Desta forma, a energia da planta para o equilíbrio da alma, a Fitoenergética, é adicionada a esta proposta de estudo na possibilidade de dar suporte no caminho da

expansão da consciência para autocura. A fitoterapia traz sua abordagem por ser utilizada na Medicina Tradicional Indígena das etnias observadas.

5.2 FITOTERAPIA

Em alguns países da América do Sul com os processos de colonização e uso do trabalho escravo nas fazendas e nos centros urbanos, muitas das práticas em medicina tradicional indígena se fizeram presente. Assim, o uso das ervas e plantas eram feitos pelo seu princípio ativo, sendo preparados chás, garrafadas e remédios. Segundo Luz (2007), a própria natureza oferece os meios para o restabelecimento ou cura, mediante recurso terapêutico que a cultura Ocidental denominou de *fitoterapia*.

De acordo com Bruning (2012), fitoterapia é o uso de plantas medicinais que fazem parte da prática da medicina popular, constituindo um conjunto de saberes internalizados nos diversos usuários e praticantes, especialmente pela tradição oral.

Neste capítulo estamos abordando como atua a fitoterapia na aldeia e reserva pelos povos indígenas, que fazem parte deste estudo, bem como caracterização de ervas, plantas e processos de feitura e utilização de acordo às patologias.

A ciência assume uma realidade externa "lá fora", existindo independentemente de qualquer observador. Portanto, o universo é independente da mente humana, assim como nossas mentes concebem as construções teóricas da ciência. Isso soa como bom senso. As pessoas podem ficar confusas: "Uma árvore que cai na floresta emite um som se ninguém está por perto para ouvi-la?" (TRABALHADORES DA LUZ, 2019).

5.3 FITOENERGÉTICA

A Medicina Tradicional Indígena, em grande parte da utilização de ervas e plantas, faz as referências aos deuses, a exemplo: Tupã, Mãe Terra, a lua (Jaci), o ar, sol (Guaraci), as matas, as águas entre outros, dessa forma percebemos a utilização do princípio ativo, e também a utilização para cura do corpo e da alma.

Dessa forma, trazemos as discussões no campo da fitoenergética visando discutir a matriz indígena e o universalismo em saúde e sua promoção. É importante destacar, que nesse contexto, trazemos o universalismo como forma de desenvolver

a consciência sem dogmas ou paradigmas, pois a proposta é procurar unir sabedoria, do Oriente ao Ocidente, a ciência e a espiritualidade, aproveitando tudo que é bom, sem preconceitos e determinismos. Pois, na ótica de Gimenes (2013), “É o mesmo que dizer que a melhor religião é a do coração, e a melhor filosofia é a de fazer o bem, com simplicidade, leveza e amorosidade.”

Diante do exposto, a ancestralidade indígena e sua medicina nos permite estudar como a energia das plantas e ervas nos curam biologicamente e mental/espiritualmente/áurico nos padrões energéticos das matas e seus (plu) riversos.

Ao pensar esta prática, que fora utilizada milenarmente pelos sábios Xamãs, Hindus, Atlantes e Celtas temos a reflexão que sua utilização, mesmo em atendimento individual, a passagem da elevação do padrão vibratório do universo acontece, e através da saúde restaurada, alia aos processos da gratidão, da felicidade e da prosperidade num ensinamento em que, um mais um, é sempre mais que dois.

Consequentemente desabrocha a "concretude" pelos indígenas nas suas práticas sistêmicas. A fitoenergética, segundo Gimenes (2016), é a aplicação da energia das plantas e dos vegetais, no tratamento do campo vibracional das pessoas, trazendo cura para diversas doenças, equilíbrio das emoções e aumento no nível de consciência. A fitoenergia é propriedades vibracionais (energéticas) das plantas, com um padrão curativo para os seres vivos, ajudando no equilíbrio do nosso campo energético.

Nesta seção buscamos as relações multirreferenciais para análise e construção das rodas sistêmicas de cura indígena, a fim de contribuir para reafirmar a importância das terapias holísticas complementares à saúde, como proposta de formação de uma nova sociedade mais colaborativa, humana e saudável.

Nota-se que além da beleza do ver e sentir, as matas, além das tarefas na fotossíntese que as plantas realizam, as mesmas têm um lado de utilização para a cura de enfermidades e doenças. Lembrando que muitos dos medicamentos alopatas têm origem no princípio ativo de muitas plantas e ervas.

Após experimentar diversos contextos com as vivências da Medicina Tradicional Indígena me pus a pensar: como poderei contribuir para minha autocura e da minha família? E das pessoas que veem meus resultados e seguem o que fazemos? Esses questionamentos se fizeram, mesmo já cuidando de mim, das

filhas e filho com os meios naturais e homeopáticos, e diga de passagem, com muito sucesso e excelentes resultados.

Vale ressaltar que durante esses anos ouvi muitas perguntas referentes se esse método funciona, ou se estava “louca” em optar em cuidar das crianças através desse processo tão rudimentar. As experiências mostravam o contrário, pois, como observo a natureza, via as receitas de minha avó trazer o equilíbrio e saúde em diversos aspectos e momentos de diferentes doenças.

Notadamente, as pouquíssimas necessidades na utilização da medicina alopata foram com um olhar compreendendo que existe um lado bom em tudo na vida, como em mim e em você, como também existe o lado não muito grato em tudo e em todos, pois a medicina alopata tem sua contribuição significativa em vários momentos das vidas dos seres humanos, assim não podemos desconsiderar.

Então, diante da não melhora em diversas queixas, e em diversos casos, a sugestão foi buscar um caminho já criado, com uma egrégora de “cura” e, ao mesmo tempo, que preserve as origens e potencialidades das matas, bem como referenciados pelo viés científico, protegendo algumas experiências que não cabia relatar nessas linhas, por isso, buscou-se a Fitoenergética para atuar em paralelo à pesquisa sem infringir as leis das etnias estudadas.

É importante enfatizar que essa preocupação se deu por acreditar que existem aprendizados na Medicina Tradicional Indígena que, pela falta de entendimento do contexto globalizado da sociedade, precisa ser preservado. E que, eu mesma autorizada pelas etnias, não poderia actuar com esses conhecimentos na essência. Porém, dentro desse contexto, a fitoenergética chega a nossas vidas para, a partir dessas duas bases de saberes: conhecimentos e práticas, nos possibilitar propor o Método da Maraca e Posteriormente a Metodologia da Maraca.

Assim, a fitoenergética atua com a expansão da consciência e mudança do comportamento para a melhoria da condição humana pela energia das plantas, analisadas pelas polaridades que as mesmas possuem. Essas polaridades são chamadas de caráter fitoenergético.



Figura 12: Fabricação da tinta/pigmento do Jenipapo na Reserva Thá-fhene

Fonte: Elaboração própria (2020)

Desse modo, um dos processos realizados pelos indígenas são as pinturas corporais que são feitas pelos extratos de ervas e sementes. Na figura 12, o extrato foi retirado com uma ritualística própria por indígenas da etnia Kariri- Xocó por meio do jenipapo, das pedras e do fogo. Esse pigmento é utilizado nas pinturas corporais e ficam no corpo humano visivelmente na estimativa de 15 a 25 dias. Esse sumo traz bênçãos que atuam nos diversos corpos, trazendo desta forma a relação com o uso da energia sutil pela fitoenergética. Além do jenipapo, se utiliza carvão vegetal, urucum e argila.

É importante saber que a fitoenergética difere da fitoterapia, ela tem uma abordagem diferenciada, pois atua com as propriedades vibracionais das plantas, ou seja, há energias sutis contidos nelas e, a partir dos nossos centros energéticos e suas glândulas correspondentes, essa energia equilibra nossos corpos. Nesta análise, Guimenes (2017, p. 37) relata que,

A fitoenergética estuda a influência dos vegetais sobre a anatomia sutil dos seres vivos e busca compreender como essa influência pode agir positivamente no campo energético de cada ser vivo, atuando nas causas geradoras de doenças, porque, na grande maioria dos casos, a doença ocorre primeiramente no campo sutil, para depois refletir no físico. Como é aí que a vibração dos vegetais atua, a harmonização ocorre pela combinação de plantas que podem reestabelecer sintonia da mesma vibração na qual o campo energético está debilitado, não permitindo que a doença se perpetue.

Logo, esse tratamento nos possibilita compreender e verificar, na raiz do problema, quais as causas das doenças e/ou sintomas, tanto em seres humanos

quanto em animais. Assim, se adota nesta perspectiva as possibilidades de análises nos diversos corpos que formam esses seres, suas diferentes frequências e composições energéticas. Desse modo, a energia sutil das plantas desobstruirá os bloqueios energéticos que impedem a passagem do fluxo natural da energia vital.

Certamente, diante de muitas visões em torno das curas naturais, caracterizam como sistemas de cura nos quais a integração ou harmonia homem-natureza, e natureza-cultura é um sinônimo do que designaríamos em nossa cultura, de equilíbrio para indivíduos e, garantia de saúde para a comunidade (LUZ, 2007, p. 54).

É relevante considerar que os valores da sociedade atual se fundamentam em possuir bens materiais e medicalizar os corpos para essa busca desenfreada. Isto, no tempo gregoriano que a cada dia dá-se a impressão de está menor, impossibilitando de desenvolver todas as tarefas que nos são postas nos diversos lugares de atuação e/ou permanência. Por isso, essa tendência atual nos impossibilita de pensarmos no que gostaríamos de fazer, de ser, de estar e das possibilidades reais de viver o ócio, como possibilidade criativa e de descanso.

Portanto, momentos que nos afastam da nossa essência, pois tudo à nossa volta parece estar estruturada com as novas tecnologias para vencermos nossos desafios, seja ele em que setor for. Isso nos fazendo acreditar num corpo vivente, apenas neste momento presente, e que praticamente é reorganizado pelos valores individualistas e do capital.

Logo,

É preciso compreender, entretanto, que o cultivo desses valores, e a atribuição dos sentidos e significados às atividades exercidas pelos praticantes relacionam-se com o que fazem na sociedade e, sobretudo, com o lugar simbólico que ocupam na cultura contemporânea (LUZ, 2007 p. 159).

Desse ponto de vista, argumentar a autocura por esse sistema é valorizar a diversidade de sentidos e significados, onde o ser humano passa a ser coadjuvante no caminho para seu reestabelecimento da saúde. Um processo de educação e saúde com impacto nos valores atuais dominantes em torno dos processos de saúde-doença.

Nessa perspectiva, os processos de utilização da fitoenergética, construído por Bruno Guimenes e desenvolvido pela Luz da Serra, podem ser ministrados por várias formas de utilização como: chás (infusão a frio, infusão solar ou infusão em

água quente), spray, sachês, banhos, mandalas, corredor fitoenergético, sucos, temperos, sopas e caldos alimentares, saladas, compressas, inalação, vaporização todos baseadas no foco mental, concentração e intenção.

De acordo com as anotações realizadas no curso de formação em fitoenergética, para Araújo (2016), todas as partes das plantas são utilizadas, pois, o uso é da energia, assim, são utilizadas raiz, caule, folhas, fruta ou flor. As partes das plantas que armazenam maior nível de energia são a flor e a fruta. Talos e raízes possuem a mesma frequência, mas com menor nível de energia. Porém, se a técnica de Fitoalquimia¹⁷ for aplicada com precisão, todas as partes tornam-se igualmente energizadas, o que facilita tudo.

Por conseguinte, disseminar uma visão de autocura pelas ervas e plantas medicinais, no tempo em que a indústria da doença é quem dita a maioria das normas no campo da saúde, atuando como fazedora de produtos como: medicamentos, alimentos, bebidas, opções de lazer, enfim construtora dos conhecimentos e práticas que dominam midiaticamente a vida das pessoas, é um enorme desafio.

Porém, muitos seres humanos estão na busca da melhoria da qualidade de vida e promoção da saúde, e mesmo diante de um bombardeio das diversas visões reducionistas, a fitoenergética nos liberta para vivermos o melhor de nós.

Nesse sentido, pensar viver o melhor de nós, estar relacionado a nossa estrutura corporal, devendo ser entendido pela formação harmoniosa de todos os corpos: o etérico, o emocional, o mental, o astral, o celestial e o corpo espiritual, que segundo Guimenes (2016, p. 55-56),

São tantos os desafios da humanidade com respeito à missão de cada um, às necessidades de evolução e à cura das mazelas da alma que aprofundamos a linha de estudo dos chacras sob o ponto de vista das causas geradoras de doenças associadas aos pensamentos e sentimentos que podem desestabilizá-las. Contudo, deixamos em segundo plano o foco na compreensão de que os chacras principais são portais para sete níveis de consciência que devem ser despertados nos momentos propícios, no decorrer das sucessivas existências. Cada chacra, ou portal de consciência, carrega consigo uma missão, que é uma tarefa bem específica para ser desempenhada.

¹⁷ Processo de potencialização do poder oculto das ervas medicinais e plantas, realizado pela intenção da energia vital e mental que produzem um gerador de alta frequência. Sendo um alicerce para a atuação da fitoenergética, que ocorre pela aplicação da luz verde e prata.

Assim, a energia sutil das ervas e plantas medicinais, nesta proposta, atua equilibrando esses centros de energia, que são dispostos em cada camada do campo áurico. Florescendo em nosso conhecimento Brennan, nos diz que as camadas estruturadas contêm todas as formas que o corpo físico possui, incluindo os órgãos internos, os vasos sanguíneos, etc., e formas adicionais, que o corpo físico não contém (BRENNAN, 2018, p. 83).

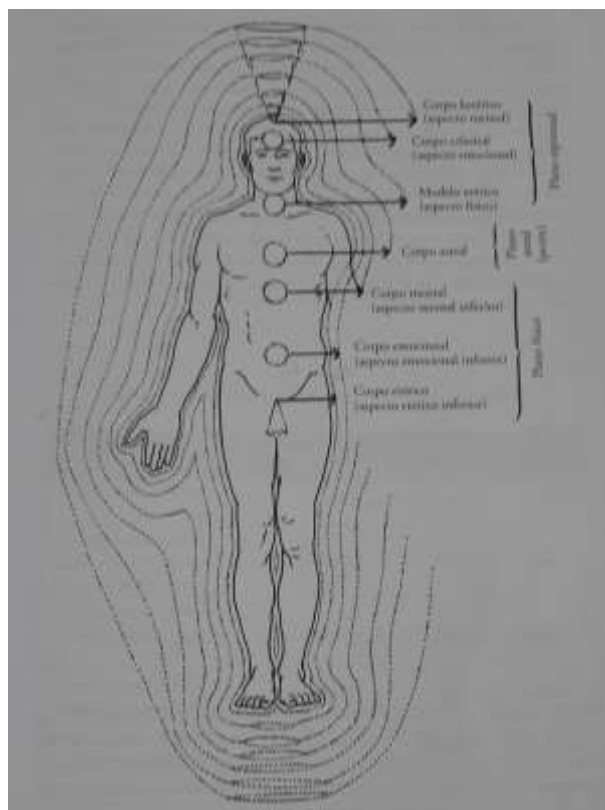


Figura 13: O sistema de sete camadas do corpo áurico (diagnóstico por imagem), retirado do livro *Mãos de Luz - um guia para cura através do campo de energia humano*

Fonte: Brennan (2018).

Desse modo, um tratamento fitoenergético adequado, não faz com que o ser humano perca sua identidade, sua percepção de realidade, pois, na verdade, ele equilibra os centros de energia situados nessas sete camadas e através de quatro formas/tipos que foram estudadas e classificadas, os vegetais encaminham a autocura.

Assim, os vegetais são classificados como condutor, nivelador, físico e puro, onde são selecionados, de acordo com cada pessoa, cada doença e /ou queixa, agindo no composto fitoenergético, trazendo força e confiança para a pessoa evoluir

em suas especificidades e individualidades, fortalecendo o seu mundo das emoções e sentimentos, na causa do problema. Pois, segundo Guimenes, (2017, p. 40), “A Fitoenergética cria um universo de possibilidades ilimitadas que a torna uma poderosa ferramenta auxiliar para a medicina ocidental expandir sua atuação.” Nesse sentido, evidencia a Fitoenergética como potencial caminho para autocura, para expansão da consciência e adoção de um estilo de vida compatível com a colaboração, coletividade, anseios de sustentabilidade pessoal, local, ambiental e planetária.

Vale a pena ressaltar, que é basilar a imersão dos elementos fundantes onde são imbricados, em uma harmonia e sincronicidade com a saúde, espiritualidade e natureza rompendo com os dogmas religiosos e crenças limitantes que impossibilitam de sermos quem desejamos ser, livres de medos e culpas, mas abertos a compreender nossos desafios e transpô-los em consonância e vitalidade com a fonte criadora do universo.

Desse modo, favorecer um olhar para si e relativizar, mediante uma abordagem multidimensional, se faz necessário nos caminhos da busca da causa de doenças e caminhos de curar-se para,

Situar a si, ator-sujeito, em relação aos seus próprios valores, a suas projeções, a sua história pessoal e social: em relação às outras pessoas em reconhecendo e deixando o lugar delas e guardando o seu; em relação às estruturas e mecanismos de funcionamento coletivo dos grupos e das instituições (KONH, 2016, p. 112).

Portanto, um novo olhar para se buscar e construir uma melhor condição humana, relacionada ao poder curativo das ervas medicinais e plantas, é adotar um novo olhar e nova forma de se perceber. É admitir que somos um, e que a sabedoria divina existe, não apenas nas plantas, mas também em nós. Além disso, é saber que metas e objetivos cumpridos, ou não, podem ser reconfigurados, tanto que o projete a um melhor bem-estar, a um elevado estado de espírito sabendo que nossos pensamentos criam a nossa realidade, devendo ser compreendidas pelas maneiras que atuamos, segundo Cândido e Guimenes,

Taxa de entrada é tudo aquilo que você recebe: todos os estímulos externos que vêm do ambiente no qual você vive, das pessoas, da mídia e de todos os lugares que sua atenção estiver focada. Já a taxa de saída é o que você produz com base no que recebe. (CÂNDIDO; GUIMENES, 2017, p. 56).

Nessa perspectiva, desvelar o ser-sendo, em promoção da saúde, pela energia vital das ervas medicinais, é uma complexidade da totalidade humana onde as partes são revistas e incluídas tanto o não aceitável (mas honrado/visto), bem como o transcendente que projeta a um novo modo de ser-sendo, com a boa saúde em harmonia consigo e com o todo. Portanto, é um olhar de se observar, o que seu corpo diz, quais sentimentos e sensações você está vivendo. É ser pesquisador cotidianamente, ligando as causas emocionais o seu linguagem na vida, observando não somente dados clínicos nos fatores de normalidade, pois, saúde é um estado de plenitude, de felicidade.

Porquanto, esse equilíbrio da energia vital das plantas que no organiza e harmoniza é a partir de nossos centros energéticos chamados tchacrás¹⁸, a qual sua vibração potencializa as funções de cada centro energético.

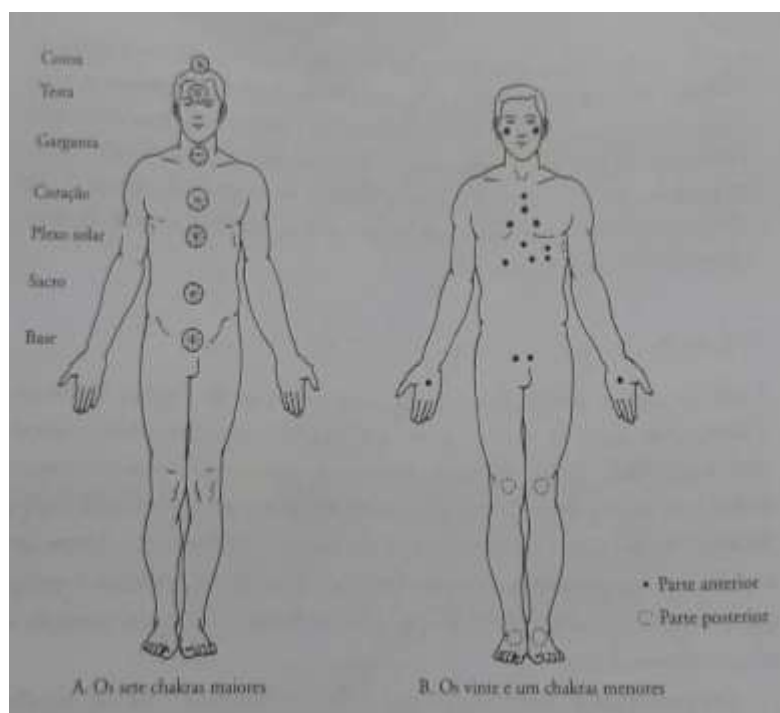


Figura 14: Localização dos chakras (diagnóstico por imagem), retirado do livro *Mãos de Luz- um guia para cura através do campo de energia humano*
 Fonte: Breniani (2018).

¹⁸ Rodas de energias luminosas que são cones energéticos trazidos pelas escrituras sagradas da Índia. Tem a função de captar energia e distribuir de campo para campo, abastecendo as glândulas e fazendo que as mesmas atuem na vibração e frequência necessária para produção de enzimas, hormônios, sais minerais e outras substâncias de acordo a cada glândula e função. Os principais são sete e em perfeito funcionamento e processamento de energia nossas capacidades vitais são potencializadas.

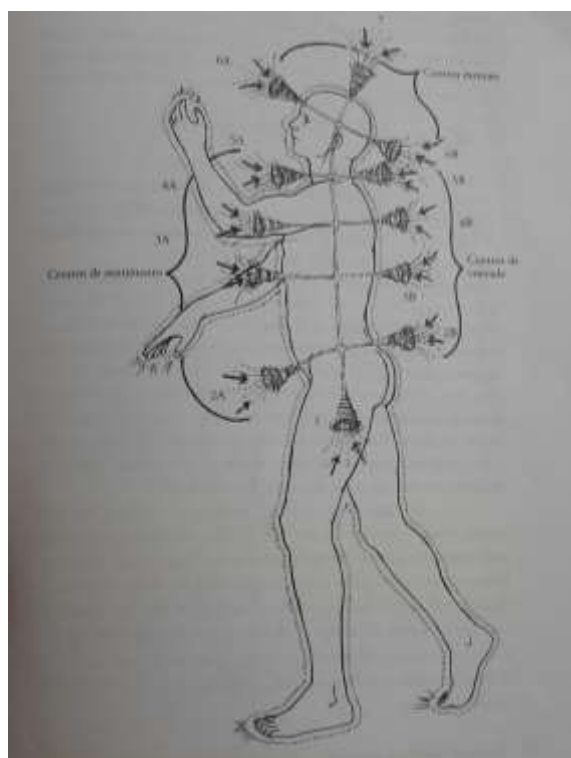


Figura 15: Os sete tchacras, vistos de frente e de costas (diagnóstico por imagem), retirado do livro *Mãos de Luz- um guia para cura através do campo de energia humana*

Fonte: Brennan (2018).

Diante de diversos estudos, esses tchacras estão localizados no corpo humano De acordo com disposição glandular, onde faz movimentos horário e anti-horário visando equilibrar o metabolismo energético e funcionalidade das glândulas e seus hormônios secretores.

Segue uma tabela construída por Brennan (2018), a qual nos permite analisar os pontos energéticos e os desdobramentos relacionados aos hormônios e funções glandulares.

CHAKRA	Nº DE PEQUENOS VÓRTICES	GLÂNDULA ENDÓCRINA	ÁREA DO CORPO GOVERNADA
7 - Coroa	972 Branco-Violeta	Pineal	Cérebro superior. Olho direito
6 - Cabeça	96 Anil	Pituitária	Cérebro inferior. Olho esquerdo, Ouvidos, Nariz, Sistema nervoso

5 - Garganta	16 Azul	Tireoide	Aparelho brônquico e vocal. Pulmões, Canal alimentar
4 – Coração	12 Verde	Timo	Coração, Sangue, Nervo vago, Sistema circulatório
3 – Plexo solar	10 Amarelo	Pâncreas	Estômago, Fígado, Vesícula biliar, Sistema nervoso
2 – Sacro	8 Laranja	Gônadas	Sistema reprodutor
1 – Base	4 Vermelho	Glândulas suprarrenais	Coluna vertebral, Rins

Figura 16: Os tchakras maiores e a área do corpo que eles atuam, retirado do livro *Mãos de Luz- um guia para cura através do campo de energia humana*. Adaptado o designer da tabela pela autora, onde cada cor está relacionada a cor energética do tchakra
Fonte: Brennan (2018).

Pelo exposto, verifica-se a importância de analisar o termo transmissão que independente da sazonalidade, é frequentemente utilizado no campo da saúde, afim de evidenciar as condutas básicas que norteiam o pensar saúde-doença. Segundo Rouquayrol e Zélia Filho (1999, p. 222-223),

Termo empregado em ciências e tecnologias várias, transmitir significa levar ou fazer passar algo de um ponto a outro. Esse algo é um ente dotado de certa imaterialidade, como são os sinais, as mensagens, as formas de energia, as doenças ou mesmos entes abstratos, como o pensamento, por exemplo. A compreensão do fenômeno denotado pelo verbo “transmitir” fica na dependência do conhecimento das respostas para as seguintes questões: O quê? De onde? Para quê? Por que meios? Transmite-se algo de uma fonte para um receptor, utilizando-se de meios materiais para o transporte. O “termo” transmissão, no seu emprego em epidemiologia e em clínica raramente vem isolado, estando, quase sempre, vinculado a um complemento que especifica aquilo que está sendo transmitido. São exemplos as expressões “transmissão de agente infeccioso” e “transmissão de doença”.

Desse modo, analisar o termo transmissão, em consonância com as etnias indígenas vivenciadas no contexto da Fitoenergética, nos remete a trazer as explanações da vivência da Roda de Cura pelas ervas sagradas, por Wakay e Kwayá segundo anotações de campo de Araújo (2019),

As passagens para a cura são dentro do perfil da tradição e não da religião. Ninguém é muleta do outro, cada um tem seu papel. Cada um tem memória, história e tradição. Despertar da essência, por meio dos vínculos, elos que as pessoas têm com os reinos: vegetal, mineral, animal, aquático, em relação com os horizontes. Esses elos/transmissões se ampliam no mundo físico, articulados com os vários princípios dos símbolos sagrados. A alma é chamada guardião. Ninguém tem a fonte atrás, mas lado a lado. Um com o outro. Transmitindo amor e cura. A matriz são os elos seus transmitidos em harmonia natureza, alma tem natureza. Ou a matriz – fast food, desânimo? Também é uma transmissão. E concluo: nós temos a escolha de como viver. Consciência da matriz ancestral, de onde vem. A força jovem está dentro de nós como na planta. Tudo se faz de maneira viva e deve ser transmitido e retransmitido, passado e repassado, mas vivido desde as perguntas da data nascimento, filhos, origem, de onde é, pais, sobrenome, relações familiares entre outros. O olhar e ação é de quem observa a saúde da vida, pois fazer-sentir permite olhar que o gelo também é quente também queima.

Para além do racionalizar os breves caminhos da medicina vigente, colocada pela epidemiologia, transborda a indicação de viver buscando interagir com o campo permeando os conceitos e perspectivas no paradigma da saúde-vitalidade.

Atuar com a autocura pela fitoenergética é indicar os procedimentos a serem adotados com a energia das plantas e ervas medicinais em ação direta com os chacras. Essa indicação é importante, poi de acordo Stibal (2019):

Os centros de energia se encontram ao longo do eixo da coluna vertebral como potenciais de consciência. Curiosamente, cada um deles se correlaciona com terminações nervosas principais, ramificando-se para fora da coluna vertebral. Os sentidos psíquicos residem dentro desses vórtices giratórios de energias. O conceito de chacras, ou “centros de energia” no corpo, permeia, de alguma forma muitas culturas ao redor do mundo. No entanto, nenhuma cultura desenvolveu a ideia tanto quanto a filosofia tântrica e a Yoga do Hindu. Não pensem que os chacras estejam localizados no corpo físico, mas sim no corpo áurico. Eles são depósitos de energias intuitivas (STIBAL, 2019, p. 44).

Vale ressaltar que o sistema de cuidado e promoção da saúde pela Fitoenergética, é simples, de fácil utilização, com um campo que utiliza a diversidade de 117 plantas e ervas medicinais catalogadas, podendo ser prescritas, nos possibilitando viver melhor, transpondo as barreiras da doença/queixa em harmonia amorosa com o nosso “EU”. Porém, o processo de análise é individualizado, e as orientações são baseadas em todo contexto circundante da pessoa. Das partes para o todo, como é a proposta holística. Assim, Guimenes (2017), nos esclarece, que é importante,

Precisamos observar mais a natureza, aprender com os ciclos da vida e compreender definitivamente que a nossa alma é imortal. As características individuais do nosso modo de agir e de reagir são as tendências que já

trazemos latentes conosco (não morrem) e que, no confronto com as situações da vida terrena, passam a manifestar-se. São modos de pensar, de sentir e de expressar-se que trazemos em nossos corpos energéticos, que nos caracterizam e que já nascem conosco. Nós não formamos uma personalidade, nós a revelamos. Somos um ser de vários corpos, sendo o físico o único facilmente visível, por isso parece que apenas ele existe. Nossa meta é aprender a curar essa personalidade congênita e os vegetais podem muito bem contribuir nessa tarefa. (GUIMENES, 2017, p. 106)

6 VIDA

6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA MANDALA/CONSTELAÇÃO FITO GALÁCTICA

Almeja-se por melhor qualidade de vida e saúde para a humanidade imbricadas no campo da saúde quântica, respaldado pela ressonância mórfica e leis da natureza em sintonicidade cósmica. Por isso, busca-se proporcionar reflexões e práticas por meio de hábitos saudáveis e novos fazeres para uma melhor condição humana. Tudo pensado de maneira a atuar em harmonia com a natureza e suas leis.

Haja vista, o processo saúde-doença, para além do modelo biomédico, precisa também ser visto socioculturalmente, incluindo as multidimensões e subjetividades envolvidas, permitindo a ampliação de práticas e cuidados, tanto para os profissionais da saúde quanto para as pessoas assistidas, vistas como sujeitos ativos e protagonistas do seu processo saúde/doença (AMADIGI *et al.*, 2009).

Dessa maneira, ao deparar com tamanha vontade de acertar e aproveitar os acontecidos em nossas vidas, refazendo, lembrando o elo do “EU” com o todo, trazem-se as discussões em torno da serendipidade como fenômeno amplo multifacetado, que poderíamos intitulá-lo de “feliz acidente”. Ou uma descoberta fortuita e não planejada. Podendo também ser derivado de sorte, providência ou acaso ou sintonismo de vários casos.

É importante salientar que os japoneses criam conhecimento sem processar a informação. Isso acontece pela criação de ambientes que cultivam a serendipidade. Será pela promoção da saúde? Ou pela obsCURAação¹⁹ da vida com foco na produção sistêmica em saúde? Ou produção sustentadora da medicina hegemônica?

Assim, aquilo que acontece ou é descoberto por acaso, de modo imprevisto, inesperado, chamamos de serendipidade. Na etimologia (origem da palavra serendipidade). Do inglês serendipity 'ato de descobrir coisas boas por acaso'. Oxford Dictionary (2018), faculdade de fazer descobertas felizes e inesperadas por

¹⁹ Termo empregado para chamar atenção dos caminhos que as vezes trazem nomenclaturas emancipadoras e que promovem saúde, mas que depende do processo de cuidado e escolhas pessoais. Sempre na tentativa de agregar escolhas que promovam nossos processos de cura. Nutrindo a cadeia energética de que toda cura é autocura e que alimenta a roda da vida interpessoal e interplanetária.

acidente. De acordo com *Webster's Collegiate Dictionary* (2019), faculdade de encontrar coisas valiosas ou agradáveis não procuradas.

Logo, pode ser sinônimo de felicidade, habilidade, característica de proatividade,

Só os ativos conseguem entendê-las. É ver, observar situações significativas que outros não veem. O acaso favorece a mente preparada (LOUIS PASTEUR, 1822-1896).

Desta forma ao conviver com a Medicina tradicional Indígena e seus processos ancestrais, culturais e da autocura, é vivenciar ricos momento serendipes em um tempo kairós²⁰ e seus desdobramentos, transversalizando em diferentes contextos da saúde, da educação, da física, da espiritualidade nas dualidades temporais de cronos e do próprio kairós.

Nesse sentido,

É preciso praticar, exercitar e atualizar a potência que vocês têm de se aproximarem não apenas no nível físico, mas também no âmbito da Alma, não apenas na 3D, mas também multidimensionalmente. Lembrem-se que cada um de vocês é uma unidade múltipla, como fractais, que estão aqui e agora, como também em outros Universos Harmônicos, conectados por energias cada vez mais sutis e que se se dispuserem a alcançar qualidades que são suas, em outros planos, é possível. [...] trabalhar a sincronicidade – aliás, se pensarmos que estamos trabalhando dimensões para além da 3D, este termo não é apropriado; vamos falar em sinkairoscidade (o estar conectado com o Outro no tempo kairós, no tempo da Alma, como vimos anteriormente) – e a percepção extra-sensorial (Canalização de Metatron, realizado por Terezinha Fróes, em 26.05.2019)

Portanto, uma das chaves que impedem a melhoria da condição humana, são os modos de vida regidos pelo estresse, cada vez mais as responsabilidades impostas pelas novas tecnologias que plastifica os modos de agir, perceber, sentir e transcender. Tudo isso em cobranças estruturadas pelo tempo do homem, o cronológico/gregoriano.

A grande parcela dos seres humanos, em busca da grande aventura de se realizar e ser feliz, escolhe a corrida pela ascensão social e econômica descontroladamente onde esse desejo se instaura, perpetuando um esquecimento da fonte do “EU” em desarmonia com o todo.

²⁰ O tempo Kairós é tempo da alma (MENSAGEM 20190526 08:08, Rede LuAmPa). Em Heráclito, ideia de tempo associada ao “momento oportuno” o “cavalo encilhado só passa uma vez”.

Assim, as possibilidades de doenças aumentam absurdamente e com baixo poder de percepção pessoal, mesmo que inconsciente, são jogados na roda da vida com propósitos distorcidos e distante da nossa essência em SER verdadeiramente feliz.

Nessa perspectiva,

A chave mestra para a Serendipidade está, portanto, no fato de que devemos primeiro plantar em condições probatórias aquilo que desejamos colher mais adiante. Se o plantio for consistente e multidimensional, a Lei do Universo fará o resto. (MERTON; BARBER, 2004, p. 6).

É importante ressaltar que o Filósofo Stuart Mill (2005), afirmava que é o mais alto grau de desenvolvimento e vem da fórmula individualidade+diversidade=originalidade.

Logo, escolhe-se para embasar esta proposta a serendipidade e a sinkairosidade pelas interfaces das mesmas com a criatividade, poder pessoal e felicidade nas escolhas, baseadas no livre arbítrio e autonomia, bem como, por ser utilizado na área das ciências sociais por Merton, um dos sociólogos mais influentes do século XX.

Na busca da construção do conhecimento por essa Mandala/Constelação Fito Galáctica é pensar a gestão do conhecimento no poder interagir com o outro de forma generosa, no campo da igualdade e na percepção-atuante de promoção da saúde iniciática, nas relações humanas e nas suas amorosas trocas necessárias no ato de viver. Poder da escuta e fala. Dando espaço a todos, possibilitando as trocas, na continuidade (permanência e imenência Deleusiana), na observação, nos impulsos, nas experiências e nos insights, com o outro e com o que já vem sendo feito, retroalimentando o campo das grandes ideias e relações sociais.

Serendipidade é vista por fazer as conexões e inovar o que os outros não viram. Todos os casos de serendipidade vieram do ócio e de relaxamento. Hannah Arendt (2007) definiu o ócio como um momento em que o ser humano tem capacidade de transcender.

A representação na perspectiva de Mandala/Constelação Fito galáctica, vai além da produção do conhecimento, e se apropria das diversas possibilidades de difusão do mesmo e o reconhece como um bem público.

A Serendipidade nos traz a alusão nesta construção, na necessidade de interiorização que os seres humanos necessitam para a possibilidade de criação

criativa de novos conhecimentos, pela intuição pessoal e coletiva que é construída a todo instante na relação de existência enquanto corpo materializado e suas “verdades”, porém, articulado e alimentado nas diversas possibilidades de existências temporais, dimensionais e espaciais.

Outro aspecto fundamenta e que se tem encontrado nos últimos anos diversos estudos relacionados com a gestão dos conhecimentos, e estritamente neste, salienta de maneira léxica pelas diversas possibilidades de transduções com a etnia Fulni-ô, a qual se utiliza nos diversos campos de autocura em saúde, predominantemente o dialeto Yathé.

Estima-se a incursão da gestão do conhecimento segundo Nonaka e Takeuchi (1997), pelos seus estudos que envolve mudanças significativas no âmbito organizacional, estritamente no compartilhamento e a conversão do conhecimento tácito em explícito.

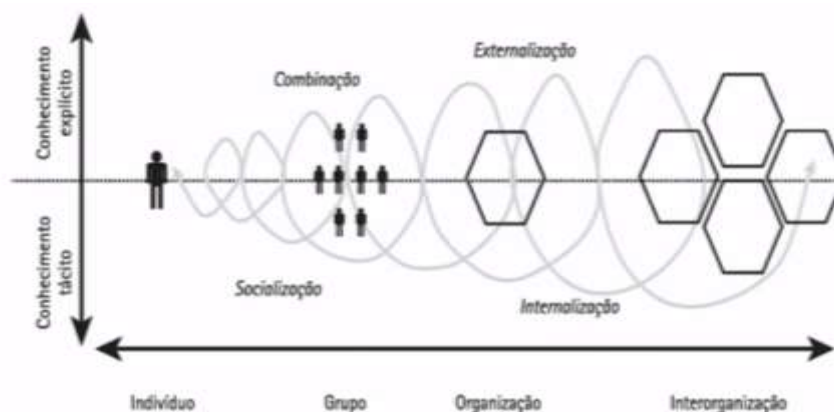


Figura 17: Espiral da criação do conhecimento

Fonte: Adaptado de Nonaka e Takeuchi (1997).

Neste processo, os ambientes de autocuras, materializados e etérios, nos possibilitaram tornar as práticas e leituras dos processos que foram instituídos, de forma gradual e colaborativamente, levando em conta as questões ancestrais, culturais e históricas em Medicina Tradicional Indígena, dando condições de contextualização diante da realidade complexa e multirreferencial desses desdobramentos que é cuidar e ser cuidado com um olhar universal do equilíbrio entre os corpos e a fonte criadora.

Desse modo, as ilustrações passo a passo abaixo, foram pensadas no sentido de tornar mais didático a apresentação da Mandala/Constelação Fito Galáctica, favorecendo a compreensão e possibilidades paradoxais do pensar a sociedade de

forma saudável, distante da posição positivista-mecanicista, que sempre perpetua no campo da doença, ao invés da saúde e sua promoção.

Pensar o “EU SOU”, representada neste centro da imagem, traz a posição sociocêntrica da essência humana transcendente em si.



Figura 18: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 1- O “EU SOU”

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

Sendo assim, é pensar a possibilidade das relações formativas desse “EU SOU” articulada pela essência una com a fonte criadora, bem como pelos diversos aspectos que nos compõe: os físicos, os éticos, os estéticos, os políticos, os biológicos, os sociais, os espirituais, os psicológicos, coadjuvantes com nossos caracteres de alma, nossas escolhas e desafios.

Nesse sentido, esse “EU SOU” vem na possibilidade de ressignificar o ser humano e suas realidades com adoção de estilos de vida que o impulse a “insights”, que realmente possibilite, com o todo, acessar informações da individualidade presente nos corpos que o configura, e enuncia respostas diferentes ao que estamos sendo condicionados (as).

Desta forma, conceber novas respostas com intensidades harmônicas aos padrões vibratórios, articulados com a natureza e em níveis de frequência do não condicionamento humano. Assim, sair do padrão vigente que nos conduz a um distanciamento da própria origem ancestral, da causa mãe de doenças cuidando simplesmente do corpo manifestado materialmente adoecido.

Portanto, o caminho do não condicionamento nos liberta, e essa relação de gestão do conhecimento e autocura, neste ponto, nos indica que esse estágio de modificação do bem-estar pessoal, é sair do ataque e defesa, e sim possibilitar, por meio da interação, se tornar um ser humano com uma maior evolução das consciências, conseqüentemente lidando de forma diferente com o todo, independente dos seres e reinos existentes no Planeta Terra, no Universo.

A expansão da consciência²¹ está imersa os saberes, as práticas, os conhecimentos nas diversas referências e instâncias do ser humano, em 1620, Francis Bacon publicou um manifesto científico intitulado *Novum Organum* [Novo Instrumento], no qual afirmou que “conhecimento é poder”. Os cientistas geralmente presumem que nenhuma teoria é 100% correta. Em consequência, a verdade não é um bom parâmetro de teste para o conhecimento. O parâmetro real é sua utilidade. Uma teoria que nos permite fazer coisas novas constitui conhecimento (HARARI, 2019).

Diante do exposto, o termo saberes nesta proposta, interliga ao “EU SOU” como ponto iniciático da Mandala Fito Galática, pela etimologia da palavra vinda de sabedoria, que tem origem do saber, vindo do latim *sapere*, com origem na palavra sabor, possibilitando desta forma a observação e aprendizagens da vida dos povos originários, pela busca constante pela experimentação, vivência, experiência e observação da/na natureza criativa como parte do desenvolvimento humano e cuidados em saúde.

Assim, percebe-se que a construção do conhecimento em medicina indígena é fortemente baseada naquilo que você experimenta, vive, contribuindo para acumulação de informações baseados na atenção, dedicação e presença desperta, para a partir da contemplação consciente internalizar pela perspectiva transcendente, os conhecimentos da mente “barulhenta” em sabedoria. Um despertar do organismo ancestral no equilíbrio dos corpos e cura da raiz das

²¹ “Significa começar a se tornar mais consciente em todos os níveis e em todos os aspectos da sua vida, não viver mais no piloto automático e não ceder mais o seu poder para os outros. Significa abrir-se, passo a passo, para a sua divindade, para o maravilhoso ser espiritual que você é enquanto vive uma experiência humana escolhida, escolha esta que foi feita antes da encarnação para aprender as lições que deseja na vida presente. Significa parar a loucura em sua vida, pelo menos em um período de tempo a cada dia, na meditação ou contemplação, com a finalidade de explorar o “Eu Real”. Comece a abrir-se para todas as possibilidades. Explore as maravilhas e a glória que estão contidas em você e ao seu redor, na natureza e em tudo o que você vê, sente e toca. Explore os entrelaçamentos e complexidade dos outros reinos nesta Terra aos quais você nunca deu atenção antes. Explore dentro de seu coração e descubra o anjo dourado que é seu verdadeiro eu, em outro aspecto da sua identidade eterna” (JONES, 2017, p. 138).

doenças, que residem no campo etéreo, pelo desalinhamento das obras na biblioteca da alma, no Akasha²² de cada ser.

Enfim, o “EU SOU” é a menor partícula que nos representa nesse universo, a nossa sede de toda criação e fonte da nossa vida, nossa individualidade enquanto pessoa que é energia vivendo uma experiência por meio de um corpo materializado, onde tem todas as nossas potencialidades e essência completa.

Segundo, Jones, (2006, p.215), a menor manifestação de vida que pode ser medida e compreendida pelo homem é o elétron. Os elétrons representam partículas de energia provenientes do corpo do Criador Primordial, que é eternamente autossustentável, indestrutível, luminoso e inteligente. Eles são uma substância pura de luz universal, respondendo com a rapidez de um raio aos poderes criativos de Deus e dos homens. Sob diferentes formas, os elétrons compõem os átomos do mundo físico, e o espaço interestelar é preenchido com essa pura “essência de luz”. Além disso, o número de elétrons que se combinam para formar um átomo específico é determinado pelo, “pensamento” consciente, porém a velocidade com que eles giram em torno do núcleo central é o resultado de determinados “sentimentos”. A intensidade do movimento giratório no interior do núcleo central é o “sopro de Deus”.

Portanto, a atividade mais concentrada do “Amor Divino”, seja a energia que faz crescer os seus alimentos, ou qualquer outra substância que encontrem na terceira dimensão, é inteiramente criada pelas diferentes manifestações de elétrons que foram qualificados de diferentes formas. Enfim, tudo é produzido do mesmo “material”, os elétrons. Há quem os chame por outros nomes, isso pouco importa, pois, tudo é feito da mesma substância, a energia da Fonte primordial, o “Amor”.

Desta forma, os sentimentos, pensamentos e emoções são a base inicial para o desenvolvimento das nossas doenças. As manifestações das limitações e desafios, em nosso corpo físico tem um caminho a percorrer que é manifestado pela nossa caminhada, escolha pessoal-livre arbítrio-, históricos e antecedentes de nossas vidas que estão nos nossos registros individualizados na nossa essência primordial do nosso SER. Logo, o nosso corpo materializado é a manifestação corporal do espírito, dos pensamentos, sentimentos e emoções.

De acordo com Guimenes (2017, p.43),

²² É a biblioteca da alma. Espaço onde são guardados os registros akáshicos de acordo a conexão da nossa alma, fractal de alma e suas experiências, histórias, acontecimentos das nossas vidas. Esses registros são registrados pelos mestres da espiritualidade e são arquivados independente se for de cunho de alta ou baixa vibração. São os livros das nossas vidas. Esses registros akáshicos são guardados na Akasha.

O corpo físico passa a ser um sinalizador das condições em que o espírito se encontra. Se o corpo físico está bem e saudável, indica que o espírito está em harmonia. A doença é a indicação de que algo está errado, e, mesmo se manifestando no corpo físico, a causa primária é a desarmonia no espírito, que se impregnou (somatização) de energias negativas oriundas dos sentimentos, pensamentos e até de influências espirituais.

Consubstancialmente, esta representação do “EU SOU” é a percussora das transcendências de uma vida seguindo os códigos de conduta pessoal de acordo com as crenças articuladas e em sincronia com as leis da verdade da existência. Em 2012, Sananda, na obra das Cartas de Cristo, nos revela as leis da existência e transmite que os acontecimentos e escolhas das nossas vidas não é castigo de alguém que vem do alto- mas a consequência natural da Lei da Existência: aquilo que você carrega na mente e no coração acabará por se exteriorizar em seu corpo, em sua vida e no meio que o rodeia. Quando você resiste e rebela, a vida oferece resistência no cumprimento dos seus desejos.

Prevalece desta forma a relação da cosmovisão indígena nos sentidos e fazimentos referente à saúde e doença, com uma visão de mundo, a mundividência que reflete na união harmoniosa das consciências que se interagem nesta centralidade e que está manifestada nas diversas orbes da vida.

As visões das etnias vivenciadas abarcam uma relação em sintonia com esta centralidade da Mandala Fito Galáctica e com o todo, relatado em diálogo com Wakay, de acordo com Araújo (2019), por meio da entrevista realizada na Owca Ayam no dia (05/01/2019),

A elevação do caminho leva ao mesmo caminho. Todos por mais que sejamos diferente, trabalhamos para manter um corpo único coletivo, essa época ancestral os povos originários, seja os kariri-xocó, Fulniô Carijó seja nos falando, mantendo nossa língua viva, nossa medicina, seja tamanha deterioração, deflagração que acontece, por mais que esse rio, não esteja dando nos dias de hoje os peixe de antes, essa floresta não esteja mais amparando como antes amparava e dava suas caças para gente, isso não significa que a gente tenha que ser extinguido, ou esquecer os fenômenos que deixamos de praticar. Harmonizar sempre vai ser o nosso papel. Trabalhar essa ciclonia sempre vai ser um papel de todos. E manter –se em conexão com tudo o que é virtude, seja na árvore, com o animal, seja na pele, seja na terra, no ar, no fogo, isto é um significado que o caminho é o mesmo. Mas que o caminho é uma luta, nós somos um povo que não trabalhamos com luta, as coisas podem confundir. Então, nós de alguma forma somos irmãos independente da raça, cor ou religião. Filosofar, parabolizar, soltar suas metáforas isso faz parte de cada região, de cada comunidade, de cada povo, de cada vez se organizar. Estamos se organizando para cada vez está mais próximo. Não vamos de maneira nenhuma ser extinguido nada, na verdade por mais que tudo isso seja levando o nome de poluição, ainda sim são nossos irmãos. Como você já ouviu falar, mesmo que o rio ainda não dê mais como antes, ainda assim continua sendo nosso irmão, mesmo que a terra esteja tão, como a gente

sabe o estado que ela se encontra, mesmo assim é nossa mãe, e assim como é o ar e o fogo mesmo assim são nossos irmãos. Vamos continuar a trabalhar para a existência sempre. Gratidão

Em ampliação da relação desta imagem, a presença do “EU SOU”, é respaldada na partilha e construção dessa unidade, chamada a presença do divino em nós. Este, movimentado pelas energias do dar e receber, ligação e repulsão desembocando na rescisão das crenças limitantes ao pensar a nossa essência individualizada e protegida pelos impulsos do ego, o guardião da nossa individualidade. Independente das escolhas do outro e da situação de nosso bairro, cidade, país, continente e planeta, somos um, ligados e devendo honrar o todo, sustentando etereamente e fisicamente as possibilidades de reconstrução da cosmovisão em saúde não meramente ausência de doença, e sim saúde de verdadeiro completo bem-estar universal.

Um desafio na automestria de viver uma realidade vigilante pensando em si e no outro, na certeza que as diferenças podem ser uma consciência ainda não acessada, bem como uma ruptura de paradigmas, uma consciência desperta e visualmente desperta, onde prevalece a consciência universal.

A análises das relações do que não estão no físico, mas que fazem parte do “EU SOU”, que desemboca para o “TODO”, para o “NÓS”, exercendo a presença do “EU SOU”, que segundo Orlovas (2003, p. 08),

Observem os atos de vocês, procurem cada vez melhorar mais e, quando errarem, não se assustem. Não se assustem com as suas próprias imperfeições; quando errarem, mudem; transformem os erros em acertos. Procurem sempre analisar em suas vidas as coisas boas e naqueles momentos em que vocês se perderem, se endividarem, se complicaram, transforme-nos em aprendizados. Entendam isso como um rascunho, como aquele pintor que antes de criar o seu belo quadro, para atingir a perfeição, desenhou mil rascunhos em carvão, em preto, e sujou as mãos, o rosto. Sujou até a roupa. Compreendam os esboços que vocês fizeram de suas vidas e comecem, agora com mais maturidade, com mais entendimento, a pintar as suas vidas, a transformá-las, dar um colorido nelas. E como se colore vidas? [...] com amor próprio. Não espere nunca dar amor ao outro, sem amar a sua divina presença “EU SOU”. Porque vocês não são capazes de amar ao outro senão reconhecerem em vocês mesmos o seu Cristo interno, a sua luz, a sua capacidade de agir digna e amorosamente.

Uma transcendência das nossas vibrações da individualidade e das relações, visando a transformação da qual somos levados a vivenciar, em conjunção ao nosso sentimento pessoal, que pela vibração e frequência nos uni a outras pessoas, a grupos e coletivo universal para contemplação e realização de grandes mudanças sociais, políticas, pessoais e espirituais. O aprendizado é individual e coletivo. As

garantias das transformações perpassam pelas suas escolhas e feitura, que nos impulsiona propor a etapa dois desta representação da Mandala/Constelação Fito Galáctica.



Figura 19: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 2- As Micros Intersecções

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

Uma etapa que amplia nossa percepção para a evolução da identidade e suas repercussões, bem como das relações humanas e desenvolvimento dos aspectos que compõem a cosmovisão sobre a saúde e o viver-manter a vida com felicidade, dignidade e igualdade. Com um olhar colaborativo e plural.

Segundo Araújo (2018), por meio de exposição oral, realizada na Owca Ayam por indígenas das etnias estudadas, pela intervenção intitulada Roda de Cura pela Jurema Sagrada,

O espírito não tem forma, não tem direção. Pode faltar tudo menos a vida. O que precisa é ter laços, pessoas guiadas. Guia. Não são clientes, precisamos ensinar a pessoa a lidar com o processo. Sentar em conselho para emanar energia com o outro. Conselho Sagrado. Dor não tem tamanho, dor é dor. Dê o seu melhor, não é quantidade, não é qualidade. Não precisa morrer para conhecer o inferno. O Amor, a observação é a melhor ajuda. Eu corro para ganhar o universo.

Neste momento das microintersecções, nos apresenta a importância dos saberes nas diferentes instâncias e as trocas de conhecimentos nas vivências entre

as etnias dando base para perceber as diferenças e intersecções entre os povos observados. Uma pluralidade e complexidade que ao mesmo tempo convergia em uma ação que tinha o mesmo objetivo, que era elevar o padrão de saúde em seus diferentes aspectos e campos, dos seres que aderiram aos momentos de vivências pelas medicinas indígenas.

Dito os seres, pois a cada momento foram percebidos o movimento e as interações dentro da heterogeneidade e complexidade desses e de seus respectivos reinos.

Essas intersecções realizadas pelos seres humanos, animais, vegetais, minerais e seres energéticos espirituais que interatuam com os fenômenos perceptíveis e sensíveis por meio da natureza criativa: chuvas, ventos, ondas de temperaturas alternadas, presença de animais e respostas de coloração, movimento, densidade e temperatura dos minerais e vegetais.

Percebe-se que nesta busca, cada obra estudada, antes visitada, mas não vivida tinha um significado. Que cada momento de cura relatado, mas não vivido, tinha um significado. Nas revisitas e na participação das vivências intui-se que cada obra e práticas tem uma frequência para determina frequência dos seres humanos que a leem e vivenciam, sendo ou não fonte de inspiração dos seres ou da inspiração do escritor (a) e mediador indígena.

Porém, a maior obra vivida e sentida são os ensinamentos da consciência existente em toda abastada natureza existente em Gaia. Um livro aberto e que forma nossos corpos.



Figura 20: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 3 - As macros intersecções/Desenvolvimento Campo Morfogenético

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

A medida que buscava a relação dos saberes, práticas e conhecimentos do delineamento perceptível e analisado da saúde pela ótica dos povos originários, é detectável que esse "EU SOU" e suas intersecções, em muitas medidas já são impregnadas na relação coletivizada e evolutiva de um desenvolver as consciências do "EU" presente em todo universo manifestado na fisicalidade no planeta Terra, ou reconhecido como formas de ser e estar existentes nas multidimensões etéreas do universo e materializadas no planeta Terra. Dessa forma é proposto as imagens que seguem.

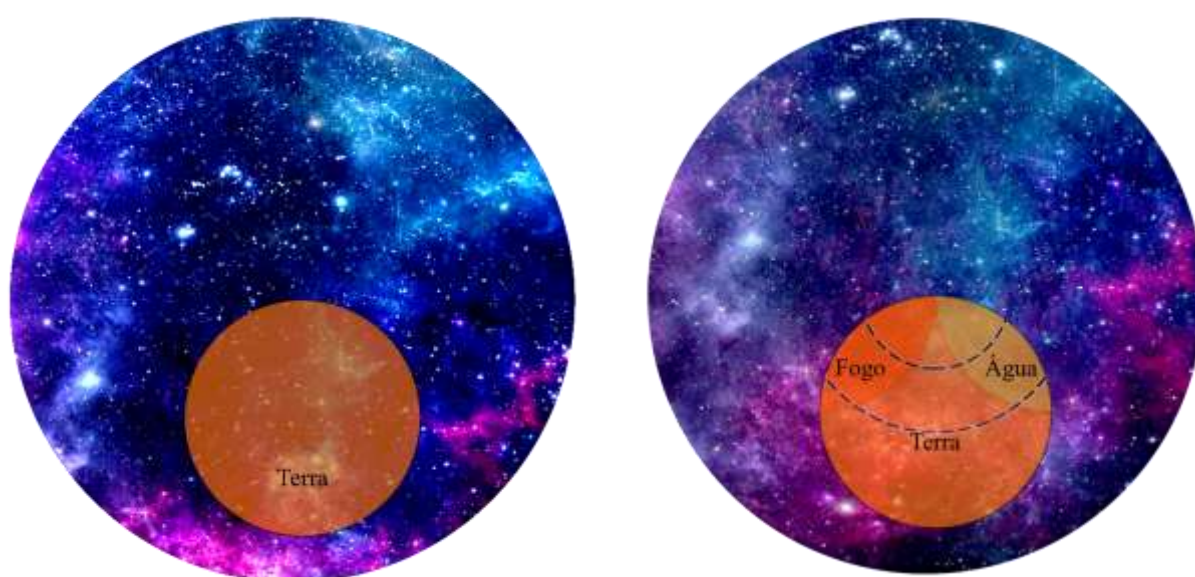


Figura 21: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 4- A Terra / FÊ-A - no dialeto Yathê

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

O elemento terra nesta perspectiva de saúde indígena, nos apresenta a conexão e relação corporal do nosso "SER" com a materialidade que compõem a mãe terra. Uma relação energética consciente desenvolvida pela ação direta, do primeiro tchacra, que De acordo com Brennan (2018, p. 127), tem como função psicológica associada ao centro da vontade designada pela quantidade de energia física e vontade de viver na realidade física.

Segundo Ritual das Pedras Sagradas com indígena Kariri-Xocó Tchô Birrinha (2019), o campo vibracional da terra, atua também com o campo e frequência das pedras e cristais. Uma habilidade do planeta pela energia liberada de acordo comos processos quânticos e de acordo comos processos de quem está sendo atendido,

que nos permite a leitura energética dos processos pessoais, profissionais, com expansão da consciência para a autocura, podendo ser realizado com acolhimento individual ou em grupo para até oito pessoas. Os processos de autocura se iniciam durante a vivência, com a consciência dos sentidos.

Momento de observação que transcorreram em meio de muito silêncio e ao mesmo tempo um silêncio com falas lúcidas e cheias de conteúdos. A busca de viver, analisar e dar sentido ao atendido (a) e ou atendidos (as), bem como perceber o poder da ressonância mórfica pelos elementais²³ constituintes do elemento terra.

Uma relação transcendente pela energia que alimenta a consciência do nosso planeta e do nosso “EU” interior, sendo a consciência crística, basilar no amor incondicional. Uma relação que nos faz assemelhar a terra e sua força, a nossa estrutura muscular e sua força. As diversas fibras musculares que compõem essa estrutura física dos corpos humanos assemelham as diversas camadas que compõem a estrutura física de Gaia, o Planeta Terra. Cada uma com uma função e tipologia específica a manter estruturalmente esses corpos.

Ao pensar a importância da harmonia de cada placa tectônica do nosso planeta, remetemos a importância da estrutura sólida do nosso corpo como os ligamentos, tendões e músculos. Todos têm uma importância para o funcionamento global corpóreo. Etéricamente a energia de conexão, não somente ela, mais localizada em uma maior escala, a energia do tchakra básico equilibra os nossos corpos com a mãe terra, nos conectando ao mundo à nossa volta.

Um olhar pela sensibilidade do organismo ao ambiente energeticamente alinhado com as energias do elemento terra e do Planeta Terra, com a ressalva que ainda existem as possibilidades de sensibilidades existentes nos possíveis multiversos.

De acordo, a Sheldrake (2013, p. 173),

Sugiro que assim como a causação formativa organiza a morfogênese pelas estruturas de probabilidade dos campos que impõem padrão e ordem sobre processos energeticamente indeterminados, ela organiza movimentos, e, portanto, comportamento.

23 Os elementais são pequeninos seres construtores e que organizam tudo no nosso planeta. Consciência própria de tudo que existe, que compõem toda a existência. Todos os elementos constitutivos do planeta, são constituídos pelos seus respectivos elementais. Elemento fogo as Salamandras, água as Ondinas, ar os Elfos/Silfídes e da terra os Gnomos e Duendes. <https://www.anjoseluz.com/post/arcanjo-miguel-os-elementais>.

No entanto, essas afinidades do corpo humano e corpo da Terra imbricam na teoria de Gaia, a qual nos traz a tese, criada pelo cientista e ambientalista James Ephraim Lovelock, no ano de 1969, que a mãe Terra tem consciência, que o planeta Terra é um ser vivo, com habilidade de auto sustentação, gerando, mantendo e alterando as condições ambientais.

Em conformidade com a cosmovisão indígena, essa força vital e plenitude em viver a energia terrena, são associadas no campo do aprendizado pela contemplação dos animais predadores e seu modo de vida. Bem como pela tranquilidade e sutileza das plantas e ervas medicinal.

Segundo as narrativas da consciência crística ditada nos textos complementares das Cartas de Cristo no ano de 2014, por toda parte há reciprocidade de amor fluindo entre os seres vivos- as plantas, os insetos, as aves, os peixes e seus ambientes. Somente os predadores colocam-se fora desta consciência amorosa. Estude os olhos dos predadores, de todos eles, e compare a sua ameaçadora intensidade com os olhos dos herbívoros não violentos. Você verá a ferocidade em um e a tranquilidade no outro. Os olhos são a lâmpada da alma. O que você não percebeu é que todos os olhos irradiam para o mundo a qualidade interna do ser.

Entender essas energias de sobrevivência, ao mesmo tempo com respeito e amorosidade ao outro, a gaia e ao universo, é uma das experimentações vividas pelas etnias, pelos constantes descredenciamentos das suas práticas e saberes ancestrais em autocura pelas medicinas indígenas. Um enfrentamento que resiste e promove melhoria das condições humanas devido a utilização da observação consciente dos elementais construtores dos diversos reinos do nosso planeta. Uma visão com a luz dos olhos da alma.

As possibilidades de escuta e compreensão das práticas em saúde indígena possibilitaram analisar a indispensabilidade de desbloquear as linhas da lógica e da razão que constroem os nossos pensamentos e força de vontades meramente comandadas pelos impulsos do ego, e buscar uma compreensão da consciência vital que permeia as atividades dos diferentes seres. “Sou filho da terra. Não estou preso, sou reverenciador do sagrado de cada nação, de cada povo, da humanidade, de qualquer continente. O falamos, temos que exercitar o tempo inteiro” (WAKAY, 2020).

Realizar um caminho como o elemento água ao desviar, passar, transpor, á vezes arrancar mas seguir um fluxo contínuo. Ir limpando, hidratando e curando. Uma relação que faz alusão ao nosso sistema circulatório, ao sangue e aos nossos processos de hidratação e excreção. Um elemento que é imprescindível para nossa sobrevivência e que integra a maior totalidade do nosso corpo, mais uma similaridade com a composição do nosso planeta Terra, na sua crosta bem como no seu interior.



Figura 22: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 5- A Água/OYA -no dialeto Yathê

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

Para o Vygotsky (1999, p. 73), o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos nas relações intra e interpessoais e nas trocas com o meio, em processos denominados mediação. É na zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer e a função do educador seria a de favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a pessoa que aprende e o mundo. Assim, os processos de interação exercem grande influência nos processos de aprendizagem e as intervenções pedagógicas são fundamentais para a construção do conhecimento.

As experiências pelo estudo na elaboração dos chás quentes, frios, banhos e infusões variadas na feitura deste estudo, traz presente o elemento água não somente pelo poder de diluição, mas pela força e poder energético curativo.

A cura é dentro do perfil da tradição e não da religião. Ninguém é muleta do outro, cada um tem seu papel. Cada um tem memória, história e tradição. Símbolo sagrado é junção. Despertar da essência. Vínculos, elos que as

peças têm com os reinos: vegetal, mineral, horizontes, animal e aquático. Esses elos se ampliam no mundo físico e não no material. Porque? Observe o desenvolver em prosperidade da natureza do criador. Tem vários princípios os símbolos sagrados. A alma é chamada guardião. Ninguém tem a fonte atrás, mas lado a lado. Um com o outro. As plantas são base (vegetal e argila). A água nos alimenta, limpa, nutre, refrigera (WAKAY, 2020).

Conforme as questões de construção do conhecimento elencados nas experiências indígenas e os elementos da natureza, contextualiza a importância da experimentação e relação dos diversos saberes. De acordo com a magnitude que o universo nos oferece, De acordo com Schön (2000, p. 31), é possível, através da observação e da reflexão sobre nossas ações, fazermos uma descrição do saber tácito que está implícito nelas. Nossas descrições serão de diferentes tipos, dependendo de nossos propósitos e das linguagens disponíveis para essas descrições.

Desta forma, as imbricações neste momento demonstradas por fractais dos elementos que compõe a Mandala Fito Galáctica, se fazem para perceber a importância do olhar sem julgamentos para as partes visando ter maior compreensão da totalidade. Levando em consideração, a importância das falas dos diversos teóricos do conhecimento e da sabedoria, como diz Paulo Freire, não existe saberes mais ou menos, há saberes diferentes.

Uma relação constituinte da racionalidade indígena em saúde registrada por Araújo (2017) na visita de campo realizada na reserva Thá-fene,

A relação Kariri Xocó com Fulni-ô é milenar. Os princípios da vida são como cada ser vivo, como o homem na terra é para uma missão. Um ser vivo de cada planta nesse planeta é para cura de uma doença. Cada pássaro, cada animal, faz parte de um semear. Antigamente os próprios pássaros faziam o semear com as sementinhas. De uma forma que hoje a mãe terra tem mesmo processo, mas diante de tantas construções, não adequada em relação de harmonia com a natureza. Ganha as distorções.

Maraca representa universo, cada semente representa uma galáxia. História de Meu avô pegava kuwú (instrumento de pesca) iria para a pesca e quando voltava pegava seu aió (cesto de palha), ali mesmo ele tirava maraca e já ia cantar representando o universo a maraca, a galáxia as sementes e cada estrela representando a alma de cada pessoa. E aí ele fazia canto, balançava maraca e buscava a cura da alma de cada pessoa. De fortalecer espírito de cada pessoa e deixar corpo físico em dias. Os princípios da saúde ela está diante do esforço do homem, mas tem o compromisso do homem em buscar seu alimentar, em buscar sua alimentação sua sustentabilidade, mas o lúdico e o lúcido tem de estar ali. É um compromisso, então quem chegava na porta de meu avô ele rezava, benzer, curar, conversar com as pessoas, trabalhar o canto com as maracas. Trazer a energia cósmica do universo, entender essa relação e entender qual galáxia, qual constelação aquele ser pertence, ali buscava respostas, tinha autonomia. Somos ser vivo, estamos aqui, e descobrir e

saber fomos criados pelo sagrado e não exercitar ele é complicado. Trabalhar o tema saúde, é buscar soluções argila medicinal, plantas medicinais, visão, um aprendizado com animal, ou seja, com aprendizados com os quatro ventos (leste, oeste, norte e sul) e harmonizar as relações. Mas, porém, cada dia que passa estamos em desafio, mas os conhecimentos não podem morrer e ser levado pela a alma. A alma tem obrigação de trabalhar o caminho, a luz para poder encaminhar os seus descendentes e manter esses filhos da terra, aqui para cuidar não só do planeta, mas cuidar dos irmãos. Na verdade, somos todos guardiões. Donos da terra não, filhos da terra sim. A terra para nós é sagrada, como tudo é sagrado, não estamos aqui para falar sobre a dificuldades e sim procurar solução nesses osbstáculos e juntos trabalhar para uma cura universal (WAKAY/KWAYÁ, 2020)

Suplantada nesta cosmovisão, os processos de saúde indígena, sua amplitude do olhar cuidadoso com o todo é surpreendente. E este todo, inicia do nosso exercício respeitoso de ser cidadão individual, mas necessitando estabelecer um elo com os outros, tendo o grupal de forma indistinta e unidos pela sobrevivência do coletivo planetário e do coletivo familiar-ancestral.

Este pensamento é fortalecido com a visão social da função Cacique por uma indígena Fulkaxó, Nhenety, mencionado por Fernandes (2013, p. 46),

Cada índio vive numa sociedade desempenhando seu trabalho, assumindo uma atividade. A distribuição de funções numa comunidade indígena é dinâmica, cada membro da tribo encontrou seu posto social, por livre e espontânea vontade. O cacique é comandante das atividades comunitárias, instituídas em regime de mutirão. Ele realiza as maiores proezas. Como chefe social, coordena o grupo no mundo terreno, nas atividades produtivas e de defesa contra prováveis inimigos ou segue o caminho da diplomacia. O cacique comanda a comunidade,

Os saberes, conhecimentos e práticas desta forma, é uma arte de viver em difusão desses saberes nesse coletivo indígena, respeitando as relações cósmicas e ancestrais. Uma reverência cotidiana aos seus corpos ancestrais e exercício dos seus processos de autocuras. Em convergência com esta ação e a força do elemento água, tem-se o Conto Indígena, de Cruz, uma indígena Kariri Xocó, (2018, p. 65), que diz,

O Canto de Dondonzinha

Há muitos anos, muitas tribos indígenas fugiram do litoral para o sertão nordestino.

Essa fuga era para escapar dos bravos bandeirantes, e os senhores de engenho que queriam escravizá-los e tomar suas terras.

Vários índios de várias etnias fugiram..., dentre eles uma bela índia chamada Emany.

Emany tinha várias maneiras de sair dos perigos, subia nas árvores mais altas das florestas, nadava como um surubim nos rios, corria como uma onça, camuflava como um camaleão entre as matas... Assim, ela escapava dos perseguidores e possíveis predadores.

Um dia, estava a pequena Emany ao por do sol dormindo num sono sereno...

No meio desse sono restaurador, um sonho estranho se inicia... Dias e dias caminhando pela floresta, Emany encontra um abrigo numa aldeia desconhecida, que a aceitaria como um dos membros da tribo. A vida nessa aldeia era harmoniosa, equilibrada cultural e socialmente.

Quando acordou lembrou-se do sonho imediatamente... Decide caminhar no meio da floresta seguindo seu instinto.... Ela encontra uma trilha.... Seu instinto lhe dizia também, que estava no caminho certo.
O Caminho da Aldeia.

No meio da trilha Emany encontra um velho guerreiro usando um cocar com penas brancas, azuis e pretas, com várias pinturas no corpo e com o maracá nas mãos.

A pequena Emany assustada perguntou:

- Você deve ser o grande chefe da tribo que eu sonhei. Qual caminho devo seguir?

- Menina de olhos de jabuticaba, ouça os cantos dos pássaros, o som do silêncio, da terra, dos ventos soprando nas árvores e das correntezas dos rios caindo sobre as pedras.... Continue seguindo sua intuição....
Respondeu o grande guerreiro.

Emany seguindo suas mansas palavras com sabedoria, percebeu que estava sendo guiada pelos ancestrais da natureza, caminhando sobre um belo tapete de palha cheio de flores nas laterais.

A passarela não tinha fim... A pequenina não imaginava que iria tão longe...

Nesse meio tempo Emany ouvia um canto melancólico... Reina – Ra – Ra – Ra, reina ireina – reina ra, ra, ra reina ireina ... (bis)

Ao som do canto sentou-se numa pedra gigante de cor preta, com forte brilho nas pontas, e chamada pelos indígenas da região de Pedra Grande. Ali residia um guardião... O Guardião dos andarilhos. Quem passasse por essa pedra, devia oferecer ao guardião comida, frutos e água ardente para sua proteção.

Emany não sabendo do segredo da pedra, percebe que algo deveria fazer naquele momento. Mais uma vez, lembra-se do conselho do grande chefe, e segue seus instintos novamente. Colheu frutos e ofereceu a aquela pedra enorme, pedindo proteção na sua caminhada.

Agora protegida pelo guardião, Emany encontra gromos em grande quantidade, que é um tapete de folhas no meio da floresta, sente um enorme desejo de deitar naquele lugar. Ela adormece ao som do pássaro.
Vim – Vim...

O Vim – Vim anuncia uma mensagem.... Ao acordar, Emany unifica as palavras envolvidas pelo pássaro e transforma em uma frase descobrindo assim seu significado.

Descobriu que estava mais próxima da aldeia desconhecida.

Emany embora sendo protegida, continua a passar por vários perigos, mas seu coração batendo num ritmo do balançar do maracá e no bater dos pés na terra, como numa dança circular, avisa à pequenina, que estava chegando à hora...

Quase no final da caminhada, numa estrada limpa e sem entraves, sente que esse lindo lugar onde homens, mulheres, idosos e crianças, vivem em harmonia com os ensinamentos de Memboré.

Caminhando, caminhando..., ela avista um pequeno riacho cheio de peixes e com espécies de animais aquáticos e terrestres em abundância. Pedindo licença as águas limpas e claras do riacho, a pequenina se banha, quando de repente, sente algo se enrolando em seu corpo.

Assustada, Emany fica parada com muito medo, pois se dá conta que era uma cobra.... Mas sente que deve deixar cobra fazer o que tinha começado a fazer... Era a cobra da cura.... Ela estava retirando todas as mazelas e seu sofrimento da sua viagem.

Curada pela cobra, ela sai do riacho com uma melodia desconhecida na cabeça. Ela não sabe o que significa, mas sente pulsando no seu coração o som do canto, a energia vibrando no seu corpo. Através do canto, Emany é encontrada e levada à aldeia pelos indígenas.

Naquele momento todo na aldeia ficam apreensivos e curiosos, para saberem o que estava acontecendo com tantos tumultos dos indígenas.

Sob o efeito do canto, a pequena Emany é levada ao Pajé.

Ele pergunta a ela:

- Menina de olhos de jabuticaba, de onde você vem?

Com um belo sorriso, Emany se lembra do sonho com o velho guerreiro e responde:

Eu venho das ondas do mar sagrado...

O Pajé entendendo sua resposta, a alimenta, e reúne todos os indígenas da tribo para cantarem e dançarem em homenagem à pequena Emany.

O Pajé pediu licença aos seres dos cantos...
Sensibilizado pela força, garra, determinação, bravura e uso da sua intuição,
Consagra e a batiza de Dondonzinha...
Ela se torna o som Sagrado.
Toré Dondonzinha

Uma nobre e sábia elucidação das manifestações e observação da natureza a partir desse conto, onde Denízia Cruz em 2018, a Kawany, uma escritora indígena da etnia Kariri Xocó, publicou este lindo Toré,

O CANTO DE DONDOZINHA
 Eu vi, vi cantar, Emany lá no mar (bis)
 Eu vi, vi Emany
 Refrão: Subir na árvore mais alta
 Eu vi Emany, correr como uma onça (bis)
 Eu vi, vi Emany
 Refrão: Nadar como surubim
 Eu vi Emany sonhando na floresta (bis)
 Eu vi, vi Emany (bis)
 Refrão: Sendo aceita pela tribo
 A tribo Kariri Xocó (bis)
 Refrão: Emany a cantar
 Eu vi Emany caminhando na floresta (bis)
 E encontrou, uma trilha
 Refrão: Para chegar na aldeia
 E lá estava o Pajé
 Refrão: Para abençoar Emany
 E batizou com som sagrado
 Refrão: O Toré da Dondozinha
 O nome dele é Soyré
 Refrão: O Pajé Dos Fulkaxós

Resposta
 Refrão: Subir na árvore mais alta
 Refrão: Nadar como surubim
 Refrão: Sendo aceita pela tribo
 Refrão: Emany a cantar
 Refrão: Para chegar na aldeia
 Refrão: Para abençoar Emany
 Refrão: O Toré da Dondozinha
 Refrão: O Pajé Dos Fulkaxós

Tendo em vista a importância da observação dos quatro elementos da natureza e da escuta sensível de forma decolonial, percebe-se uma forte presença, aparentemente ausente pela não materialidade, do constituinte ar, tanto em nossas vidas, como nesta sugerida representação gráfica. Dessa forma, as relações existenciais deste componente se fazem com a sua atemporalidade, unicidade e unidade, elucidando na maioria das vezes, pelo sentir desmedido.

Esse sentir bem explicitado no toré é caracterizado, segundo Fernandes (2013, p. 65), como “O canto conectado com a dança, harmonizado no espírito coletivo, praticado na energia nativa, derrama o suor no chão; os movimentos dos braços trazem a chuva refrescante de inverno.” Uma convicção de existência e que não está no controle humano.

Assim, as linhas gerais que entremeiam a causalidade do adoecimento por essa cosmovisão, é um lugar de múltiplas possibilidades e que o elemento ar, é de suma importância pela ação inerente nos nossos corpos bem como no cosmo. Logo, a escassez da energia vital no corpo físico deste elemento nos traz grandes perdas de forma veloz.

Uma importância neste lugar do invisível, que as histórias e caminhos energéticos, nossa memória de alma, ficam registradas e alinhadas com a energia da fonte criadora, de forma essencial para nossa existência, e que muitas vezes, pelo véu do esquecimento passa despercebido, ou pela manutenção da falta de humildade em reconhecer a importante existência do oculto, do não palpável, do não materializado fortalecendo, desta forma, o prisma da terceira dimensão humana.

Cabe salientar que o ar, mesmo com sua singela e constante presença, possui aspectos celestes e divinos de um elemento, e que sua consciência tem uma ação gerando reação a todo instante, infinitamente.

Esse nome concedido ao capítulo do caminho metodológico foi pensado pela relação de programar, ou tentar organizar um caminho visível, reto, prático, mas que o campo de pesquisa rompe com nossas crenças limitantes e nos coloca para enxergar o não visível, mas existente e atuante, caracterizando aparências do ar. Sendo um olhar que se fortalece pela presença e serenidade em observar os desdobramentos da pesquisa. Evitando pegar atalhos, mas se permitindo um novo olhar que contribui para ruptura paradigmática encrustada por vidas no ser incorporado de pesquisadora e eterna estudante.

Conforme, vídeo produzido na aldeia Fulkaxó e enviado para a autora, Pajé Soyuré (2020), liderança da etnia Fulkaxó nos presenteia ao relatar que as relações do ar e sua consciência, sua energia vital é que nos sustenta. Nós temos o poder da terra, mas quem manda é o poder divino. Exercer a conexão celestial, para valorizar muitas coisas boas que temos na mão. Temos grande recurso que é a saúde. As leis da terra são desenvolvidas pela saúde. Honremos ela então.

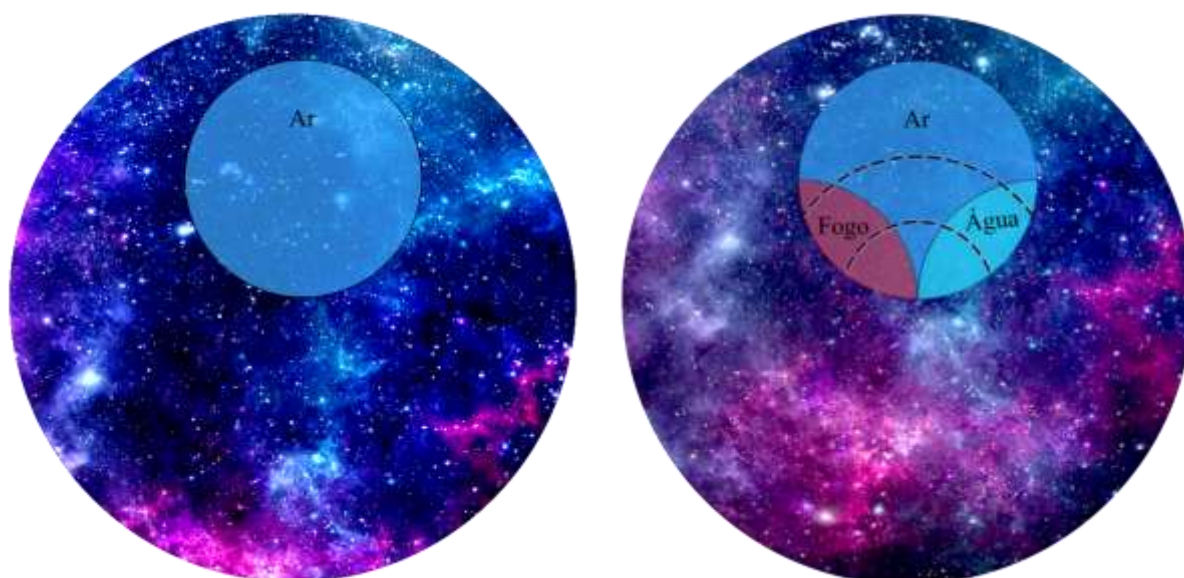


Figura 23: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 6 - O Ar/Wenê -no dialeto Yathê

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

No devir, muitas boas surpresas puderam ser vivenciadas, sentida e não se tem a pretensão de deixar os impulsos do baixo ego e da promulgação acadêmica-científica ser o propulsor desta passagem. Porém, o aroma e a beleza das flores, o poder curativo da alquimia das ervas por muitos momentos evidenciou óticas que corroboraram para a melhoria da condição humana dos envolvidos.

Assim, a obtenção das novas formas de agir, pensar, cuidar, prevenir e tratar é uma combinação para a melhoria da condição humana. A incerteza, a ação do invisível, da energia vital do criador, o Deus Pai Mãe é terra fértil da criatividade e a incerteza é igual a múltiplas possibilidades. Por isso, mude suas maneiras de ver, de escolher e de agir e perceberá a saúde ampliar. Pois, precisa-se alinhar com a dinâmica do universo que é a mesma mecânica da consciência.

Desse modo, a maneira de fazer pensar saúde por esta visão indígena nos faz perceber que a força de decisão sempre é nossa e que nossas escolhas são as portas que escolhemos abrir, ou fechar para viver em paz, com boa saúde e com abundância. Um processo de autoresponsabilidade ancestral sem julgamentos, sem culpas, reverenciando, aceitando, agindo com sabedoria e criatividade harmônica com a natureza.

É importante saber que a harmonia vai desde a honra ancestral que passa por vários aspectos de origem cósmica, desde linhagem, etnia e núcleo familiar pertencente. Um equilíbrio de sabedoria, amor próprio e amor ao coletivo, em uma certeza que somos um, e que precisamos olhar e agir para o outro como se tivéssemos agindo para nós. Um respeito congruente ao não visível, sabendo em suas ações e na sintonicidade com os encantos e encantados das diversas dimensões. Um honrar na certeza da existência de irmandades que fazem parte do todo, acreditando desta forma que a centralidade é o bem viver em equilíbrio com tudo, e que não somos a exclusividade cósmica.

Segundo Pivetta (2017, p.58), por ora, segundo o catálogo criado e periodicamente atualizado pelo Laboratório de Habitabilidade Planetária da Universidade de Porto Rico, em Arecibo, o exoplaneta que orbita a estrela mais perto de nós, a Próxima Centauri, a 4,2 anos-luz de distância, é o mais parecido com

a Terra. Assim, cada vez mais, o equilíbrio da saúde está nas formas de perceber e validar a existência do outro de forma diversa e sem busca de delimitar o descoberto em um molde pela nossa percepção, e sim respeitar as diferenças buscando pela interlocução os elos que reforcem a existência de todos.

Ainda que de fato, existam os processos de dominação homem natureza, os ecossistemas e sua complexa multirreferencialidade de possibilidades e olhares dos diversos elementos, nos faz devanear ao compreender pela cosmovisão indígena em saúde, que o gelo também é quente, também queima. Uma relação de diferenciação de graus de valor moral ao se perceber no reconhecimento e importância do entendimento das partes do todo. Configurando desta forma, a sensatez de deduzir que nossas escolhas estão relacionadas com o todo e interferem nela.

Nesse sentido, a terminologia fogo nomeando um capítulo e uma fração da Mandala Fito Galáctica, passa a analisar os modos de ver e interagir aplicados pela visão indígena nos processos de saúde, no sentido que este elemento nos possibilita para além da sua façanha em queimar. Uma dinâmica entre esquentar e transmutar desde a cocção de alimentos, a conexão com o criador pelo acender a chanduca e utilizar as plantas medicinais e sua energia em meditação e autocura, até a transmutação energética de padrões vibratórios destoantes das frequências de felicidade, união, colaboração, amor incondicional e mestria de seus papéis na organização da coletividade.

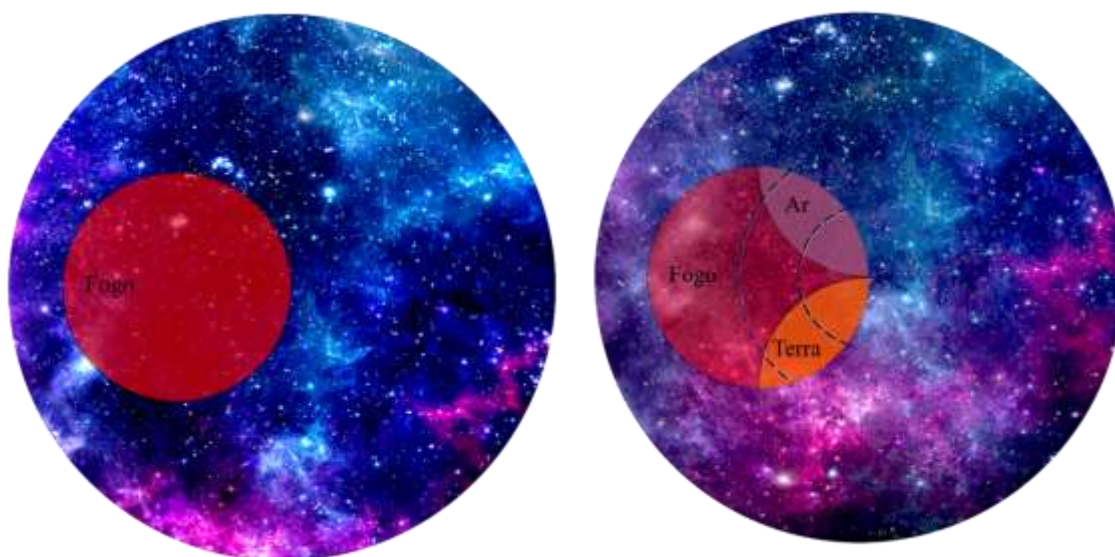


Figura 24: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 7 - O Fogo/TOWE - no dialeto Yathê

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

Essa discussão dos diferentes sentidos por essa abordagem indígena e ao mesmo tempo a exteriorização relacionais dos elementos e seus elementais, fortalece a importância da preservação e utilização desses costumes de autocuras pelos elementos da natureza para se obter uma melhor condição humana.

Na história indígena dos diversos povos se tem uma indispensabilidade em utilização deste elemento nas diversas ritualísticas, não somente pela sua potencialidade de serventia, mas pela sua força sagrada, segundo Nhenety (*apud* FERNANDES, 2013, p. 53),

Pela necessidade de agrupamentos, os indígenas se reuniam ao redor do fogo, para discutir seus problemas, falarem da criação do mundo, das caçadas, da pesca, das tradições dos antepassados que deram origem a tribo como povo. [...] dali saíam histórias dos tempos passados e do presente para garantir o futuro. [...]. Ao redor da fogueira saíam muitas histórias bonitas, de angústias que passamos, das injustiças da política indigenista, das invasões de nossa terra, dos fazendeiros poderosos, da exploração da mão de obra barata, do sofrimento do povo. Das histórias da fogueira saíram muitas soluções importantes, reconquistamos nossas terras, conversamos a tradição oral, a cultura, preservamos cantos e danças do toré, que agora podemos mostrar.

Porquanto, o horizonte dessa transmutação pelo fogo, faz-se pelas posições que dialogam entre si, no campo mental, espiritual, corporal, social e político das aldeias e de seus povos, demonstrando seus achegamentos, paralelos, divergências, apaziguamentos, e conformidades, demonstrando caminhos teóricos e práticos para a melhoria da saúde individual e coletiva, reconhecendo que existem diversos graus de complexidade que demanda uma apreciação polilógica que inclua os díspares graus da complexidade como autonomia, razão, preservação oralidade, sesciência, cultura, territorialidade, coletividade, dignidade entre outros.

Por isso, o reverenciar o fogo neste trabalho traz um cunho intrinsecamente de valorizar a relação ser humano e seus corpos, natureza e promoção da saúde, bem característica do modo indígena longe de uma subserviência moralizadora do ser humano contemporâneo e seus encadeamentos na natureza. Mas em uma concepção de natureza na existência fundante de forma sobrenatural e interiorizada quânticamente em si, que transcende ao ser humano tangível, e a natureza criada de forma produto-cultural.

Almeja por meio de um perspicaz padrão rítmico de viver, baseado em um toré, que flui com a sua essência de reverência, respeito, organicidade, sincronidade, honra ancestral, respeito as partes e ao todo, visando viver em harmonia para um auspicioso desenvolvimento dos seres e reinos do planeta terra e universo criativo. De forma que cada um tem uma conduta e um propósito a ser desenvolvido, dessa maneira sendo respeitada.

Podeis auxiliar a humanidade! Se quereis trazer ou atrair mais perfeição ao vosso próprio mundo e ao vosso próximo, então lede estas páginas com os olhos e o coração bem abertos e procurai fazer uma experiência. Então vós mesmas ficareis sabendo. Pensai sobre isto, todos os que se esforçam sempre para auxiliar e sustentar a humanidade: Tudo que abençoa a vida e que a todos traz beleza, paz, liberdade, abundância, perfeição, vem de Deus! Vem do único Deus que a todos criou, indiferente à qual das confissões ou credos possam pertencer. Todos os dons que alegam os humanos – música, arte ou ciência – em princípio, não foram um pensamento, uma visão na mente e no coração dos homens antes de elas se tornarem realidade como uma bênção aos humanos? Isto também é válido às visões da liberdade à nossa terra. A “ponte para a liberdade” veio à luz para que a humanidade tome conhecimento e confie em deus e em seus mensageiros; e também no seu plano divino referente a cada indivíduo e ao planeta terra. Vós deveis saber e sereis informados de que a Grande Hora Cósmica está aí e o céu está aberto: Deveis saber, discernir de que maneira podereis auxiliar! (DIEDERICHS, 2000, p. 02).

Visto que, nas diversas execuções das funcionalidades, missões e relações sociais para os indígenas, nos remete a refletir de qual nosso papel? Qual mundo estamos ajudando a construir? E por meio do elemento fogo, De acordo com Nhenety (*apud* FERNANDES, 2013, p. 56),

Aqui em Kariri –Xocó, desde os tempos dos índios mais velhos, temos um costume quando morre uma pessoa da tribo: a família do morto acende uma fogueira na porta da casa do finado. Quando já é noite, chegam as pessoas da tribo para visitar o finado, entram na casa, olham para o morto na sala, estirado com os pés virado para a porta, indicando que ele não retornará ao mundo dos vivos. As pessoas vão chegando e se ajeitando ao redor da fogueira, uns com cadeiras, outros com esteiras para dormir na porta, outros ficam de pé. Começa uma roda de histórias do morto[...]. Apesar desse momento de sentimento da família do morto, a “Fogueira do Morto” traz boas lembranças do finado, que foi uma pessoa presente na vida tribal, deixou sua marca na cultura, na luta, na arte, no trabalho, no canto, na dança ou ação qualquer, de bom ou de ruim, mas deixou algo marcado.

Em sequência a estes pensamentos por esse elemento fogo e suas possibilidades, podemos realizar um olhar pela compreensão do nosso “fogo” interior. Ao qual nos movimenta a perceber quem somos, para onde vamos, o que queremos, como buscamos, como agimos. Um lugar individual e coletivo, baseado em condutas não de um código moral mais de alinhamento com o propósito pessoal

na sua maior potência de iluminação inteligente e criativa que uma mentalidade humana consegue acessar.

Desse modo, ao contemplar o ritual da Fogueira Sagrada, uma atividade de autocura, promoção da saúde e ascensão espiritual, é percebido pela atividade deste elemento. Pois, o poder de elevação a outro estado de forma ágil e potente, numa transmutação, ao mesmo tempo, percebe-se o vigor em destruição. O que nos faz alusão as nossas vivências guiadas pelo nosso “eu”, pela nossa individualidade, o ego.

Em concordância, traz as orientações sobre essa transmutação as Cartas de Cristo, (2012, p. 201-202),

O verdadeiro propósito de sua jornada espiritual é o de livrá-lo da escravidão do ego e o de fazer o mais puro contato com a CONSCIÊNCIA DIVINA. O seu destino final é o de reconhecer a SUA onipresença, tanto dentro de você como também em todas as suas atividades diárias. O seu objetivo espiritual supremo é chegar ao momento espiritualmente elevado em que você finalmente compreenderá que sua mente humana e seus desejos são finitos. Portanto, eles nunca poderão levar você à felicidade e à realização que experimentará quando abandonar a sua individualidade e vier à CONSCIÊNCIA DIVINA pedindo *UNICAMENTE* pelo Caminho Mais Elevado, pela Vida Mais Abundante e pelo verdadeiro PROPÓSITO espiritual, que você somente pode cumprir em seu estado terreno.

Percebe-se a importância da relação saúde e espiritualidade pela cosmovisão indígena desenvolvida neste estudo, onde essas categorias são claramente demonstradas uma possibilidade da busca do equilíbrio por meio do agir comunicativo e com ações pensadas para o bem de si e para a comunidade.

Onde essa força, desse fogo interior, o ego, necessita ser admirado e conduzido por uma vigilância contínua, assídua e que foque na mudança para uma melhor saúde e boa qualidade de vida. O estar aberto a mudanças, compreende que no fechamento de um ciclo, é o ponto iniciático de início de outro.

Estados e ciclos do viver que são harmonicamente dialogados em diversas ritualísticas manifestando os caminhos para mestria individual e coletiva alicerçados em buscar caminhos com uma concordância e clareza baseados em necessidades, objetivos, princípios e valores para o bem comum e que dialoguem com as realidades das etnias sem desfocar da ancestralidade e modos de viver.

Nesse sentido, um olhar atento à vida e a suas manifestações, uma meta de escolha individual e coletiva, que pelos processos de saúde instaurados, interferem em muitas das comunidades até isoladas dos centros urbanos, em nome de

prevenção e promoção da saúde que visa simplesmente a saúde do corpo físico e como se ter um maior período, vivo cronologicamente. Esquecendo do estar vivo indígena é eterno, um elo ancestral, que nunca morre. Cuidar cuidando, educar educando-se como assimilado nesse estudo, vai para além de um corpo materializado.

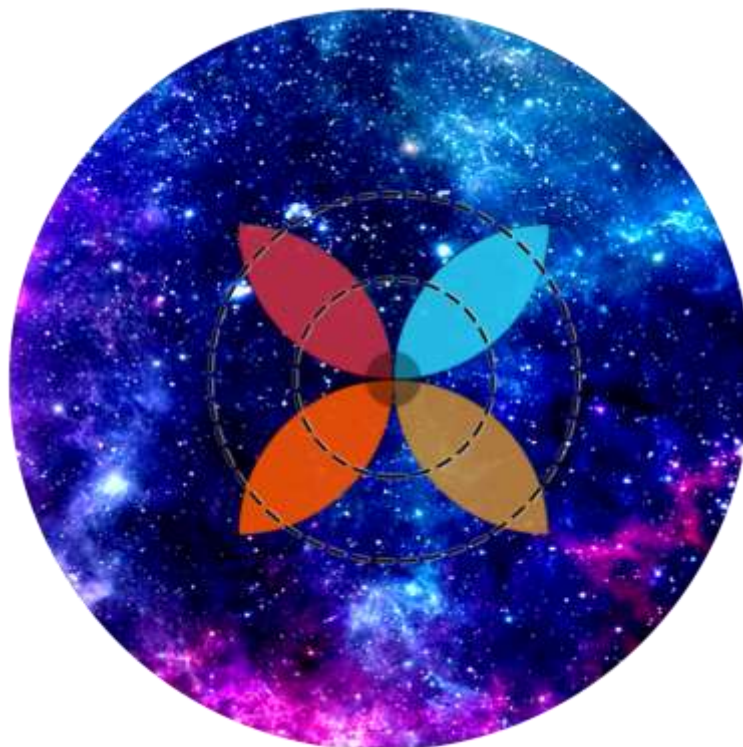


Figura 25: Mandala/Constelação Fito Galáctica parte 8- A Vida- Diversas Possibilidades/ Metamorfoses/transmutações

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

Isto posto, estas significações estão muito longe de serem o que exteriormente parecem, segundo Três Iniciados (2019, p. 31),

Transmutação é um termo usualmente empregado para designar a antiga arte da transmutação dos metais; particularmente dos metais impuros em ouro. A palavra *transmutar* significa *mudar de uma natureza, de forma, ou substância, em outra; transformar* (Webster). E da mesma forma, *Transmutação Mental* significa a arte de transformar e de mudar os estados, as formas e as condições mentais em outras. Assim podeis ver que a Transmutação Mental é a *Arte da Alquimia Mental* ou se quiserdes, uma forma da Psicologia Mística prática.

Nessa alquimia mental e os processos de autocura indígena percebe a relação homem-mulher-natureza, inteligência criativa-inteligência amorosa-consciência universal como um só corpo. Como traz no poema de Edward Carpenter que traduz os modos de viver cadencialmente pelos indígenas com os elementos da

natureza: “Oh, não deixeis apagar a chama”! Mantida de século em século, nesta caverna, neste templo sagrado! Sustentada por puros ministros do amor! Não deixeis apagar esta chama divina.

Deste modo, a saúde pelo descortinar desse trabalho, é manter acesso a chama ancestral do conhecimento, costumes e sabedoria indígena, com perpetuação ao transcorrer dos tempos desta chama em concorrência com toda a estrutura capitalista dominante e utilitarista das vidas humanas pela razão cartesiana e pela lógica do poder individual. Assim, os valores, princípios, objetivos e necessidades do viver em saúde indígena, é além da labuta individual de cada ser, e alia-se aos conhecimentos profundos de complexos seres dito invisíveis com a intenção da evolução da humanidade.

Sendo uma uma ação em saúde pensando na coletividade em crescimento e desenvolvimento humano igualitário, com respeito às diversidades, com autonomia e orientação do desenvolvimento do propósito de cada ser humano, sem esquecer as origens. Um ir e vir, um individual e grupal que transcende as relações egóicas das baixas vibrações de consciência humana.

Essa transcendência pode ser percebida nas linhas deste toré fruto do conto indígena intitulado, Ynauá e a família da natureza, de Kawany, CRUZ (2018, p. 33),

Ynauá é uma, menina curiosa
 Gostava muito de observar, os seres da natureza
Refrão: Terra e água, fogo e ar
 Olhava as plantas do cesto, forrado no terreiro
 Milho, feijão, panela de barro
 Caniço do Opara, passarinho cantando
Refrão: Terra e água, Fogo e ar
 Olho para as estrelas, e veja elas brilhar
 Vovó, Jurema curar com as plantas
 Ouvindo som dos grilos
Refrão: Terra e água, fogo e ar
 O fogo está presente, na nossa energia
 Ynauá, descobriu que sua estrela
 Sempre brilhava no céu
 Refrão: Terra e água, fogo e ar.

Um processo de harmonia pela vida, pela promoção da saúde em busca cotidianamente do equilíbrio do corpo coletivo que é além dos elementos da natureza. Essa vida faz sentido quando é contemplada na sua totalidade não somente a humanidade, mas o cosmo, a natureza, seus reinos, os universos, os planetas e suas galáxias, as multidimensionalidades são partícipes desse corpo coletivo.

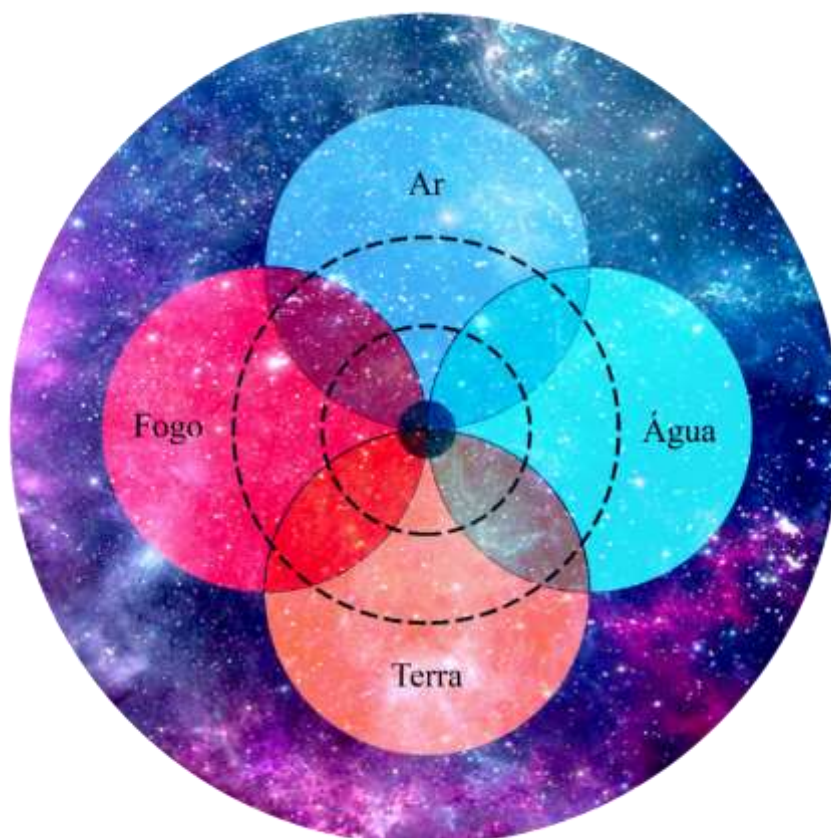


Figura 26: Mandala/Constelação Fito Galáctica integralizada

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

Dessa forma, a transdisciplinariedade abre campo para as possibilidades de mecanismos, saindo da teorização e indo para o campo do agir na construção desta representação. Em seu fundo, representada pelo quinto elemento éter, é desenhada com as cores e desdobramentos do azul-claro até o azul-escuro, trazendo aspectos relacionados à essência divina a qual toda a vida universal está inserida. Sendo uma energia da fonte vital, fonte da vida, uma energia imaterial e fortemente presente e simbolicamente instaurada como a pedra filosofal da expansão e transmutação de consciências.

Na qual, não foi desejada uma representação rígida, e sim flexível aos diversos olhares, vivências, sensibilidades pela argumentação indígena, exprimindo conceitos metafísicos para a compreensão do equilíbrio da saúde e do viver para melhor condição humana pela cosmovisão em saúde indígena.

Dispondo dessa maneira, a Mandala/ Constelação Fito Galáctica, é pensada de acordo com as diretrizes do Doutorado em Difusão do Conhecimento

corroborando com as indicações do programa que preza a construção de modelos de interpretação, análise e explicação de processos e seus impactos na sociedade.

Sendo que as peças geométricas foram pensadas no sentido de alcançar as possíveis relações entre a consciência fundante de cada parte e o todo. As linhas pontilhadas trazem uma liberdade e nos remetem a não linearidade na busca da autocura, bem como da abordagem relacional para a boa saúde na possibilidade de contato com a consciência divina e a consciência humana, onde a origem de todo processo de adoecimento não é no corpo físico.

Nessa perspectiva, os círculos se fazem presente no sentido que não tem cantos, mas segue nos encantos onde a interseccionalidade se dá pela concordância, harmonia e sintonicidade respeitando e compreendendo o início na individualização na semente, na sua essência primordial, que Jung traz como self. Esses círculos se fazem presente pela sistemática ritualística dos povos indígenas representadas desde suas moradias (Ocas e Malocas), seus artesanatos, suas maracas, o cocá, suas danças, seus artefatos corporais e as diversas práticas de autocura.

Por isso, o círculo transcorre no fluir da informação e percepção de tudo ao seu redor, no fluir de todos em cliconia nas práticas, saberes e conhecimentos com a união de dos opostos, nas perspectivas entre o céu e terra, com movimentos harmônicos, em diferentes estados visando uma duração contínua e regular, na busca do equilíbrio.

Confirmando, a correspondência que é da natureza desenvolvida pelas etnias indígenas pelas diversas maneiras e costumes cotidianos. No círculo, todos os participantes veem todos, além de manter a relação com a circularidade do Planeta Terra e dos diversos corpos celestes.

Vale ressaltar que a cosmovisão em saúde indígena a respeito das partes que compõem a Mandala/Constelação Fito Galáctica, nos certifica que nem a doença, nem a saúde tem processos de desenvolvimento no corpo físico, as mesmas originam-se no campo sutil, energético do ser humano muitas vezes pela não aceitação das suas dificuldades, seus desafios e escolhas, bem como pela negligência em conhecer e viver em seu propósito de alma.

Um olhar que tem a importância analítica de investigação baseado na importância da afetividade, do campo emocional, do amor próprio até a estrutura

física corporal dos seres, sem distinção nem escalas de importância. De acordo com Galeffi (2016, p. 193),

O que seria de qualquer organismo vivo sem o meio sensível de interações e choques através do qual os organismos seguem seu desenvolvimento e consumação vital? Para o ser humano o que é, entretanto, a sensibilidade? Pois reconhecemos uma diferença ontológica entre o aparato sensível do organismo humano e a sensibilidade em outros níveis de individuação vivente. Por exemplo, a sensibilidade do mundo vegetal é diferente da sensibilidade que conforma o perceber humano. O nível de complexidade de um organismo humano filogeneticamente determinado é de outra grandeza em relação ao mundo vegetal. A diferença não indica uma superioridade entre si, mas simplesmente um acontecimento de relações distintas em suas interações e processos gerativos em ambientes sensíveis. Então, a sensibilidade humana não precisa apenas ser apresentada como uma dimensão menor da constituição física e psíquica, e também não é preciso que apareça associada ao sexo feminino ou ao elemento considerado frágil. Sensibilidade é o campo total em que se dá a experiência humana, portanto ela é o meio ontológico da experiência e do desenvolvimento humano. É, assim, o meio comum de configuração mental das experiências vividas, incorporadas.

Portanto, um processo de autocuidado e autoresponsabilidade ao pensar a saúde por um caminho que converge com a relação cósmica, compreendendo que a nossa natureza criativa individual faz parte do todo. Por isso, o fortalecimento do autoamor, do olhar e escuta sensível de si, do seu ser, do seu “eu” que perpassa pela preservação da liberdade de escolha, de ser e viver o propósito individual desde as aptidões, habilidades, experiências pessoais, experiências culturais, desejo, facilidades, expertises e toda a experiência que foi desenvolvida, ou que venha a se desenvolver.

Assim, essas experimentações cultivam um leque de possibilidades pessoais que deverão ser direcionadas ao suprimento de uma conjuntura no momento da articulação coletiva, com percepções no campo afetivo ao campo do saber fazer. Um reconhecimento importante, pois externalizamos no palco coletivo por diferentes linguagens do lugar construído internamente, composto de emoções, pensamentos, sentimentos e crenças. Um pensar e se perceber atento aos aprendizados, analisando e transmutando os empecilhos em realizações assertivas, para o bem próprio como para o bem comum.

Dessa maneira, esses aprendizados não são contemplados nos currículos formais das escolas e nem nos centros de ensino e aprendizagens, pois a busca dos conhecimentos e dos saberes são sempre externos aos corpos, sendo altamente validado o que o outro constrói, levando a nos distanciar cada vez mais dos saberes tácitos e experiências próprias.

Cabe salientar que essas experiências e realidade pessoal, muitas vezes, não são vistas como campo de sabedoria e campo multirreferencial, sendo negada a todo tempo em detrimento de outros saberes, além de terem que ter outro ser encarnado ou não, como seu mestre.

Com esta passagem, não negamos a importância do outro no nosso processo de produção do conhecimento, mas alimentados com a força indígena de resistir com suas características, o outro neste processo soma, uni aos conhecimentos, saberes e práticas para na genuinidade experienciar o viver da harmonia com a vida e com o todo. Isso, não abafar a importância de cada um porque todos são importantes e devem ser respeitados, pois, cada alma é uma alma, cada ser tem um propósito criativo para desenvolver e manter a harmonia, desde sua oca interior até a fonte do pai criador. Somos consciência em uma roupagem física, e não contrário.

Lembrando que ainda vivemos na realidade da terceira dimensão, na qual as relações materiais são necessárias, mas jamais negadas, a indagação é de que feito nós realizamos e conduzimos os movimentos da vida e como nos relacionamos com os diversos seres que fazem parte da nossa convivência, independentemente de suas escolhas serem de nossa concordância.

Notadamente, é universal a ação e percepção indígena em saúde e trazem as possibilidades de pensar a vida, a condição humana, os direitos humanos pela circularidade de seu povo e do universo, impulsionando a criar o que verdadeiramente se propõe, em junção com as leis dos processos universais, sem maleficar o outro, pois a tentativa deve ser sempre pela harmonia e respeito, porém às vezes não dá.

Saberes, conhecimentos e práticas em promoção da saúde pela cosmovisão indígena que rompe com as crenças limitantes, alimentados pela mídia e pelo nosso círculo de convivência. A sabedoria indígena e a consciência crística — a energia que envolve nosso Planeta Terra —, nos inspiram a realizar um novo modo de enxergar e viver. Um respeito às ações criadoras dos universos e suas leis que nos regem.

Consideravelmente, os direitos humanos e cidadania somam com a busca de valorização e reconhecimento pessoal para o fortalecimento do devir corpo coletivo estruturado no campo da saúde, de forma que transcenda o direito meramente ao bem-estar e saúde física. Pois, a cada vivência com a chama das ervas e os

processos experienciados perceberam-se as relações entre adoecimentos e níveis de energia emocionais relacionados aos sentimentos, pensamentos, emoções e ações diante as situações da vida.

Conforme os ensinamentos de Sananda²⁴ relatado em 2014, todos os pensamentos que se formam no cérebro descem para a glândula pituitária, através do hipotálamo e que o negativismo e o trauma emocional (vibrações baixas) que contêm, passam para os órgãos, sangue e o corpo inteiro, causando uma diminuição de energia e, conseqüentemente, a enfermidade. É este o fenômeno que produz as enfermidades psicossomáticas, reconhecidas pela medicina.

Nessa perspectiva, os povos estudados e sua medicina indígena, bem como este estudo, reconhece a importância da medicina tradicional. A questão é a possibilidade de um novo cuidar e promover saúde, estruturados nas realidades indígenas que se faz pela complexidade da criação universal, bem como pelas relações e reconhecimento do poder de autocura das ervas sagradas e sua energia sutil. Logo, uma autocura de si e do outro. Assim, à medida que você restabelece sua estrutura corporal, espiritual, social, política e emocional, os outros sistemas também são restabelecidos.

Na compreensão polilógica e polifônica De acordo com Galeffi (2016, p. 208), o sentido do ser é ser-com sentido no cuidado e para o cuidar do cuidado: cuidar de si, cuidar do outro, cuidar do ambiente, cuidar da sociedade, cuidar do mundo, cuidar do que cada um se torna enquanto vive em pensamento, interações e afetos.

Desta forma, a ideia observada visa resgatar uma maneira de ser e estar de forma dialógica e dialética com a vida e as formas de viver, compreendendo a saúde por uma epistemologia a favor da vida e da melhoria da condição humana, pela cosmovisão dos povos originários Kariri Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó.

Um olhar e utilização milenar que tem sua essência nativa pelos modos e costumes dos povos originários que com cuidado e zêlo constrói uma vida em

²⁴ Nome da alma materializada, corporificada na figura de um homem que nasceu na Palestina- Cartas de Cristo p. 36. Onde desenvolveu uma vida com os desafios terrenos iguais a nós. Diante do seu processo de ascensão e expansão da consciência possibilitou viver os seus processos de internalização/meditação com energia nutrida com a fonte primordial, nosso único DEUS PAI MÃE. Possibilitando viver nesse período, as leis universais do amor e a natureza do divino. Transcendendo e conhecendo a verdadeira mola construtora de tudo que existe. Uma alma evoluída que veio com o propósito de ajudar a humanidade do julgo das leis da infecção mental contagiosa dos seres humanos, com base nos impulsos egoístas do ego. Um processo que aconteceu na sua opção de viver essa conexão suprema por meio de 40 dias no deserto. Os sistemas religiosos da época estabeleceram bases e narraram essas atividades de forma equivocada e que aprisionava as possibilidades dos buscadores da verdade. Cartas de Cristo, Carta 1. Sananda, desta forma é conhecido como Mestre Ascensionado Jesus, O Cristo Planetário.

cumplicidade com a natureza e seus poderes quânticos. Com isso foi construído uma tabela com algumas ervas medicinais utilizadas por esses povos, existindo a possibilidade, a pedido dos mesmos, dessa coleta ser transformada em uma cartilha educativa para serem utilizados por esses indígenas em suas vivências.

As descrições destas ervas não estão expostas neste trabalho a título de uso. A tabela proposta é uma maneira geral de explicitar a cosmovisão dos povos estudados, sendo colocado de forma genérica. O seu uso deverá ter orientações dos indígenas que atuam com esta sabedoria, conhecimento e prática. Não deixemos a parte de nós, ligadas estritamente ao nosso ego, se apropriar e adotar maneiras próprias para manuseio.

ERVAS MEDICINAIS			
ERVA (NOME)	INDICAÇÃO	USO	PORÇÃO
Alecrim	Gripe e rinite Sinusite	Água quente chá	2 colheres chá
Alenta Cavallo	Coração taquicardia (casco) Pressão alta Calmante (folhas)	Água quente	Flepinha ²⁵ Punhadinho ²⁶
Aroeira	Infecção e inflamação	Água sumo	Punhadinho
Babão	Pedras nos rins Evitar câncer AVC Próstata	Chá água quente	Pedacinho
Bom nome	Anemia Dores coluna	Fria deixa molho ou agua quente	Punhadinho
Cajueiro Roxo	Gastrite Inflamação útero Limpar útero	Água quente	Sumo 3 flepas ²⁷
Caroço mamão	Hemorroida Verminoses	Caroço	Comer/Ingerir
Catingueira casca	Diarreia Cicatrizante	Água infusão deixa apurar	3 flepinhas
Dandá	Dores ossos Proteção Atrair o bem	Fervido	Punhadinho
Eucalipto	Febre	Banho para gripe	Punhadinho

²⁵ Nomenclatura atribuída pelos indígenas ao quantitativo de uso, se referindo a pedacinhos

²⁶ Nomenclatura atribuída pelos indígenas ao quantitativo de uso, se referindo a porção pinçada pelas pontas dos dedos

²⁷ Nomenclatura atribuída pelos indígenas ao quantitativo de uso, se referindo a pedacinhos maiores

Hortelã miúdo	Imunidade Tosse Colesterol	Água quente	Galinho, folhinhas
Imburana	Diarreia Infecção intestinal	Água fria para curar	Flepinha
Imburana de cheiro	Infecção urinária Pressão alta Analgésico	Chá água quente	Punhadinho
Jatobá	Bronquite Forte	Água quente	3 Flepinhas
Jurema de raiz	Proteção Feridas no corpo e Feridas na alma	Infusão e outros preparos sagrados	
Juazeiro	Escovação dentária	Folha	Punhadinho
	Soltar catarro	(Criança) fervente Casca (adulto) agua fria	Flepinha
Manjeriço	Dor intestinal	Água quente	Punhadinho
Maracujá de Estralo	Levantar Bexiga Fechar as carnes femininas	Água fervente Banho de assento E beber pouquinho	Punhadinho
Muringa (tem insulina)	Diabetes	Água quente chá	Punhadinho
Mastruz	Ossos, tosse com secreção	Sumo	Punhadinho
Melão de Passarinho	Câncer	Água fria	Pedacinho (sumo)
Mororó	Inflamação Bronquite Pressão alta	Chá água quente ou fria	Punhadinho
Mulungu	Insônia	Chá água fria	3 Flepinhas 1 litro água
Mulungu	Depressão Fortalecimento da alma	Água quente ou fria	Punhadinho
Pau Ferro Jucá	Reumatismo	Água quente	3 Flepinhas (pedacinho)
Peão rasteiro	Garganta Sangue Tireóide	Água fria moer	batido Ou coloca no pano e moer com

	Constipação		batidas pauzinho
Pega Pinto	Próstata	Chá fervido água quente	2 colheres de chá
Piranha	Infecção Urinária Restos parto	Água Fria (molho)	flepinha
Quebra Pedra	Pedras Rins	Água quente ou fria batido Ou pano e moer com pauzinho	Punhadinho
Quixabeira	Dores corpo, articulações Dengue	Água fria	3 flepinhas (pedacinho)
Quixabeira branca	Gordura corporal Inflamação Útero	Água quente	3 flepinhas (pedacinho)
Velamin	Gases Prisão ventre Glicose (Diabetes) Dores Intestinais (Proteção espiritual/energético espiritual) Espanta negatividade	Chá Limpeza banho Defumação Incenso	Punhadinho água quente
Mussambê	Gripe	Chá	Punhadinho
Crista de Galo	Anti-Inflamatória Sistema Nervoso	Chá	Punhadinho
Quina Quina	Viroses	Chá	Punhadinho
Leite do Pinhão do Mato	Organizar o baço, bile, rins, evita doenças do intestino, Emagrecimento	Água	1 gota no copo com água
Erva Ferro	Pancadas, Hematomas	Chá	Beber chá e passar no local
Velame	Relação Ancestral	Chá Quente	Punhadinho
Casca Mulungú	Intestino Inflamado Depressão	Chá Quente	Punhadinho

Figura 27: Tabela de Ervas Medicinais construído autora e co-autoria de Wakay e Kwayá

JUNÇÃO DE ERVAS MEDICINAIS			
ERVAS (NOME)	INDICAÇÃO	USO	PORÇÃO
Velandinho e Alecrim	Sinusite	Inalação	Punhadinho
Velandinho e Alecrim	Indigestão	Chá	Punhadinho
Massambê e Crista de Galo	Inflamação Brônquios Água Pulmão	Xarope com Mel	2 a 3 colheres dia
Hortelã Graúdo e Jatobá	Sangue e Asma	Xarope Infusão/Chá	Colheradas Punhadinho
Alfavaca, Manjerição e Quiô-iô	Vitalidade Emocional	Banho	Punhadinho
Gergelim e Cidreira	Intoxicação e Dores musculares	Chá Quente	Punhadinho
Pau Ferro Jucá e Bálamo	Analgésico/ Dores	Chá Quente	Punhadinho
Bezetaçil (Planta) e Imburana	Infecção	Chá Quente	Punhadinho
Babatimão + Cana-do-Brejo	Infecções de Útero/Evita Câncer	Infusão/Chá	Punhadinho
Menta e Vick	Desenvolver bem-estar da mente, Alívio de dores musculares, Combate a Sinusite	Chá Quente, retirar a folha antes de ferver	Punhadinho
Mororó e Girassol (Sementes)	Organização Psíquica	Chá Quente	Punhadinho (Torrados e triturados juntos)
Gereba e Cedro	Combate vírus gripe forte	Fusão em água fria	Punhadinho

Fonte: Tabela da junção de Ervas Medicinai construído pela autora nos encontros e vivências

Figura 28: Tabela da Junção de Ervas Medicinai utilizados pelas etnias Kariri Xocó- Fulni-ô- Fulkaxó

realizadas nas atividades de campo com orientação e acompanhamento em co-autoria indígenas Wakay e Kwayá

Na tradição dessas etnias alguns processos de cuidado, De acordo com cada realidade, a cada apresentação do panorama de queixas, desconfortos corporais da pessoa, de sua história de vida são analisados e caso necessite será orientado a utilizar a composição de mais de uma erva medicinal. Segue tabela com algumas junções:

6.2 CONCLUSÃO: UM MOMENTO QUE NÃO FINDA, MAS DE ABERTURA PARA A MESTRIA DO VIVER

O percurso do processo de investigação e aprendizagem da tese doutoral objetivou compreender as práticas, saberes e conhecimentos indígenas por meio de sua medicina tradicional. O campo empírico foi desenvolvido por meio da vivência e observação das práticas dos povos Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó, sendo realizada predominantemente na Reserva Thá-fene em Lauro de Freitas-Bahia.

Os desafios inerentes ao processo de desenvolvimento de uma tese, desde o cumprimento dos créditos, transcorrendo pelo recorte empírico e a construção da estrutura teórica e conjunturas diversas existentes no campo científico, familiar e transpessoal fizeram parte de um conjunto de transformações percebidas tanto na pesquisadora, quanto nos indígenas que participaram ativamente do estudo.

Assim, a inquietação referente à busca da contribuição da medicina indígena, pela fitoenergética-energia das plantas-, bem como pelo seu princípio ativo para melhoria da condição humana, proporcionou o fortalecimento da compreensão das vias naturais para o discernimento dos processos de viver com boa saúde e vitalidade na perspectiva dos saberes tradicionais indígenas.

Uma busca para compreender, considerando um delineamento de uma pesquisa com múltiplos corpos individualizados e ao mesmo tempo coletivos, com saberes distintos, que nos levou à necessidade de, para compreensão do objeto de estudo, buscar várias abordagens.

Lembrando-se de passos importantes, que sem eles não seria possível a realização desta proposta. Refiro-me com gratidão ao o olhar sensível, a escuta amorosa e direcionamentos baseados na afetividade e notáveis saberes e conhecimentos acadêmico-científicos por meu orientador José Cláudio Rocha e minha Co-orientadora Liliana Santos, sendo essenciais para a construção deste estudo. Além da paciência, do amor incondicional, da confiança e doação dos indígenas em especial Wakay e Kwayá que foram de extrema importância para a consolidação desta proposta.

Assim, a melhoria da condição humana, desmistificando o paradigma das verdades absolutas e compreendida por essa cosmovisão indígena, nos traz o

campo da pesquisa empírica como as possibilidades correspondentes a fé²⁸, transpondo essa menção, à medida que esta fé, é corporificada, vivida e transformada em novo saber vindo do irmanamento da teoria e prática.

A produção do conhecimento neste estudo traz a lisura em constatar a importância da existência desse irmanamento nas propostas dos diversos estudos. Dessa forma, ao buscar por meio de uma crença ou por várias crenças, estudando por diversos olhares doutrem, sem ter a vivência no campo prático, muitas vezes, o que é lido em dado momento, poderá se perder pela falta da receptividade consciencial para a compreensão do que os autores estão propondo, bem como pela realidade de campo não observada, podendo ocorrer o extravio de preciosidades para a humanidade e para a produção acadêmica-científica.

Torna-se necessária, a relação ativa e vigilante no campo de pesquisa, visando constatar os objetivos de estudo e ao mesmo tempo preservar a neutralidade no estudo. Mas que a interlocução teoria-prática se faz, gerando novos saberes e conhecimentos, na concretude que tem algo que nos direciona, encaminha, intui trazendo a necessidade das relações das vivências e das diversas linguagens do campo empírico.

Desta forma, um viver o campo empírico acreditando no que ainda não vê, mas intuitivamente é guiada para as múltiplas possibilidades, obtendo desta forma uma sustentação para o entendimento da melhoria da condição humana, sendo a cada passo dado, a cada autor lido, a cada vivência observada o convencimento da nova, e milenar possibilidade de se ter melhor saúde. Um novo, velho modo de viver.

Assim, essa construção foi realizada, por uma premissa indígena, em que cada passo dado fosse baseado no momento presente e em processo único sem segregação. Em total disponibilidade, onde percebeu a espiritualidade pertencente ao campo das medicinas indígenas, existindo como um caminho necessário para a compreensão dos nossos processos de “cura”. De si, do outro, do todo.

A própria forma de relatar uma experiência, conforme afirma Valla (1997, p. 3), indica a concepção de mundo de quem faz o relato. Nesse processo de intercâmbio dos conhecimentos, saberes e práticas, bem como de reflexão com o

²⁸ Empregada de forma a considerar a sua importância para efetivação do conhecimento pela experiência prática, desta forma, as abordagens referenciais utilizadas sem ir à campo, trouxe a hipótese de considerar a existência da fé epistemológica, passando a considerar a existência de verdades sem qualquer tipo de vivência, pela absoluta confiança que se deposita na ideia ou fonte de transmissão.

contexto empírico estudado, foi se materializando, de maneira gradativa, pouco a pouco, o objetivo essencial deste trabalho, isto é, propor um referencial analítico para a articulação de saberes e práticas no processo de melhoria da condição humana pela cosmovisão da saúde indígena.

Constata-se diante do cenário social, político e da indústria farmacêutica e seus enunciados pelas diversas linguagens, que são muitos os remédios, medicamentos e possibilidades apresentadas sendo de alto consumo pela humanidade. Mas o foco da saúde por esta cosmovisão, é um autêntico estudo vivenciado, sem recortes dos conhecimentos de si, sendo necessário essa percepção para quem busca a genuína saúde.

Para além da saúde, a cosmovisão indígena oferece um conjunto de referenciais acerca da própria concepção de vida, trazendo como força motriz as ideias de felicidade e bem viver, o que possibilitou a transcendência do espaço acadêmico.

Consequentemente, um pensar pelas autocuras, percebendo os benefícios em si, desencadeando desta forma um agenciamento para promoção da saúde de outras pessoas, para além do envolvimento que nos conduz dos saberes, conhecimentos e práticas, sendo eles indígenas ou não.

É um olhar de fronteira aberta a diversas possibilidades, compreendendo além do viés intelectual e do tratamento da saúde. É compreender que somos agentes dessa transformação pessoal e da transformação do outro, que não é uma dimensão singular, e sim plural. Um foco nas descobertas, e que essas descobertas e os seus desdobramentos alimentam a alma, em repercussão eletromagnética com a consciência universal. Desta forma, somos um.

Os processos de construção do conhecimento pela conjectura indígena são baseados na interação e interconectividade, um sentido, congruente com o pensamento de Vygotsky no qual alicerça o desenvolvimento do indivíduo, no processo de construção e transformação do conhecimento, considerando o conhecimento como algo dinâmico e não estático, interacional e não individual, sendo adquirido pelo sujeito no decorrer da vida.

A perspectiva da co-criação da construção do conhecimento no desenvolvimento de melhoria da condição humana pela cosmovisão em saúde indígena, objeto desta tese, não recusa a eficácia do saber técnico-científico, mas censura sua preponderância e ratifica a importância de outros tipos de saberes

como, por exemplo, o saber popular das comunidades indígenas - saber popular que na hora em que a porca torce o rabo, todos independente de credo, crenças e etnias os procuram para vivenciar uma possibilidade de autocurar-se e viver mais em busca da boa qualidade de vida. Assim, é ele que define a problemática da saúde em causa -, de forma a se pensar em uma aproximação dialógica constante e sensível entre os saberes, conhecimentos e práticas.

Assim, atendendo aos objetivos específicos propostos nesta pesquisa, observou-se que, a energia, a qual nós somos, é incendiada pelo fogo do conhecimento que é explicitado por meio das vivências e da experimentação. Assim, a “fé” da pesquisa se concretiza em um novo conhecimento quando este é vivido pelos corpos de quem busca a autocura. Transcendendo a produção do conhecimento e difundindo-a a partir de si, um início de construção e difusão que incide pela sua composição corporal e suas dimensões. Um processo em que o ponto inicial é a partir da nossa suposta menor partícula formadora, a nossa consciência individual primordial.

Esse movimento de curar-se indígena, é sustentado pelo campo morfogenético, em que a percepção das frequências e vibrações são sentidas e experienciadas pelo outro no campo atuando. É uma onda com o pilar de nutrição na confiança, na vontade de curar-se, na doação, na aceitação, no perdão, na assimilação da energia das plantas, no poder das ervas medicinais, na certeza da existência de uma energia formadora de tudo, no não julgamento e no amor incondicional. Esse aprendizado coletivo, de acordo com Sauborin (2009), é adquirido a partir do envolvimento mútuo e recíproco em uma experiência coletiva. Onde pôde ser percebido durante as Rodas de Cura, bem como nas experiências individuais, mas que a individuação pessoal era transcendente ao ego, em uma conexão de aceitação própria da existência multirreferencial e polilógica da vida.

Entretanto, é percebido que os processos de autocura, se dá pelo contato humano, pela relação de desmonte, construção e autoconstrução baseada no bom senso, sem responsabilizar o outro, nem os paradigmas vigentes muito menos ao processo de cura indígena como uma mágica extrafísica e/ou industrial no mercado da saúde.

Se assim fosse pensado, seria mais uma caixa de dominação de si e do outro, e de uma maneira dita nova, mas que reafirmaria a forma mercadológica

contemporânea de pensar a saúde e sua promoção, somente adotando outra nomenclatura.

O processo coletivo de autocura indígena tem seu cabedal por trabalhar as lacunas do ego, onde a cada conexão com seus sintomas é iniciado no gostar de si mesmo, de aceitar-se em conexão individual e unidas nas relações da coletividade, onde as riquezas do aprendizado se constroem progressivamente pela diversidade e abundância das questões colocadas em campo. Um pensar, fazer, agir e construir na colaboração, fraternidade e coletividade.

É um acesso a sabedoria universal ancestral. Um chamado por meio da energia sutil das ervas e plantas medicinais, que atuam no processo de restauração da saúde, por doação das ervas por meio de sua energia sutil e pela aceitação da pessoa que vivencia a ritualística. O acolhimento e a busca de si são componentes necessários para caminhá-lo em busca da boa saúde por essa cosmovisão.

Dessa forma, a promoção da saúde por esse viés é um processo complexo, multirreferencial e polilógico pautado nas nossas escolhas, naquela “fé” epistemológica e como a compreendemos, e na transmutação desta “fé” de como se dá nos corpos e nas experimentações vivenciadas pelos mesmos. Sendo assim, em um abandono necessário das crenças limitantes do que nós somos, sabendo que o tempo “real”, é muito diferente do gregoriano que estamos conduzidos a viver.

Dessa forma, as impressões referentes a esta tese de pesquisa baseada na admissão da energia vital das ervas e plantas e a fitoenergética, tiveram uma contribuição efetiva para o resgate da essência humana e equilíbrio de seus corpos. Essa análise baseada na observância e escuta sensível a uma atemporalidade em simbiose com a energia a qual desprendemos, e que está em harmonia e sincronia com nossos pensamentos, sentimentos, emoções e ações em busca da saúde integrada e integral em si e no outro.

A saúde indígena inicia na certeza da aceitação do campo invisível na formação da nossa fonte do ser, presente nos animais, vegetais, minerais e seres humanos. Dessa forma, perceber a evidência da formação das diferentes manifestações materializadas em nossa humanidade, um reconhecimento do visível e invisível, que juntos e em harmonia desenvolvem um organismo com base ancestral e manifestada em um corpo material.

Logo, as atividades dos corpos produzem matéria vivos, já evidenciados cientificamente que alguns grupos de células realizam trabalhos específicos e

individualizados, e que unidas sustentam a nossa vida. A exemplo, temos as células do tecido sanguíneo, células da nossa pele, do nosso sistema respiratório entre outros.

Notadamente, se faz necessário nosso olhar para esses processos visando a prevenção de prováveis adoecimentos, fortalecendo antecipadamente os possíveis desafios, ficando atentos a manutenção equilibrada da saúde individual e coletiva.

Em cada corpo tem-se entidades vivas, sistemas vivos e organizados que independem da nossa vontade para estruturarem o equilíbrio da nossa boa saúde. Corpos em harmonia desenvolvendo as suas atividades com tamanha criatividade. Sabedoria indígena quando propõe honrar o corpo primitivo, como molécula inicial da nossa fonte de existência. O desdobramento de qualquer processo em autocura pela cosmovisão indígena tem a observação e escuta sensível da pessoa e/ou grupo a ser atendido, em uma observação processual-diagnóstica a todo tempo de contato. Gestos, feições, crenças limitantes, queixas, o cenário físico-corporal-emocional são basilares para o destampar da situação a ser orientada e supostamente transformada.

Deste modo, as doenças possivelmente são as escolhas desprovidas de amor próprio e inteligência pessoal para optar por qual caminho seguir, desencadeando em desequilíbrio. Sendo sustentados pela execução consciente e/ou inconsciente de repetição de padrões limitantes familiares, e na escolha equivocada a qual promovem o desenvolvimento de obstáculos impedindo a inteligência organizadora corporal de continuarem suas combinações e trabalhos para manutenção da nossa saúde e equilíbrio dos corpos.

Uma escolha da essência, em tempos e corpos ancestrais, nos trazendo as referências da imaterialidade, dimensões e padrões de desenvolvimento dos nossos corpos, sua multidimensionalidade e complexidade.

Diante do exposto, as vivências com as ervas medicinais, sementes e com a maraca, pôde ser observado e sentido a consciência existente dentro e ao redor de nós. Nos diversos seres, nas plantas, nos animais, nos minerais e a compreensão afetuosa das partes e do todo.

Assim, a imagem que segue, representa a Mandala/Constelação Fito Galáctica, a união de todas as partes, suas intersecções com toda polifonia e multiplicidade de possibilidades complexas e polilógicas pela cosmovisão indígena, que está sendo apresentada como produção do percurso doutoral, que é ofertada,

ao mesmo tempo, como síntese do percurso e como tecnologia para a compreensão da saúde.



Figura 29: Mandala/ Constelação Fito Galáctica Versão Caminhos da Maraca (Owa matydy tsaka dê)

Fonte: Criação da autora em co-autoria com os nativos indígenas das etnias trabalhadas. Filtro dos sonhos elaborado artesanalmente pelo indígena Kawy, da etnia Kariri Xocó. A representação da imagem de fundo idealizada pela autora e explicitada graficamente pela designer gráfica Gisele Rocha.

Vale ressaltar que esta representação é a fusão dos elementos indígenas em saúde correspondendo à questão central de pesquisa, a saber, de que forma/caminho a medicina tradicional indígena pelas ervas e sua energia vital contribui para promoção da saúde e qualidade de vida dos indivíduos, traduzido pela própria linguagem indígena evidenciada neste conto²⁹.

A cura da maraca

Bizamú curava as pessoas na posição dos capuz celeste
 Se comunicava com os planetas
 Também as plantas sagradas
 Girava a maraca em forma dele
 Marte, vênus, plutão e terra
 Usava outros instrumentos apito, buzu e cambuco
 Depois da pesca vai para casa

²⁹ Owa matydy tsaka dê é a tradução no dialeto Yathê. Caminhos da Maraca com a tradução percebe que quando é utilizado para o sagrado feminino adota a seguinte conotação: Esse caminho é da Maraca, e quando utilizado para o sagrado masculino: Esse caminho é do Maracá.

Se preparar para o trabalho
 Com os materiais da cura
 São as plantas medicinais
 Nas tarde de raios solares
 Bizamú fala da maraca
 Maraca é feita de cambuco e também de coité
 Precisa ser colocado para secar suas sementes
 Ganhando sementes novas
 representando o universo
 Mêru e mulungú girando o som do universo
 Num instante sente a cura
 Fortificando corpo e alma
 Quem procura a medicina
 Vai para a casa com a cura
 Ehh How
 (TKAWANÃ, 2019)

Desta forma, a saúde e vida são vistas como relatado por Wakay e Kwayá, na vivência do ponto focal, de acordo com Araújo (2019), sendo o compromisso de viver e aperfeiçoar as nossas relações mantendo as energias na certeza de que cada povo tem o seu oculto de viver. Uma visão direcionada ao horizonte. Em que a maraca é um respeito à diversidade representando o universo e cada elemento dentro dela, — as sementes —, representam cada corpo celeste e sua razão na existência, na manutenção da sincronia e harmonia com o todo.

Assim, a nossa organização ou não organização, nossas raízes fazem parte da construção da maraca, que é a ética desses povos estudados, sua comunidade, suas relações, suas existências, leis coletivas e a *guiança* das lideranças.

O uso desse instrumento é tido como direcionamento de um inconsciente coletivo indígena e não indígena, pois acreditam que as suas ações, se somos um, refletem também na coletividade universal. Constatou-se das diversas manifestações pelo uso da maraca, uma importância central em prol da organização da comunidade mantendo a harmonia e sintonia com suas origens e o mundo atual.

Assim, as relações de saúde pela cosmovisão desses povos, perpassam pela importância da individuação de cada irmão e seus desejos diante da sua unidade familiar, que já é desafiador, bem como pelo coletivo na aldeia, que é organizada pela *guiança* de cada povo, representada pela figura do Pajé e Cacique, ambos com a utilização da maraca. Essa *guiança* no exercício da mestria do viver cotidiano é coordenada pela maraca conduzida pelo Pajé na busca da harmonia do seu povo.

Portanto, uma organização que é cuidada, nas entrelinhas da arte do viver, com a unificação das diversas razões, que para os indígenas, tem uma simbologia. De acordo como seus ritos e instrumentos diversos como o cocá, a maraca, o buzú, o cumbuco, o apito e suas manifestações. Sendo relações congruentes entre as práticas, saberes e conhecimentos.

Por isso, a elevação da saúde é compreender que existe a determinação, observação e atenção na continuidade espiritual—energética—alma, relacionada em nós pela nossa família ancestral, em respeito à nossa criação, representada de forma em que materializamos como o cocá, que é muito além da sua beleza, mas sim a representação que cada lado evidencia, ou seja, a relação paterna e materna e no centro com suas penas mais altas, os nossos desafios, tanto nossos como de nossos irmãos.

Dessa forma, a saúde é cuidada com amor verdadeiro, podendo ser explicitada por um aperto de mão verdadeiro, em uma atenção e exercício diário igual ao universo, que é uma razão da existência de onde nós viemos, e se ele é perfeito e somos filhos dele, logo, somos perfeitos também. Assim, a saúde é uma relação direta diante da ritualística universal com conexão própria e apropriada nos nossos corpos e na maneira concebida para viver. Então, essa ritualística universal remete à ideia de inconsciente coletivo (JUNG, 2000) na herança de traços funcionais, imagéticos virtuais comuns a todos os seres humanos. Um campo de relações traduzidas pela essência multidimensional.

Nessa perspectiva, essa base comum, por essa cosmovisão em saúde, a racionalidade da medicina indígena, é uma reverência dessa estrutura já existente em nós, para nós e conosco, em um exercício de defesa e ataque. De acordo como elo de compreender o belo, de ouvir o que precisa ser nutrido e de fazer na perspectiva grupal, para o bem comum. A essência mesmo na contemporaneidade, ela não se perdeu, o homem precisa deixar de ser preguiçoso, deixar o vento entrar na sua casa, na sua vida. Deixar o fogo transmutar o de comer, e também o de pensar. Permitir às águas limpar e hidratar, a terra, ele semear e com persistência desfrutar, sem intenção de dismantelar. Mas o que for preciso soltar.

As práticas em medicina tradicional indígena pelas energias das ervas medicinais e plantas, foi percebido pela relação com a natureza criativa e inteligente, em um processo de gratidão pela sua existência e pela nossa coparticipação em perseverar no Planeta Terra, compreendendo que nossas conduções pessoais e

coletivas interferem no todo. Desta forma, a planta é utilizada com reverência, para a saúde e não para fazer saúde, sendo mais um instrumento para fortalecer o organismo humano e também animal, vistas os caminhos da autocura e melhoria da condição humana.

É importante salientar que a observação das práticas em medicina indígena foi visivelmente perceptível, que cada erva medicinal e cada planta sagrada tem sua sabedoria essencial energética, que alinhada à necessidade humana reestabelecia o corpo biológico, emocional e espiritual das pessoas que utilizavam. Um uso que necessita ser ampliado, tanto pela visão da preservação da fauna e flora, bem como da preservação das raízes pessoais de quem busca e efetiva essa tradição.

Notadamente, existe uma mensagem incorporada em cada prática por essa cosmovisão, seja pelo emprego das plantas, de seu fruto, de suas diversas potencialidades, mas que preserve as suas raízes, concebendo a continuidade geracional, bem como o seu poder sagrado, mediante sua ação efetiva que auxilia a melhoria da qualidade de vida. Igualmente a necessidade de deixar aflorar as ritualísticas de cada ser humano e sua ancestralidade no processo de saúde—doença e seus processos de autocura.

Logo, as práticas em medicina indígena e a utilização por seus mestres são realizadas com uma consciência da composição das ervas, plantas, animais em estruturas de origem que possibilitam esse conhecimento e o entendimento de suas consciências proporcionando desta forma o seu uso. Tem-se um estudo, uma observação, uma herança ancestral e saberes conduzidos pelos anciãos do grupo que em harmonia alicerçam esse campo de ação, na impressão que todo vegetal tem espírito e sua essência vital é perceptível quando vivida pelos costumes, pela ritualística e pelas relações inter, intra e transpessoal com a natureza. Uma relação desde o chanducar com a compreensão dos sentidos da ação dos quatro ventos.

Nessa prática do observar, conhecer, vivenciar e difundir a racionalidade em saúde e autocura, por esses povos originários, fortalece uma trilha desvelada e claramente percebida como possibilidade de contribuição para o avanço do olhar, no cuidado, nas relações de proposição das políticas de saúde e sua promoção, nas propostas pedagógicas e didáticas dos centros de ensino, desde a educação infantil até as contínuas sistematizações em saúde formal e informal, públicas e privadas, bem como contribuição para adoção de um novo caminho de atenção básica, integrativas e complementares à saúde.

Assim, uma possibilidade de reconhecimento da Medicina da Floresta como caminho para autocura, uma contribuição necessária ao paradigma hegemônico, que diante dos desafios que estamos vivendo da Pandemia que se instaurou no Planeta Terra, fica mais evidente e fortalece a necessidade desse novo olhar imbuído de constatações relevantes.

Portanto, uma atitude coerente e que necessita da efetiva construção e difusão de saberes, conhecimentos e práticas milenares em saúde por meio da oralidade, ancestralidade, articulação com a natureza como uma possibilidade de viver com boa saúde. Pois, os campos de atuação em saúde necessitam das articulações com os líderes, mestres estudiosos da natureza pela importância emergente para a saúde global, universal, humana e planetária.

Desta forma, o exercício e a prática, diante dos processos das aprendizagens para se instaurar um mestre da medicina tradicional indígena, bem como outros afazeres dentro de uma aldeia. Assim, segundo a sabedoria dos anciãos desses povos, esse processo é instituído pela liberdade de escolha e pela sabedoria, que cada indígena sabe qual seu caminho a seguir no conhecimento do mundo que nos rodeia e vislumbrando o ritmo natural do tempo, em processos de trocas de saberes, conhecimentos e práticas com a natureza.

Sendo esta a biblioteca onde contém os livros para a produção do conhecimento e para a labuta cotidiana do viver coletivo no campo prático do ensino e experimentação dos conhecimentos adquiridos. Uma conjunção em pesquisar, observar, escutar, refletir, construir e difundir os saberes, os conhecimentos e as práticas, numa vigilância cuidadosa e cotidiana, sempre em equilíbrio com o céu e a terra.

Retomando os objetivos específicos, as medicinas têm uma imbricação direta com a espiritualidade na motivação e respeito à fonte criadora, de modo que precisamos viver e não sobreviver, entendendo que tudo é de todos. De acordo como nosso Pai Universo, não existe nome e sim mistérios, seus ritmos e razão de existência. Dessa forma, não deveria existir rejeição aos aprendizados populares e saberes tácitos, mas uma vivência no perfil da natureza, explicitado em eu cuido de você e você cuida de mim.

Por isso, a saúde por essa cosmovisão é baseada também na alegria, na relação respeitosa e empática com o outro, uma mestria³⁰ em lidar com o corpo cognoscível com a sabedoria e caminhos de cuidar do outro, baseado no sentimento de felicidade em ver o outro bem. Um eterno aprendizado em que se eu estou bem, o outro está bem, visando o equilíbrio do universo desta maneira abundante e equilibrada para vivermos o nosso propósito na individuação transcendendo ao todo.

Diante desta compreensão, a proposição da Matriz Fito Galáctica, tem a intenção de apresentar percursos teóricos—metodológicos que alonguem o diálogo acerca da articulação no processo de cuidados pela Medicina Tradicional Indígena, percebendo a demanda de uma construção, de uma nova concepção em educação e saúde, de maneira a repensar as práticas, saberes e conhecimentos do nosso modo de viver assimilando o que é ter saúde e uma boa condição humana.

A construção do alicerce de autocura pela energia sutil das ervas medicinais neste estudo, traz pelo desempenho e significância da maraca, a condição de pensar a saúde em estudo futuro para construção da metodologia da maraca, uma proposta que emergiu do campo de pesquisa, e em harmonia aos anseios dos povos estudados.

Esse pensamento nos possibilita analisar a interseccionalidade pelas possibilidades de prevenção e promoção da saúde pelas Medicinas Indígenas dos Povos Kariri Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó, na configuração complexa, mas de uma grandeza de casos com desfechos para a melhoria da condição humana pessoal, familiar e conseqüentemente galáctica.

As relações da corporeidade e vida humana se fazem e se refazem de acordo com a vida e desenvolvimento da natureza. Nesse sentido, uma árvore realiza seus

³⁰ Termo apresentado pela consciência crística e detectado nos processos de autocura pela Medicina Tradicional Indígena, tendo como base a autoresponsabilidade no desenvolvimento das processualidades humanas com interação a partir de si e com a fonte construtora universal, a possibilidade de cura pela libertação das crenças limitantes, tornando-se mestre de si, exercendo a sua mestria. As partes apresentadas em negrito coadunam com as orientações do livro, *As Cartas de Cristo- a consciência Crística manifestada*, visando manter a autenticidade da energia das palavras que são sentidas de acordo a cada leitor. Uma forma que o canal-pessoa que recebeu a canalização-, sentiu executar para possibilitar a transmissão de forma mais perceptível e sensível da energia crística. De acordo com a Carta 8, p. 285 e 286, vale ressaltar que o exercer da mestria é vivenciada pelas suas escolhas e quando você puder introduzir a **Consciência Divina no campo de sua consciência humana**, literalmente receberá em seu interior- com aceitação compassiva e amor- a realidade humana de cada um de vocês; dissolverá a negatividade que reinava entre vocês e elevará as frequências vibratórias de sua consciência, o que o fará sentir-se mais leve e mais vibrante. Uma vez que isso deixará você em perfeita paz e não mais em conflito, é extremamente importante para o seu bem- estar. Entretanto, se você recusar a escutar, a ser empático e aceitar com amoroso perdão a “verdade” do outro, a rejeição criará uma energia emocional de “rejeição magnética” que unirá e reforçará outros resíduos de força energética de rejeição no campo eletromagnético de consciência de todo o seu sistema. O “magnetismo de rejeição” esgotará o “magnetismo de ligação” entre as células e uma doença se instalará. Esse **fato da existência** é o terreno de toda a medicina psicossomática.

ciclos e abundantemente vive sua essência, ela somente vive, pois, não tem o livre arbítrio de escolher, nem julgar. Porém, nós humanos escolhemos onde plantar as nossas sementes e onde deixar crescer as nossas raízes.

A sabedoria e articulação com os caminhos da maraca é podermos plantar as nossas sementes e deixar fluir a essência da sua criação cocriadora. Se porventura o fluxo pede para reorientar o caminho, feche o ciclo e siga. Saberá das perdas, porém ao fazer a mudança, ou por um motivo de adoecimento, o processo vital e energético é alterado, isso conseqüentemente irá comprometer toda a árvore e sua essência divina.

Da mesma maneira acontece com os seres humanos. Quando somos tirados da nossa raiz — cultura, família, crenças entre outros aspectos — cada um tem um ciclo a ser fechado que dever ser visto com cautela e amor incondicional, mas na certeza de continuar na progressão da vida, reconhecendo, perdendo, se amando, co-criando e seguindo o fluxo universal da fonte criadora.

Além disso, despontou-se a necessidade de abordagem teórico-metodológica acerca do uso da energia sutil das ervas e plantas medicinais, para modelagem da Mandala Fito Galáctica e à inclusão dos saberes populares, em especial dos saberes da Medicina Tradicional Indígena, de forma a modificar as posturas dos olhares e saberes em torno das autocuras pelas medicinas da floresta.

Conjecturalmente foi instituído um ambiente multirreferencial de aprendizagens, intitulado Owca Ayam, evidenciando as características do fazimento dialético do analista cognitivo proposto no programa de doutoramento, evidenciando a análise cognitiva como um campo necessário de experimentação demandada pelas etnias em compor um território, em Salvador-Ba, que pudesse agregar as práticas, saberes e conhecimentos indígenas na intenção de pensar a saúde cuidando da alma e não por ações que fogem da alma. Uma proposta em ter a consciência da existência indígena presente na acessibilidade dos diversos povos e suas necessidades de autocuras.

Como produtos da tese e que não se encerra nesta produção, tem-se a possibilidade já dialogada e construída a proposta preliminar conjuntamente de um Centro de Estudos e Vivências em Medicina Tradicional Indígena, no território de uma das aldeias deste estudo, bem como a criação no CRDH/UNEB da linha de estudo, pesquisa e extensão em Comunidades Tradicionais, Espiritualidade e Saúde

tendo na sua composição a participação dos indígenas respeitando os seus costumes e modos de viver.

Outros produtos visando a construção e difusão do conhecimento foi constituído, a pedido das indígenas, redes de colaboração virtual com uma mediação realizada pela autora, no intuito de difusão do amor incondicional e saúde proposta pelas medicinas do verde, das ervas medicinais e plantas sagradas. Bem como para difundir os artesanatos e práticas da medicina tradicional. Um chamado para quem sentir.

Assim, foi criado o *Instagram* e canal do *Youtube* do Ambiente Multireferencial de Aprendizagem, a *Owca Ayam* que de acordo com as anotações de campo e reunião com Wakay e Kwayá, Araújo, (2016), visa fortalecer os elos das famílias de alma e resgate ancestral dos irmãos em prol da elevação da consciência humana e cósmica, contribuindo para o desenvolvimento da saúde global, sistêmica e em harmonia com as leis universais.

Portanto, façamos a união para salvar o nosso planeta que está visivelmente com o equilíbrio ameaçado, na veracidade que necessita de leis de equilíbrio pautadas nos direitos humanos para a organização de interesses pessoais e coletivos dos humanos, da terra, dos animais, dos vegetais, dos minerais e do meio ambiente para a melhoria da condição humana no Planeta Terra. A biblioteca viva está sendo consumida pelo fogo devastador, seu lado de destruição, alimentando o ego humano nas relações de poder e riquezas pessoais. Sempre temos escolha!

Dessa maneira, o caminhar coletivo deste estudo indica o fortalecimento das partes construtoras da ciência, o saber acadêmico e saber popular articulados pela mestria do fazer viver harmônico e coletivo, na verdadeira integração social e cultural valorizando os diversos aspectos dos dois lados. Assim, para essa cosmovisão indígena o ancião é o doutorado, o adulto é o mestrado e a paisagem é o livro vivo.

REFERÊNCIAS

Livros:

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2007.

ARENDT, H. **The Human Condition**. Chicago: Chicago Press, 2007.

AS CARTAS de Cristo: a Consciência Cristica Manifestada. 2. ed. Curitiba: Almenara, 2012.

AS CARTAS de Cristo: Textos Complementares. Curitiba: Almenara, 2014.

AS CARTAS de Cristo: a Consciência Cristica Manifestada. 2. ed. Curitiba: Almenara, 2012.

BARBOSA, J. *et al.* **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BARROS, M. V. G. **Medidas de atividade física**: teoria e aplicação em diversos grupos populacionais. Londrina: Midiograf, 2003.

BECKER, R. O.; SELDEN, G. **The Body Electric**: eletromagnetism and the Foundation of Life. Colorado: Willian Morrow Paperbacks, 1998.

BENEVIDES, M. V. Educação em direitos humanos: de que se trata? In: BARBOSA, R. L. L. B. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectives**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 309-318.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOOG, G.; BOOG, M. (org.). **Manual de gestão de pessoas e equipes**: estratégias e tendências. Volume I. São Paulo: Gente, 2002.

BRASILEIRO, A. M. M. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

BRENNAN, B. A. **Mãos de Luz**: um guia para cura através do campo de energia humano. São Paulo: Pensamento, 2018.

BURNHAM, T. F. **Análise Cognitiva e Espaços Multirreferenciais de Aprendizagem**: Currículo, Educação a Distância e Gestão/Difusão do Conhecimento. Salvador: Edufba, 2012.

BURNHAM, T. F. **Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade**: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. Em Aberto, Brasília, ano 12, n. 58, abr./jun. 1993.

CÂNDIDO, P. **Os grandes mestres da humanidade**. Nova Petrópolis: Luz da Serra, 2012.

CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARVALHO, S. R. **Saúde Coletiva e Promoção da Saúde: sujeito e mudança**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CARVALHO, Y. M. **Nas fronteiras da Educação Física e das Ciências Humanas: itinerários**. São Paulo: Hucitec, 2009.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CHOPRA, D. **Você é o universo**. São Paulo: Alaúde, 2017.

COUTO, H. **O manual de instruções da ressonância harmônica**. 2. ed. São Paulo: Linear B, 2017.

CRUZ, D. **Kariri Xocó: contos indígenas**. São Paulo: Sesc, 2014.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 2014.

DETELEFSHEN, T.; DHALKE, R. **A doença como caminho**. São Paulo: Cultrix, 2007.

DIEDERICHS, S. R. **Haja luz**. 15. ed. Porto Alegre: Ponte para a Liberdade, 2000.

DRUKER, P. F. **O Melhor de Peter Druker: o Homem**. Tradução: Maria Lúcia L. Rosa. São Paulo: Nobel, 2001.

DUSSEL, H. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

ECKHART, T. **O Poder do Agora: um guia para a iluminação espiritual**. Rio de Janeiro: Sextante. Rio de Janeiro, 2003.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1994.

FERNANDES, U. (org.). **Fulkaxó: ser e viver Kariri –Xocó**. São Paulo: ESESC, 2013.

FIGUEIREDO, S. P. **Gestão do Conhecimento: estratégias competitivas para criação e mobilização do conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANCO, M. A. S.; GHEDIN, E. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GALEFFI, D. A. **Didática Filosófica Mínima: ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar**. Salvador: Quarteto, 2017.

GALEFFI, D. A. (org). **Epistemologia, construção e difusão do conhecimento: perspectivas em ação**. Salvador: Edufba, 2011.

GARNELO, L.; PONTES, A. L. (org.). **Saúde Indígena: uma introdução ao tema**. Brasília: MEC-SECADI, 2012.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIMENES, B. J. **Fitoenergética: a energia das plantas no equilíbrio da alma**. Nova Petrópolis: Luz da Serra, 2017.

GLEISER, M. **A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIMENES, B. J.; CÂNDIDO, P. **Manual de Magia com as Ervas**. Nova Petrópolis: Luz da Serra, 2016.

GERLIC, S., Lyngo. Índios na visão dos índios Kariri -Xocó. Programa de Incentivo a Cultura-FAZCULTURA, Salvador-Ba, 1999.

GERLIC, S., Wakay, Lyngo, Iraci. Índios na visão dos índios Fulni-Ô. Programa de Incentivo a Cultura-FAZCULTURA, Salvador-Ba, 2001.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HARARI, Y. N. **Uma breve história da humanidade**. 45. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2005.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva; 2017.

JONES, A. L. **Telos, livro Um: revelações da Nova Lemúria**. Curitiba: Almenara, 2017.

JONES, A. L. **Telos, livro Dois: mensagens para Iluminação da Humanidade em Transformação**. Curitiba: Almenara, 2018.

JONES, A. L. **Telos, livro Três: protocolos da quinta Dimensão**. Curitiba: Almenara, 2019.

JUNG, C. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOHN, R. C. **Os desafios da observação: sobre os desafios de nossas maneiras de perceber e de descrever os fatos humanos e uma exploração da observação questionante**. Tradução de Leliana Santos de Sousa. Curitiba: CRV, 2016.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEVY, P. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

LIPTON, B. H. **Biologia da Crença**. São Paulo: Sinais de fogo, 2020.

LUCIANO, G. S. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

LUZ, M. T. **Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais**. 3. ed. Hucitec: São Paulo, 2003.

MARTIUS, C. F. P. **Natureza, doenças medicina e remédios dos índios brasileiros**. Tradução de Pirajá da Silva. Rio de Janeiro: Companhia Nacional, 1939.

MCARDLE, W.; KATCH, F.; KATCH, V. **Fisiologia do Exercício: energia, nutrição e desempenho humano**. 4. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 1998.

MERTON, R. K.; BARBE, E. **The Travels and Adventures of Serendipity**. Princeton University Press, EUA, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1993.

MONTEIRO, J. M. O desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. B. (org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus; Brasília: MEC/Mari/Unesco, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NAHAS, M. V. **Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 3. ed. Londrina: Nahas, 2003.

NONAKA, I.; KROGH, G. V.; ICHIJO, K. **Facilitando a Criação de Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HERLIGER, B. **Ordens do Amor**. São Paulo: Cultrix, 2011.

ORLOVAS, M. S. P. **Os Sete Mestres: suas origens e criações**. 2. ed. São Paulo: Madras, 2003.

PEIRCE, P. **Frequência Vibracional**: as nove fases da transformação pessoal para utilizar todo potencial da energia interior. São Paulo. Cultrix, 2001.

PIERCE, P. **Frequência Vibracional**: as nove fases da transformação pessoal para utilizar todo o potencial da energia interior. São Paulo: Cultrix, 2011.

POLANYI, M. **The Tacit Dimension**. The University of Chicago Press, 1966.

PREZIA, B.; HOORNAERT, E. **Brasil Indígena: 500 anos de Resistência**. São Paulo: FTD, 2000.

REESE-SCHÄFER, W. **Compreender Habermas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, J. C. **Metodologia para Extensão em Educação em Direitos Humanos**. Salvador: EDUNEB, 2009.

ROCHA, J. C. **Metodologia de Pesquisa**: para graduação e pós-graduação presenciais e EaD: uma introdução à abordagem baseada em direitos. Curitiba: Apros, 2003.

RODRIGUES, A. G. *et al.* **Plantas medicinais e aromáticas**: etnoecologia e etnofarmacologia. Vicososa: UFV, 2002.

ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia e Saúde**. 5. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999.

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SANTOS, F. S. **As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil**: história e ciência na Trianga Brasília (séc. XVII-XVIII). São Paulo: Casa do Novo Autor, 2009.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P.; NUNES, J. A. Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SANTOS, B. S. (org.). **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Porto: Afrontamento, 2004.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2007.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo**: para um a nova cultura. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, L. (Org). **Direito da saúde no Brasil**. Campinas: Saberes, 2010.

Saberes e práticas: multirreferência e interdisciplinaridade. Volume 3/Leliana Santos de Sousa, Patrícia Carla Smith Galvão, Carla Renata Santos dos Santos. (Organizadoras).- Curitiba:CRV,2016.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo**: Um novo Design para o Ensino e a Aprendizagem. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SHELDRAKE, R. **Uma nova ciência da Vida**. São Paulo. Cultrix, 2013.

STEIN, M. **JUNG**: o mapa da alma. 5. ed. São Paulo. Cultrix, 2006.

STIBALL, V. **Thetahealing**: uma das mais poderosas técnicas de cura energética do mundo. Tradução de Giti Bond e Gustavo Barros. São Paulo: Madras, 2019.

VARELA, F. **Invitation aux sciences cognitives**. 2. Ed. Paris: Seuil, 1996

VARELA, F. THOMPSON, E., ROSCH, E. **A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana**. Lisboa: Epigênese, Desenvolvimento e Psicologia, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TRÊS INICIADOS. **Cabailon**: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia. São Paulo: Pensamento, 2019.

Anais

LAGE, A. L. Cognição Social e Aprendizagem Situada: construção de conhecimento na prática de um Instituto de Ciência e Tecnologia. In: Colóquio Internacional sobre Grupos Profissionais: Educação, Trabalho e Conhecimento. 5., 2013. **Anais [...]**. Salvador/BA, 2013.

MUNDUKURU, Daniel; POTIGUARA, Eliane. A imperdoável capacidade humana de apagar seus antepassados. In: FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE CACHOEIRA - FLICA. 2017. **Anais [...]**. Cachoeira-BA, 2017.

Artigos

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. *Indigenous Protagonism and Historical Reviews*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n. 75, 2017 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n75-02>. Acesso em: 20 dez. 2020.

AMADIGI, F. R. *et al.* (2009). A antropologia como ferramenta para compreender as práticas de saúde nos diferentes contextos da vida humana. **Rev. Min. Enferm.**, v. 13, n. 1, p. 131-138, jan./mar., 2009.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organization learning and communities-of-practice: toward an unified view of working, learning and innovation. **Organization Science**, v. 2, n. 1, p. 40-57, 1991.

BRUNING, M. C. R. A. Utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu – Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2675-2685, 2012

CARDOSO, M. Eu preciso de espaço! **Vida Simples**, 2019. Disponível em: <https://vidasimples.co/colunistas/eu-preciso-de-espaco/>. Acesso em: 22 set. 2020.

CARVALHEIRO, J. R. Dossiê Saúde Pública: os desafios para a Saúde. **Estud. av.**, São Paulo, v. 13, n. 35, jan./abr. 1999.

CELESTINO, M. R. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 75, 2012.

DRUCKER, P. Os Três Pilares da Gestão do Conhecimento. **Revista Espaço Acadêmico**, mar. 2006.

FERLA, A. A.; TREPTE, R. F. O fazer e aprender pesquisa numa perspectiva menor: narrativa no processo de produção de conhecimento. **Revista Psicologia da UNESP**, 2017.

FERIGATO, S. H.; CARVALHO, S. R. Qualitative research, cartography and healthcare: connections. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 15, n. 38, p. 663-75, jul./set. 2011.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483- 502, set./dez. 2005.

FRIGOTTO, G. Trabalho como princípio educativo; por uma superação das ambiguidades. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 173-192, set./dez. 1985.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE DIREITOS HUMANOS. El Colégio de México. Derecho indígena y derechos humanos en América Latina. **Revista IIDH**, p. 213-238, 1988). Disponível em: <http://www.iidh.ed.cr>. Acesso em: 20 out. 2020.

MUNDURUKU, Daniel Três reflexões sobre os povos indígenas e a Lei 11.645/08. **Moitará**, v. 1, n. 1, nov./dez. 2014. Disponível em: <http://fundacaoarapora.org.br/moitará/edicao01/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

OLIVEIRA, T. R.; PARAISO, M. A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-posições**, 2012.

PIVETTA, M. Nova geração de espectrógrafos deve possibilitar a descoberta de planetas gêmeos da Terra. **Pesquisa Fapesp**, out. 2017. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/10/058-061_exoplanetas_260.pdf. Acesso em: 22 ago. 2019.

SOLIVERES, A. P. Les Brancardiens de la Republique: Soignants et travailleurs sociaux? **Pratiques Cahiers de la Médecine Utopique**, France, n. 40 jan. 2008.

STAVENHAGEN, R. **Clases, colonialismo y aculturación. América Latina: Revista del Centro Latinoamericano de Investigaciones en Ciencias Sociales**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, 1963.

TESSER, C. D.; LUZ, M. T. Racionalidades Médicas e Integralidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 1, p. 195-206, 2008.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VALLA, V. V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e realidade**, v. 21, n. 2, 1996.

Relatórios

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção de Saúde/ Ministério da Saúde, Secretária de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Indígenas. 2010 (On-line). Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/video-2>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Carta de Ottawa: primeira Conferência internacional sobre promoção da saúde**. 2008. (On-line). Disponível em: <http://www.opas.org.br/coletiva>. Acesso em: 15 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Carta de Ottawa: primeira conferência internacional sobre promoção da saúde**. 2006. (On-line). Disponível em: www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. A saúde mental pelo prisma da saúde pública. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Genebra: OPAS/OMS, 2001.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION - UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 2010. (On-line). Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129766_por. Acesso em: 20 jan. 2021.

Aula de campo/laboratório

Laboratório 3 da FACED/UFBA enquanto espaço equipado com logística destinado à pesquisa do DMMDC e onde ocorre regularmente a aula de Análise Cognitiva.

Anotações de Aula

SOUSA. Leilane. **Anotações de aula no componente curricular AnCo I**. Salvador: UFBA, 2017.

Anotações de Curso

GIMENES, B.; CÂNDIDO, P. **Anotações do Curso de Fitoenergética**. Turma 07. Salvador: Instituto Luz da Serra, 2018.

Teses de Doutorado

BURNHAM, T. F. **Cognitive aspects of the implementation of lessons by biology student teachers**. Southampton [UK]: University of Southampton, 1983.

Apostilas

Apostilas fornecidas no curso de Fitoenergética, 2019.

Vídeos

ARCANJO Miguel: Caminhando pelo Akasha. Publicado pelo canal Anjos e luz terapias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yXmoFYMTQw>. Acesso em: 20 out. 2020.

ARCANJO Miguel: Os Elementais. Publicado pelo canal Anjos e luz terapias. 2020. 1 vídeo (39 min. 57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vclszFZfPDE&t=499s>. Acesso em: 20 out. 2020.

ENCONTROS ao vivo. Publicado pelo canal Projeto Lacam. 2020. 1 vídeo (1 h 15 min. 32 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h9AfVOvVipo&t=2528s>. Acesso em: 20 out. 2020.

EXPERIMENTO da dupla fenda. Publicado pelo canal Átomo quântico. 2018. 1 vídeo (17 min. 55 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TMcu-J2BgHU>. Acesso em: 20 out. 2020.

HÉLIO Couto. A Experiência da Dupla Fenda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ZhYjgKkX4M&t=74s>. 2018. 1 vídeo (17 min. 55s). Acesso em: 14 set. 2019.

LEO Artese. Plantas de Poder. 2018. 1 vídeo (48min. 31 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lpd6h-qr1J0>. Acesso em: 03 mar. 2021.

LIGHTWORKERS - Trabalhadores da Luz. Série "Ascensão Consciente". 2019. 1 vídeo (06 min. 57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4H8AY5Kc9Lk>. Acesso em: 23 abr. 2019.

REALIDADE Física e a Realidade Quântica. Publicado pelo canal Lightworkers-Trabalhadores da Luz. 2019. 1 vídeo (11 min. 45 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4gQ_wTQMCP4. 20 out. 2020.

Sites

ANJOS E LUZ TERAPIAS. **Arcanjo Miguel** - Os Elementais. 2020. (On-line). Disponível em: <https://www.anjoseluz.com/post/arcanjo-miguel-os-elementais>. Acesso em: 23 mar. 2019.

CARDIAL, Richard. Qual é a verdadeira quantidade de água que temos no planeta Terra? **Galeria do meteorito**, dez. 2014. Disponível em: www.galeriadometeorito.com/2014/12/qual-e-porcentagem-de-agua-na-terra.html. Acesso em: 23 mar. 2019.

CÉLULAS tronco em revisão. **Pesquisa FAPESP**, v. 260, out. 2017. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/folheie-a-ed-260/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

DIÁRIO médico. **Médico**. s.d. (On-line). Disponível em: <https://www.dicionariomedico.com/isplay.php?action=search&word=medicina>. Acesso em: 23 mar. 2019.

DICIO. **Complexidade**. s.d. (On-line). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/complexidade/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

DICIONÁRIO Aurélio. **Trilha**. 2009. (On-line). Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/trilha/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Mandala**: significado, origem e simbolismos desse desenho espiritual. s.d. (On-line). Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/mandala/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

EMOTO, E. A Mensagem da Água. **Japão em foco**, set. 2019. Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/masaru-emoto-a-mensagem-da-agua//>. Acesso em: 23 mar. 2019.

HISTÓRIA E CULTURA GUARANI. **Assembleias de chefes indígenas e tutela nos anos 1970**: início dos Movimentos Indígenas no Brasil, e organizações atuais. s.d. (On-line). Disponível em: <https://historiaeculturaguarani.org/territorialidade/movimentos-indigenas-leis-demarcatorias-e-territorialidade-guarani/assembleias-de-chefes-indigenas-e-tutela-nos-anos-1970-inicio-dos-movimentos-indigenas-no-brasil-e-organizacoes-atuais/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

OXFORD DICTIONARY. **Serendipity**. 2018. (On-line). Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/serendipity>. Acesso em: 23 mar. 2019.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Teoria de gaia**. s.d. (On-line). Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/meio-ambiente/teoria-de-gaia>. Acesso em: 23 mar. 2019.

PRIBERAM Dicionário da Língua Portuguesa. **Conceito de Fito**. s.d. (On-line). Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/fito>. Acesso em: 23 mar. 2019.

RODRIGUES, Danutta. A descolonização do pensamento proposta por Daniel Munduruku e Eliane Potiguara: “Eu não sou índio”. **Povos indígenas no Brasil**, out 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Not%C3%ADcias?id=183225>. Acesso em: 23 abr. 2019.

VESCHI, B. **Etimologia de saber**. s.d. (On-line). Disponível em: <https://etimologia.com.br/saber/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

WEBSTER'S COLLEGIATE DICTIONARY. **Serendipity**. 2019. (On-line). Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/serendipity>. Acesso em: 23 mar. 2019.

WOODS HOLE OCEANOGRAPHIC INSTITUTE. **Horward Perlman**. 2019. (On-line). Acesso em: 04 mar. 2019.

ANEXO A - TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
LABORATÓRIO NACIONAL DE COMPUTAÇÃO CIENTÍFICA – LNCC/MCT
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA
SENAI / CIMATEC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro, através do presente deste termo, que estou de acordo em participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada **“SABERES, CONHECIMENTO E PRÁTICAS MEDICINAIS TRADICIONAIS NA COSMOVISÃO INDÍGENA DOS POVOS ORIGINÁRIOS KARIRI-XOCÓ, FULNI-Ô E FULKAXÓ”**. Fui informado (a) quanto ao objetivo da pesquisa, que se concentra em propor um referencial analítico para a articulação de saberes, práticas e conhecimento no processo de construção destes pela cosmovisão da Medicina Tradicional Indígena de acordo às etnias envolvidas: Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó. A justificativa para realização da presente pesquisa concentra-se principalmente na crença de que a diversidade de saberes contribui para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, e que a articulação de diferentes saberes é um dos elementos-chave no processo de desenvolvimento de uma melhor condição humana. Além disso, este estudo instituirá numa construção relevante, contribuindo, no âmbito Científico, para as discussões acerca da articulação de saberes e saberes em saúde de comunidades tradicionais indígenas no processo de construção de uma melhor condição de vida, área de pesquisa que é, ainda, um ramo considerado recente da academia. Quanto aos procedimentos de coleta de dados, serão utilizados a observação participante, a história oral e o diário de campo. As informações serão coletadas nas instituições às quais autorizaram a participação na pesquisa, bem como na Reserva Tháfhene (espaço onde são realizadas as práticas cotidianas de trabalho com a Medicina Tradicional Indígena das etnias envolvidas no estudo), após aceite dos participantes. Fui informado (a) também sobre os benefícios da pesquisa para a ciência, bem como para o desenvolvimento das práticas, saberes e conhecimentos em medicina tradicional indígena e do país.

Estou ciente que, aceitando a participar desta pesquisa, estou permitindo que a pesquisadora Manuela Barreto de Araújo me visite e faça perguntas relacionadas ao tema da pesquisa, bem como quando estiver no campo ou em atividade relacionada a medicina tradicional indígena, possa observar e fazer algumas anotações do que acontece no meu cotidiano. Nessas visitas a pesquisadora irá utilizar um gravador, máquina fotográfica e/ou filmadora.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Não há previsão que eu tenha algum gasto com esta pesquisa, porém, se isso acontecer, e for devidamente comprovado, fui informado que terei o valor devolvido pela pesquisadora.

Estou ciente também que a participação nesta pesquisa não traz nenhum tipo de risco para mim. Talvez, apenas um sentimento de timidez. Fui informado também que se eu sofrer algum dano decorrente da minha participação na pesquisa poderei concorrer a uma compensação pelo dano causado.

Fui informado (a) também que o uso das informações por mim oferecidas está submetido às questões éticas relacionadas à pesquisa com Seres Humanos, estabelecidas pela Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde (MS).

Estou esclarecido (a) de que as filmagens, fotografias pessoais no âmbito do meu cotidiano do tema do projeto, bem como as informações por mim concedidas poderão ser utilizadas, no todo ou em parte, na tese de doutorado da pesquisadora e que os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em eventos e publicações científicas, sendo-me garantido que terei, no que couber, minha identidade preservada.

Fui esclarecido de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Fui informado (a) que acesso a qualquer etapa do estudo, bem como aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os responsáveis pela pesquisa são: Manuela Barreto de Araújo (estudante doutoranda/Pesquisadora responsável) e José Claudio Rocha (Orientador/Pesquisador), que poderão também ser encontrados na Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento, FAGED - UFBA: Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, CEP: 40.110 100 - Salvador –BA. Ou através do E-mail: maraujo@uneb.br e jrocha@uneb.br. Se o Sr (a) tiver alguma consideração ou dúvida sobre a Ética da Pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia, localizado Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23.

Água de Meninos, Salvador- BA.

CEP:40460-120. E-mail: cepuneb@uneb.br

Assino o presente documento em duas vias de igual conteúdo, ficando uma via comigo.

Local: _____ Data: ____/____/____

Assinatura do Participante

Documento:

Sugestão de um alônimo a ser utilizado, caso seja necessário: _____

Espaço para impressão digital, caso necessário.

Assinatura do orientador da Pesquisa

Assinatura da orientanda (doutoranda)

ANEXO B - PERGUNTAS QUE ERAM REALIZADAS NAS VIVÊNCIAS

Perguntas para o Grupo Focal

1. De que maneira vocês compreendem a vida?
2. Quais saberes e práticas vocês utilizam para buscar saúde?
3. Como vocês usam as ervas para cura?
4. Qual significado da maraca?
5. O que é saúde?

ANEXO C - PERGUNTAS NAS RODAS DE AUTOCURA

Querida pessoa,

Por gentileza gostaria que respondesse essas perguntas referente a Roda de Cura Indígena que você participou.

1. Quais observações você relata relacionado ao conceito que você tinha sobre saúde anterior a roda de autocura?
2. Qual foi o ponto que mais lhe tocou?
3. Que aprendizado você teve da vivência que participou?
4. Qual mensagem você deixaria para os indígenas e sua caminhada na cura pela energia das ervas?

Obs:

Esses dados serão utilizados na minha pesquisa de doutorado, intitulada Saberes, Conhecimento e Práticas Medicinais Tradicionais na Cosmologia Indígena dos povos originários Kariri Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó, realizado no DMMDC/UFBA. Ao me enviar estas respostas você está de acordo que eu as utilize neste trabalho. O seu nome será mantido em total sigilo e utilizarei as respostas de acordo às normas da ética em pesquisa.

Sou grata pela sua contribuição,

Manuela Barreto de Araújo

ANEXO D - IMAGENS DE CAMPO

Figura 30: Encontro para diálogo das Medicinas na Owca Ayam com Wakay e Tchôbirrinha (2019)

Fonte: Elaboração própria (2019).





Figura 31: Realização do Símbolo Sagrado por Wakay (03.06.2019), vivência para as reflexões das trilhas deste trabalho. Pintura realizada por Manuela /Madjowane

Fonte: Elaboração própria (2019).



Figura 32: Intercambiando saberes. Visita com os indígenas no Museu Pelourinho-SSa/BA.

Fonte: Elaboração própria (2019).



Figura 33: Momentos na Mata, movimentos das medicinas indígenas na Aldeia Fulkaxó: Rayra e Yetsãmy
Fonte: Elaboração própria (2019).



Figura 34: Roda de diálogos com toré
Fonte: Elaboração própria (2019).